

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

FABIANE MARIA LORANDI PASA

“ELES PARTIRAM CEDO”:
MORTE, LUTO E RESILIÊNCIA
DIANTE DA FÉ CRISTÃ

Prof. Dr. Érico Hammes

Orientador

Porto Alegre
2013

FABIANE MARIA LORANDI PASA

“ELES PARTIRAM CEDO”:
MORTE, LUTO E RESILIÊNCIA
DIANTE DA FÉ CRISTÃ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Érico Hammes

Porto Alegre
2013

FABIANE MARIA LORANDI PASA

**“ELES PARTIRAM CEDO”:
MORTE, LUTO E RESILIÊNCIA
DIANTE DA FÉ CRISTÃ**

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de concentração em Teologia Sistemática.

Aprovado em 20 de março de 2013, pela Banca Examinadora.

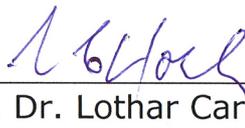
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Érico João Hammes
(Orientador)



Prof. Dr. Leomar Antonio Brustolin



Prof. Dr. Lothar Carlos Hoch

*“Nunca mais vou me esquecer
que o bispo olhou meus três filhos no caixão,
me abraçou, disse que não tinha
o que explicar e chorou.
Ainda vou agradecê-lo por aquele gesto.”*
(Mãe entrevistada n. 2)

RESUMO

A questão norteadora desta pesquisa parte do diálogo entre a Teologia e a Psicologia sobre a semântica da morte, os processos psicológicos que emergem no luto, principalmente, na perda violenta de um filho e como a fé na ressurreição pode auxiliar na resiliência no momento de sofrimento e perda. A pesquisa dá ênfase ao conceito de morte e ressurreição para a Teologia, tendo como ponto de partida a morte de Cristo, seu significado para o cristão, a finitude humana e a esperança cristã na ressurreição e na vida eterna. O estudo proposto baseia-se na reflexão de teólogos e psicólogos que abordam o tema em questão. Uma pesquisa de campo com vinte mães enlutadas foi realizada, cuja análise mostra aspectos significativos para uma atuação interdisciplinar, evidenciando a relevância do tema pela contribuição que poderá trazer para a Teologia como atuação pastoral e como ciência que busca compreender o mistério da vida humana em todas as suas dimensões e etapas: do amanhecer ao entardecer da vida.

Palavras-chave: Morte. Luto. Resiliência. Ressurreição.

ABSTRACT

The guiding aspect of this paper starts from the dialogue between Theology and Psychology on the semantics of death, the psychological processes emerging from mourning – mainly in the violent loss of a child – and how the faith in the Resurrection can assist in becoming resilient in this time of grief and loss. The survey places emphasis on the concept of death and resurrection in Theology, taking, as its starting point, the death of Christ and its meaning for the Christian, the human finitude, and Christian hope in the resurrection and eternal life. The study is based on the reflection of theologians and psychologists addressing the topic in question. A field survey with twenty mothers in mourning was held, the analysis of which shows significant aspects for an interdisciplinary activity, demonstrating the relevance of the theme in offering contribution for Theology in its pastoral action, and as science, which seeks to understand the mystery of human life in all its dimensions and stages: from beginning to end of life.

Key-words: Death. Mourning. Resilience. Resurrection.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>La Casita</i> : Síntese de alguns elementos para a construção da resiliência	44
Tabela 1 – Dados gerais da pesquisa sintetizados	81

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BICE	Bureau International Catholique de L'Enfance
CEC	Catecismo da Igreja Católica
CIER	<i>Centro de Información y Estudios de Resiliencia</i>
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DH	DENZINGER, Hünermann. Compêndio dos símbolos, definições e declaração de fé e moral
DS	DENZINGER, Schönmetzer. Compêndio dos símbolos, definições e declaração de fé e moral
Doc.	Documento
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
DSM	<i>Diagnostic Statistical Manual</i> – Associação Americana de Psiquiatria
DV	<i>Dei Verbum</i> – Constituição dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Revelação Divina
GS	<i>Gaudium et Spes</i> – Constituição pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo de hoje
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LG	<i>Lumen Gentium</i> – Constituição dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Igreja
OMS	Organização Mundial da Saúde
Pont.	Pontifício
S.Th.	TOMÁS DE AQUINO – Suma Teológica
UNESCO	União das Nações Unidas para a Educação
UTI	Unidade de Tratamento Intensivo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 MORTE, LUTO E RESILIÊNCIA	14
1.1 MORTE	14
1.1.1 A morte no Ocidente a partir da modernidade	16
1.1.2 O medo da morte	19
1.2 LUTO	22
1.2.1 Tipos de Luto	27
1.2.2 Fases do Luto	29
1.2.3 O luto materno e o sofrimento da família	37
1.3 RESILIÊNCIA.....	41
1.4 BREVE CONCLUSÃO	45
2 MORTE E FÉ NA RESSURREIÇÃO	47
2.1 PERSPECTIVA BÍBLICA.....	49
2.1.1 A morte no Antigo Testamento	50
2.1.2 A ressurreição no Antigo Testamento	52
2.1.3 A morte no Novo Testamento	54
2.1.4 A ressurreição no Novo Testamento	57
2.2 OS FUNDAMENTOS NA TRADIÇÃO CRISTÃ.....	59
2.2.1 A ressurreição dos mortos nas Fórmulas batismais e nos Símbolos	59
2.2.2 No tempo dos Mártires e das catacumbas	61
2.2.3 A Teologia Patrística	62
2.2.4 A reflexão de Santo Tomás de Aquino	64
2.3 O ENSINAMENTO DO MAGISTÉRIO DA IGREJA	66
2.4 A VISÃO PROTESTANTE	70
2.5 QUESTÕES NA TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA.....	71
2.5.1 Ressurreição na morte	71
2.5.2 Ressurreição na Parusia	74

2.6 BREVE CONCLUSÃO	76
3 MORTE E RESSURREIÇÃO NA PRÁXIS CRISTÃ	78
3.1 A PESQUISA	79
3.1.1 O perfil das mães	79
3.1.2 Considerações importantes	82
3.1.3 Leitura dos dados	82
3.2 ANÁLISE DOS DISCURSOS	84
3.2.1 Sentimentos pela perda do filho	84
3.2.2 Memórias do funeral	90
3.2.3 O sentido da morte	92
3.2.4 Consolação no luto	95
3.2.5 Crença na vida eterna	101
3.2.6 A fé na ressurreição	103
3.2.7 Fé em Deus como esperança	107
3.3 A INTERFACE DA PSICOLOGIA COM A TEOLOGIA PRÁTICA	109
3.4 O CUIDADO DEDICADO AOS ENLUTADOS	111
3.5 BREVE CONCLUSÃO	115
CONCLUSÃO	117
REFERÊNCIAS	123
APÊNDICE A –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	133
APÊNDICE B – TÓPICO-GUIA	134
APÊNDICE C – ENTREVISTAS	135

INTRODUÇÃO

Desde as grandes civilizações primitivas, o fenômeno da morte traz um misto de curiosidade e mistério. Pode-se dizer que, em algumas culturas, o medo é mais dominado e menos intenso. Ele atinge todos os seres humanos. Esse temor tem seu lado positivo na medida em que inspira e é fonte de todas as realizações e batalhas diárias. Muito daquilo que se faz, ainda que inconscientemente, é para transcender a morte.

O objetivo deste estudo esteve centrado na pergunta fundamental sobre a fé cristã na ressurreição como resiliência para o luto. Além da busca em referencial teórico, foi realizada uma pesquisa com mães enlutadas que vivem, na sua maioria, em grande vulnerabilidade social, não tendo acesso a tratamento psiquiátrico ou psicológico. A vulnerabilidade é atribuída ao modo de obtenção de informações, como o acesso aos meios de comunicação, a escolaridade, a disponibilidade de recursos materiais, as possibilidades de enfrentar barreiras culturais, o estar livre de coerções violentas ou poder se defender delas, bem como todos os aspectos referentes à estrutura, à organização e à dinâmica familiares. Assim, essas condições, na maioria das vezes não convenientes, precisam ser consideradas, quando se deseja compreender as razões pelas quais as pessoas pensam e reagem a situações traumáticas como a perda e a morte.

Na contemporaneidade, a morte se tornou algo que *deve* ser escondido e mascarado. Perante uma sociedade que valoriza a estética, a beleza e o vigor, a finitude humana é negada nas mais variadas formas, desde o sentimento de onipotência até o desejo incessante de eternizar o presente. A morte deixou de ser vista como aquela que faz parte da vida, sendo associada ao fracasso dos seres humanos, que, ao se sentirem como pequenos deuses, não conseguem dominá-la. No entanto, limites, rupturas, catástrofes e violência permeiam a realidade de modo a exigir que pensemos sobre a forma como as pessoas lidam com isso e como reagem quando são atingidas pela dor da perda. O avanço rápido das novas tecnologias e das conquistas científicas e a capacidade do ser humano de desenvolver novos instrumentos e

armas para destruição em massa não eliminaram a morte, e, em certos casos, aumentam o temor de uma perda violenta e catastrófica.

A apatia e o crescente individualismo produzem um ser humano que rejeita sua memória, esquece os mortos e abandona o culto aos ancestrais. A consequência dessa postura é a perda da esperança, e seu fruto é o vazio de uma existência que tende ao fim.

No entanto, não se pode negar que, ao longo da vida, o ser humano se defronta com as mais diversas perdas. Porém, a perda de alguém com quem se mantém vínculos afetivos é uma experiência dolorosa que fere e expõe a pessoa à sua própria impotência. Nesse pensamento, o problema não se restringe simplesmente à vida e à morte, mas ao amor e à morte, pois vida e morte não são apenas dados biológicos, mas experiências fundamentais que estão entrelaçadas. Pelo amor, as pessoas se tornam ativas e tornam outras pessoas vivas, mas por meio dele também se tornam vulneráveis diante da perda, do sofrimento e da morte. A morte de uma pessoa querida provoca o sofrimento da falta e o luto, e esse causa dor física e emocional, cujas implicações e peculiaridades dependem de cada pessoa, pois a morte é uma perda sem retorno, porque a morte não é apenas um fato biológico do fim, mas é, também, a morte de toda a pessoa: suas relações e afetos; é, portanto, um evento que atinge toda a vida.

Vários teóricos afirmam que o ser humano é mortal, mas busca a imortalidade. Do ponto de vista da Psicologia, isso é bastante compreensível e talvez se explique melhor pela noção básica psicanalítica de que, no inconsciente, a morte nunca é possível, principalmente quando se trata de nós mesmos ou de quem se ama. Os teóricos sobre o luto também reiteram a colocação de que o ser humano nega intensamente a possibilidade da morte.

Porém, questionando a morte, se questiona a vida, ou seja, o modo como o ser humano está vivendo, tendo esperanças e como se posiciona perante tal mistério. Então, são inevitáveis as perguntas inquietantes ante o destino último da biografia pessoal que, em princípio, com a morte se desfaz.

A escolha do tema deste trabalho partiu da atuação na Psicologia clínica e na atividade pastoral, onde o assunto *morte* perpassa a vida das pessoas. Não são raros os casos de famílias que perdem seus filhos devido à violência, seja no trânsito, nas drogas, seja em outras formas de a mesma se manifestar na sociedade. Nesses casos, é notável que, diante do sofrimento da morte, busquem-se respostas – muitas vezes não encontradas. Torna-se importante estabelecer um diálogo entre a Teologia e a Psicologia, envolvendo a concepção de morte, os processos psicológicos que emergem no luto, principalmente na perda violenta de um(a) filho(a), e co-

mo a fé cristã na ressurreição pode auxiliar como agente de resiliência no momento de sofrimento e perda. Para clarificar determinados conceitos e reflexões sobre as duas áreas em questão, a investigação foi organizada em três seções.

A primeira seção apresenta a *Morte, Luto e Resiliência*. A busca por diversos autores referenciais no assunto, como Parkes, Kovács, Kübler-Ross, Bowlby, Ariès, entre outros, favorece o entendimento maior de conceitos tanto sobre a morte como sobre o luto. Kübler-Ross apresenta reflexões significativas *Sobre a Morte e o Morrer*, uma de suas principais obras, assim como Parkes realizou inúmeras pesquisas com enlutados, e Bowlby, que desenvolveu a teoria do vínculo e do apego maternos. Através de estudos realizados por Ariès, constata-se a transformação da visão da morte no Ocidente desde o período moderno até a atualidade.

As pessoas que são capazes de superar as *diversas mortes*, aquelas perdas menores que ocorrem no dia a dia, certamente, terão maior facilidade para enfrentar uma situação de morte. A definição de luto e de suas manifestações torna-se importante para a pesquisa, pois, pelo entendimento de determinadas reações, é possível uma maior compreensão e efetiva ajuda a quem está enlutado. Da mesma forma, com base em Bowlby e Kübler-Ross, são apresentadas as fases do luto, cujo processo, embora não seja estático e linear, torna-se imprescindível para sua elaboração. Outra definição apresentada na seção é a de resiliência que, na Psicologia, significa resistir às crises. Resilir é recuperar-se, reerguer-se após uma situação difícil, como um trauma, um estresse ou uma vulnerabilidade. A fé é vista como importante auxílio para o desenvolvimento da resiliência. Essa seção não tem como objetivo aprofundar o cunho psicanalítico, embora alguns conceitos básicos da Psicanálise sejam citados no decorrer do texto.

A segunda seção é intitulada *Morte e a Fé na Ressurreição*. Inicia-se com uma breve reflexão interdisciplinar sobre a morte, passando para a experiência bíblica da morte e ressurreição, tendo como ponto fundamental o Mistério Pascal de Jesus Cristo e seu significado para a humanidade. É realizada uma menção à esperança dos mártires, partindo para a concepção de morte e ressurreição nos principais Símbolos, na Patrística e na Escolástica, tendo como referencial o ensinamento de Santo Tomás de Aquino, os documentos do Magistério e o que eles ensinam sobre a ressurreição dos mortos. Embora esse tema envolva várias questões sobre as realidades últimas, não é objetivo deste trabalho aprofundar mais a temática escatológica. A seção apresenta alguns aspectos que diferem na fé católica se comparada à protestante. Na Teologia contemporânea, alguns teólogos, como Moltmann, Cardedal, Ratzinger,

Rahner, Boff, entre outros, são apresentados, bem como suas concepções e discussões principalmente sobre a *ressurreição na morte* e a Parusia.

Na terceira seção, é apresentada a *Morte e Ressurreição na Práxis Cristã*, que parte da pesquisa de campo com mães enlutadas, como já mencionado anteriormente, cuja maioria delas apresenta uma condição econômica baixa, pois vivem em um meio social bastante vulnerável. Essa pesquisa foi realizada com vinte mães que perderam filhos de forma violenta, como homicídio, suicídio e acidente de trânsito. A escolha de situações envolvendo morte violenta se deu devido à realidade que permeia constantemente a vida das famílias. Porém não é objetivo, neste momento, aprofundar-se em dados e estatísticas sobre a mesma. A entrevista buscou analisar diversas questões, entre elas: Como se pode lidar com o sofrimento da perda? Que outras maneiras ou práticas podem ajudar no consolo ao sofrimento da perda? O que se entende *por* e o que se sabe *sobre* a ressurreição dos mortos? A fé na ressurreição auxilia para a resiliência? A pesquisa de campo foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PU-CRS, cuja prudência e manejo foram importantes na condução das entrevistas, devido ao sofrimento emocional que o assunto abordaria. É apresentada a metodologia usada, de cunho qualitativo, bem como a análise dos resultados da pesquisa, sendo usado para a categorização dos dados, o método de Discurso do Sujeito Coletivo, segundo Lefèvre e Lefèvre. A seção é encerrada dando ênfase ao cuidado dedicado aos enlutados através de Aconselhamento Pastoral.

1 MORTE, LUTO E RESILIÊNCIA

A questão sobre a morte é, em primeiro lugar, a pergunta sobre o sentido da vida. O que caracteriza o ser humano como tal e o diferencia dos animais é a sua racionalidade e, nisso, sua consciência da morte e da finitude humanas. Estudar a morte é refletir sobre a vida. O assunto *morte* é visto como um tabu, na maioria das vezes ocultado e *impronunciado*, mas, cada vez mais, a comunicação é necessária para o seu enfrentamento. Todo homem dirá, naturalmente, que sabe que um dia morrerá, mas está envolvido com a vida e não pensa a respeito da própria morte, porque a morte é sempre a do outro, do estranho, de alguém fora do seu próprio *eu*.¹

Quanto às questões de luto, é preciso considerar as reações e etapas manifestadas no enlutamento e algumas complicações que podem acontecer no decorrer do processo.

1.1 MORTE

O ser humano contemporâneo tende a negar a morte. A busca pelo avanço tecnológico e científico fez o homem desviar-se das questões relativas à sua finitude. A morte, quando pronunciada, desperta curiosidade, desconforto, emoções, reflexões e medo. Por isso, muitas vezes, a morte é mascarada:

O homem está bipartido: ao mesmo tempo em que [*sic*] sabe de sua finitude de forma racional e consciente, vive toda a sua existência com a morte presente em seus sonhos e fantasias. Durante toda sua existência o ser humano tenta driblar esse saber, essa consciência e age como imortal.²

Nessa suposta *busca pela imortalidade*, o ser humano age sem imaginar a própria morte. É como se acreditasse seriamente em sua imortalidade física. Há uma necessidade e um grande investimento no cuidado com a aparência e com a qualidade de vida, em busca da eternização do presente.

¹ Cf. FREITAS, N. K. *Luto materno e psicoterapia breve*, p. 21. A autora aborda a questão do pavor que acontece perante a própria morte. Mesmo que se passe pela terrível experiência de perder um ente querido, esta sempre será, por mais dolorosa que seja, uma reação diferente em relação à possibilidade da própria morte.

² KOVÁCS, M. J. *Morte e desenvolvimento humano*, p. 24.

Freud aborda questões de vida e morte em seu artigo *Além do princípio do prazer*,³ em que descreve que todo indivíduo possui pulsão de vida e pulsão de morte.⁴ A pulsão de vida seria representada pelas ligações amorosas que se estabelecem com o mundo, com as pessoas e consigo mesmo, enquanto a pulsão de morte seria manifestada pela agressividade que poderá estar voltada para si mesmo e para o *outro*. Embora pareçam concepções opostas, a pulsão de vida e a pulsão de morte estão conectadas, fundidas, e onde há pulsão de vida, há também pulsão de morte. A conexão só seria acabada com a morte física do sujeito.

A Psicologia assume o posicionamento relativo à morte adotado pela OMS,⁵ ocupando-se com as reações e os sentimentos que ela traz ao ser humano, tanto àquele que está à beira da morte quanto àquele que perde um ente querido. A definição dada à morte é que se trata de um acontecimento biológico que encerra uma vida. O conceito tradicional de morte biológica definida como o instante do cessamento dos batimentos cardíacos tornou-se obsoleto. Hoje, ela é vista como um processo, como um fenômeno progressivo.

Assim, a revisão do conceito de morte, definindo-a como morte encefálica, tornou-se necessária devido a diversos fatores, entre os quais se destaca a capacidade da Medicina de prolongar indefinidamente uma vida por meios artificiais.⁶ Esse misterioso momento de cessação da vida é que causa o pavor, principalmente em relação ao processo doloroso que pode levar à morte. O corpo humano vive em constante estado de vida e de morte. Desde a geração até o último suspiro desta realidade material, o ser humano está num contínuo viver e morrer, porque, a cada segundo, milhares de células (que constituem a expressão biológica) morrem, enquanto outras tantas são renovadas em substituição àquelas que morreram.

Para o médico e tanatólogo D'Assumpção, a morte pode ser expressa como o cessar da capacidade biológica de se autorregenerar. Pode acontecer devido a uma doença, à velhice, a

³ Os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte concebidos por Freud foram importantes para a construção da teoria psicanalítica, pois proporcionaram um novo entendimento sobre os registros do inconsciente, ampliando os estudos e as concepções sobre o psiquismo humano.

⁴ Cf. FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. In: _____. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1920/1996, v. 18, p. 18-24.

⁵ Cf. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Quando se caracteriza a morte e suas causas*. Disponível em: <http://search.who.int/search?q=medicina+paliativa&ie=utf8&site=default_collection&client=_es&proxystylesheet=_es&output=xml_no_dtd&oe=utf8>. Acesso em: 12 mar. 2012.

⁶ Cf. BRÊTAS, J. R. da S.; OLIVEIRA, J. R. de; YAMAGUTTI, I. L. Reflexões de estudantes de Enfermagem sobre a morte e o morrer. *Revista Escola de Enfermagem*, São Paulo: USP, v. 40, n. 4, p. 477-483, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v40n4/v40n4a04.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

acidente ou à violência. Assim, quando a expressão biológica de uma pessoa torna-se incapaz de se autorregenerar, diz-se que ela morreu.⁷

Segundo Ortega, com a própria morte a pessoa se retira do *jogo da vida*, que, não obstante, continua a partida com os outros *jogadores* que ficam.⁸ Nesse sentido, cessa a biografia pessoal que é o conjunto de atos, relações e modos de ser realizada nesta vida.⁹ Por isso, se supõe um vazio insubstituível, não somente para os que estão ao redor, mas também para o conjunto da humanidade. Segundo Kübler-Ross, a morte se constitui, ainda, num acontecimento de pavor, um medo generalizado, mesmo com as mudanças que ocorreram no decorrer dos séculos.¹⁰ O que mudou foi o jeito do homem de conviver e lidar com a morte, com o morrer e com quem está à beira da morte ou enlutado.

1.1.1 A morte no Ocidente a partir da modernidade

Ariès faz uma análise do homem perante a morte na visão ocidental. Ele descreve que, num mundo sujeito à mudança, a atitude tradicional perante a morte aparece como um embrião de inércia e de continuidade. Está tão apagada dos nossos costumes que se tem dificuldade em imaginá-la e compreendê-la. A atitude antiga em que a morte era, ao mesmo tempo, próxima e familiar, opõe-se demasiado à atual, pois causa tanto medo que já não se ousa pronunciar o seu nome.

É por isso que quando chamamos a esta morte familiar, a *morte domada*, não entendemos por isso que antigamente era selvagem e que foi em seguida domesticada. Queremos dizer, pelo contrário, que hoje se tornou selvagem quando outrora o não era. A morte mais antiga era *domada*.¹¹

⁷ Cf. D'ASSUMPÇÃO, E. A. *Sobre o viver e o morrer: manual de Tanatologia e Biotanatologia para os que partem e os que ficam*, p. 94-106.

⁸ Cf. ORTEGA, J. L. C. *Tipologia de la muerte II*. In: ORTEGA, J. L. C. *Sobre la muerte y el morir*. Burgos: Monte Carmelo, 2009, p. 58.

⁹ Na concepção de Ortega, cada pessoa em sua individualidade faz sua história no mundo de modo particular. Nesse aspecto, afeta o conjunto da humanidade, porque nunca um ser vai ser igual ao outro, deixando um vazio que não poderá ser ocupado, da mesma forma, por outra pessoa.

¹⁰ Cf. KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*, p. 8.

¹¹ ARIÈS, P. *O homem perante a morte*, p. 40.

Até 1914, no Ocidente latino e cristão, a morte de uma pessoa transformava e atingia de modo solene o espaço, a rotina e o tempo de um grupo social, que podia estender-se a toda comunidade. A casa do falecido se enchia de vizinhos, de parentes e curiosos. O sino tocava na torre da igreja. Não apenas todos morriam em público, mas a morte de cada um era um acontecimento público que comovia, nos dois sentidos da palavra, etimológico e derivado, e toda a sociedade precisava cicatrizar a dor da perda.

Em sua teoria, Ariès chama de *morte invertida*, ou *selvagem*, aquela em que a sociedade disfarça a morte, exceto a dos homens públicos. Nada se avisa ou se modifica na cidade quando acontece uma morte: o carro fúnebre negro foi substituído por outro qualquer, mais cinzento, imperceptível na circulação dos demais automóveis. As pessoas não se conhecem porque a urbanização tornou os pequenos povoados em grandes cidades, o toque do sino torna-se indiferente. “A sociedade deixa de fazer pausas: o desaparecimento de um indivíduo já não afeta a sua continuidade. Tudo se passa na cidade como se já ninguém morresse, a morte tornou-se selvagem.”¹²

Outro aspecto em relação à morte no século XIX foi o desaparecimento das cláusulas piedosas do testamento, aumentando a importância do diálogo último: a hora das últimas despedidas, das últimas recomendações, em confidência familiar ou em público.¹³ Essa troca íntima e solene foi suprimida pela obrigação de manter o moribundo na ignorância, morrendo sem nada ter dito. Nesse sentido, a contemporaneidade refere-se à morte como algo que não deve fazer parte da vida, pois é sinal de fracasso perante a onipotência humana, devendo ser mascarada, silenciada e disfarçada.

Em relação aos conceitos de Ariès, o sociólogo Elias concorda com o autor, com a metáfora da morte domada, em que a morte era vista com mais liberdade e clareza, e as pessoas lidavam com ela de modo mais espontâneo. Porém, considera unilateral a opção de Ariès pela metáfora como imagem representativa da literatura da Idade Média. Isso porque esse foi um período da história intensamente difícil e instável.¹⁴ A violência era comum, epidemias varriam as terras, milhares morriam atormentados e abandonados sem ajuda e conforto; enfim, a

¹² ARIÈS, P. *O homem perante a morte II*, p. 309-310.

¹³ Segundo as pesquisas de Ariès, no século XV até o início do século XIX, a redação dos atos perpetuáveis da sua vida era encomendada pelo testador e apenas por ele. Esse refletia longamente e, em muitos casos, compunha ele mesmo o seu epitáfio no silêncio do seu leito. (Cf. ARIÈS, P. *História da morte no Ocidente*, p. 64-65).

¹⁴ Cf. ELIAS, N. *A solidão dos moribundos*, p. 20-23.

própria expectativa de vida era menor, ensejando uma facilidade maior para aceitação da morte. Para Elias, havia evidentemente o horror da morte, intensificado durante o século XIV, um período de crescimento das cidades. “Com tais imagens aterrorizantes diante dos olhos, uma morte pacífica não pode ter sido fácil.”¹⁵ Por esse motivo, considera a metáfora de Ariès redutora em comparação com as atrocidades que aconteceram nesse período.

Por outro lado, outros autores e pesquisadores, sobre o aspecto social e psicológico da morte, concordam com Ariès e com seu modo de situá-la no contexto principalmente ocidental.

A crítica de Elias não precisa anular nem diminuir as contribuições de Ariès. O exame criterioso do contexto histórico esclarece e aprimora nossa concepção das variações no processo civilizador, pois as mudanças ressoam, nas atitudes pessoais e coletivas diante da morte e do morrer.¹⁶

Kovács também concorda com Ariès ressaltando que, embora algumas representações sejam mais típicas de uma época ou momento histórico, a maioria dessas manifestações pode ocorrer em qualquer tempo, como se vem constatando na contemporaneidade como a fuga e o medo da morte e da perda.¹⁷ Atualmente, encontram-se muitas razões para se fugir da morte. A mais saliente é a solidão em que as pessoas morrem, ou seja, em hospitais e UTIs. Na experiência clínica com pessoas à beira da morte, a psicóloga francesa Hennezel relata a importância de se dar oportunidades para o doente falar de seus desejos e medos.

Aprendi a não deixar passar esse momento, ainda que longe do fim, em que se pode falar, lúcida e serenamente, do modo como se deseja morrer e ser acompanhado. Muitos doentes, com quem pude abordar muito cedo essas questões, sentiram-se aliviados por poder exprimir seu desejo: ter ao lado de si tal ou tal pessoa ... ser envolvido de calma, silêncio, ou, ao contrário, de música, estar seguro de que se cuidará de seu corpo, que ele ficará limpo e apresentável.¹⁸

Como paradoxo à *morte invertida* e, convivendo com ela, discute-se outra representação de morte do fim do século XX e início do século XXI, que Kovács denomina como *morte*

¹⁵ ELIAS, N. *A solidão dos moribundos*, p. 22. O autor relata que, embora a morte fosse mais comum, as pessoas não deixavam de sofrer. Nesse sentido, na interpretação de Elias, Ariès vê a morte domada como ausência de medo ou terror.

¹⁶ VERDADE, M. M. Ecologia mental da morte: um novo olhar, uma nova escuta para a psicologia da morte. In: KOVÁCS, M. J. *Morte e existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008, p. 179.

¹⁷ Cf. KOVÁCS, M. J. *Morte e desenvolvimento humano*, p. 31.

¹⁸ HENNEZEL, M. *A morte íntima: aqueles que vão morrer nos ensinam a viver*, p. 122.

escancarada. Essa é caracterizada pela violência que traz a morte e a dor de modo inesperado a muitas famílias. Nessa representação, a morte é vista como invasiva e repentina, pois passa a fazer parte da vida das pessoas sem que elas consigam se proteger, se precaver ou pensar processualmente sobre ela. São exemplos de morte escancarada os acidentes, suicídios e homicídios, ou seja, as mortes violentas e repentinas.¹⁹ Se, por um lado, nos tempos antigos, o contato com a morte estava mais evidente, principalmente pelas limitações da ciência e da tecnologia, por outro lado, a fragilidade perante a morte tornava o ser humano mais vulnerável ao processo que essa causava em sua vida. Em seus estudos sobre a morte e o luto, Parkes escreve:

Um número substancial de mortes tem causas acidentais e agentes humanos. Quando elas realmente acontecem estamos menos preparados do que estaríamos naquelas épocas em que a maioria das crianças perdia irmãos, as mortes aconteciam em casa e a religião e a cultura colocavam as ideias sobre a morte em destaque.²⁰

Mesmo com a proximidade e inevitabilidade da morte, ainda ocorre um grave distúrbio na comunicação, podendo ser denominado como uma *conspiração de silêncio*. Essa se observa quando os pais não sabem se devem falar ou não sobre o falecimento de um parente próximo; professores se veem às voltas com perguntas insistentes sobre a morte de ídolos ou de amigos; profissionais de saúde não sabem como falar com seus pacientes e familiares sobre a possível morte do doente.²¹

1.1.2 O medo da morte

Para todas as perguntas que são feitas sobre a morte, não se encontram respostas exatas, causando insegurança e medo. O medo do morrer, entretanto, é essencial à vida. Devido a ele, toma-se cuidado com a saúde, com o corpo e com certos comportamentos que podem levar à morte.

¹⁹ Cf. KOVÁCS, M. J. *Educação para a morte: temas e reflexões*, p. 43.

²⁰ PARKES, C. M. *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*, p. 160. O autor considera em sua obra que, atualmente, se está menos preparado para situações de morte exatamente por não se falar em morte e morrer. Esse assunto é evitado mesmo quando está latente nas famílias ou em grupos sociais.

²¹ Cf. KOVÁCS, M. J. *Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação*, p. 117-132.

Segundo Kovács, alguns medos são mais conscientes e expressos, e outros permanecem latentes. Dentre os instrumentos mais usados para avaliar a intensidade desse medo, estão questionários, entrevistas, diários e a observação do comportamento. Os testes projetivos medem aspectos mais latentes e inconscientes do indivíduo, o que permite uma análise mais profunda da dinâmica do medo, mas podem acarretar dificuldades de interpretação. Hoelter, em 1979, realizou um estudo sobre as oito dimensões do medo da morte: a *Multidimensional Fear of Death Scale*. Esse estudo foi utilizado por Kovács no Brasil que, após a tradução, recebeu o nome de *Escalas Multidimensionais para Medir o Medo da Morte (EMMM)*.²²

O medo da morte é definido como uma reação emocional envolvendo sentimentos subjetivos de desagrado, e a preocupação, contemplação ou antecipação de quaisquer das várias facetas relacionadas com a morte, supondo-se que estes sentimentos possam ser conscientes.²³

As oito dimensões do medo da morte são as seguintes:²⁴

1. *Medo de morrer*: essa dimensão lida com a morte concreta abrangendo o modo específico de morrer. Por exemplo: o medo de morrer de câncer.
2. *Medo dos mortos*: essa dimensão esta relacionada com a reação das pessoas diante de animais ou pessoas mortas. Por exemplo: o medo de encontrar um cadáver, ou o horror de ver um animal morto.
3. *Medo de ser destruído*: percebe-se aqui o medo da destruição do corpo imediatamente após a morte. Por exemplo: medo que estudantes usem o corpo para pesquisas ou o medo de ser submetido à autopsia.
4. *Medo da perda de pessoas significativas*: esse é o medo do que o sentimento de perda pode causar em si mesmo. Por exemplo: medo de perder o marido, a esposa, filhos, pais...
5. *Medo do desconhecido*: essa dimensão lida com a questão última da existência e com a dúvida acerca do que virá após a morte. As pessoas definem morte de maneiras diferentes de acordo com suas crenças e cultura, tornando determinante a

²² Cf. KOVÁCS, M. J. *Morte e desenvolvimento humano*, p. 18-19.

²³ *Ibid.*, p. 18.

²⁴ Cf. D'ASSUMPÇÃO, E. A. *Sobre o viver e o morrer*: manual de Tanatologia e Biotanatologia para os que partem e os que ficam, p. 101-108.

presença maior ou menor do medo da morte. Por exemplo: medo de que não haja vida após a morte.

6. *Medo da morte consciente*: esse medo lida com os processos subjacentes à morte e com o temor de se estar consciente nessa hora. Por exemplo: medo de estar consciente e não poder se comunicar no momento da morte.
7. *Medo do corpo após a morte*: essa dimensão lida com a preocupação da qualidade do corpo após a morte. Por exemplo: medo de que o corpo fique desfigurado.
8. *Medo da morte prematura*: nesse caso, baseia-se no elemento temporal da vida e na frustração por não ser possível atingir os objetivos, ou não viver certas experiências antes de morrer. Por exemplo: medo de morrer sem ter realizado os objetivos de vida – formatura, filhos, casamento...

Na análise de D'Assumpção, uma das questões que leva à abominação da morte é o *consumismo*, cuja reflexão sobre a vida e a morte faz rejeitá-lo ou freá-lo.²⁵ A morte apresenta o medo de deixar o que se tem. É ficar sem nada, é não levar nada. Por isso, outro grande causador do medo da morte é o *apego*,²⁶ caracterizado, talvez, como o maior problema do ser humano e o maior responsável pelo pavor da morte que atormenta as pessoas. Sendo sentimento de posse, de *ser dono de*, a morte é oposição ao apego.

Nas pesquisas de Kovács com universitários, verificou-se que os indivíduos que declararam maior envolvimento religioso apresentaram menores escores de medo da morte, e os que declararam médio envolvimento religioso tiveram os escores mais altos, ficando os que se declararam ateus com os níveis intermediários.²⁷

Na década de 60 (séc. XX), Kübler-Ross iniciou seu trabalho com enfermos em fase terminal e, posteriormente, com crianças e famílias que sofriam com a morte iminente de um parente. Seu trabalho consistia em criar espaços para que as pessoas enfermas pudessem expressar seus sentimentos, seus medos, suas necessidades e, principalmente, o desejo de resol-

²⁵ Cf. D'ASSUMPÇÃO, E. A. *Sobre o viver e o morrer*: manual de Tanatologia e Biotanatologia para os que partem e os que ficam, p. 103-106.

²⁶ Esse termo é usado pelo autor para caracterizar posse e dominação, diferentemente do modo como esse mesmo termo foi usado posteriormente por Bowlby para se referir ao vínculo de afeto nas relações interpessoais, principalmente entre mãe e filho.

²⁷ A autora relata minuciosamente tanto os resultados de suas pesquisas como os das realizadas por outros pesquisadores seguindo as oito dimensões do medo da morte. Porém, não é objetivo desta pesquisa deter-se nesses resultados.

ver o que nomeou de *tarefas inacabadas*.²⁸ A primeira informação que ela obteve foi a de que, praticamente, todas as pessoas portadoras de uma doença em sua fase terminal, ao contrário do que se pensava na época, têm conhecimento de seu mal, mesmo que o médico e familiares nunca lhes tenha falado a tal respeito.²⁹

Por isso, torna-se evidente que o medo da morte tem relação também com o medo da vida não vivida. É o medo dos muitos débitos que a morte impedirá de saldar.

1.2 LUTO

A relação do ser humano com o morrer implica uma relação com a morte do *outro*. Nesse caso, mesmo que se tente negar ou ver a morte quase de longe, essa não deixa de ser dolorida, embora a intenção das pessoas seja a de sufocar ou mascarar esse sofrimento.

As dificuldades terminológicas em relação à palavra *luto* nasceram do sentido restrito de alguns críticos interpretarem a afirmação de Freud no artigo: *Luto e Melancolia*, em 1917, de que o luto tem como objetivo e tarefa psíquica bem-específica fazer com que as esperanças e lembranças do enlutado se disvinculem do morto.³⁰ Por essa razão, para os críticos, o termo *luto* deveria ser empregado somente nessas situações, e não, ser generalizado para perdas. Para Bowlby parece útil usar a palavra no sentido amplo, para agregar uma série de reações à perda, inclusive às que levam a resultados patológicos.³¹ Considera-se esse termo semelhante ao termo *inflamação* usado na Fisiologia e na Patologia para relacionar vários processos em que alguns chegam a resultados saudáveis, e outros a mais graves. Assim, a palavra *luto*, com os adjetivos qualitativos adequados, é usada para indicar uma variedade bastante grande de pro-

²⁸ Termo usado por Kübler-Ross para representar não apenas tristeza, raiva, ciúme e coisas negativas não expressadas, mas também experiências positivas com alguém e que não foi possível compartilhá-las até o momento. Fazem parte de tarefas inacabadas, momentos de perdão, reconciliação e despedidas.

²⁹ Cf. KÜBLER-ROSS, E. *O túnel e a luz: reflexões essenciais sobre a vida e a morte*, p. 17.

³⁰ Cf. FREUD, S. Luto e Melancolia. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1917/1974, p. 269-291, v. 14.

³¹ Bowlby em 1960 introduziu a *Teoria do Vínculo*, unindo a Psicanálise com a Etologia (estudo do comportamento humano e animal), para explicar o comportamento de apego presente no processo de elaboração da perda e as relações entre desenvolvimento psíquico, trauma, doença mental e luto. A base está no valor do comportamento de vínculo para a sobrevivência. (Cf. BOWLBY, J. *Apego e perda: a natureza do vínculo*, p. 56-61; Cf. BOWLBY, J. *Formação e rompimento dos laços afetivos*, p. 71-72).

cessos psicológicos provocados por perdas diversas e pela perda de uma pessoa amada, quaisquer que sejam os seus resultados. Mesmo assim, um termo bastante alternativo é o *pesar*.³² O luto é entendido por Bowlby como uma importante transição psicossocial, com impacto em todas as áreas de influência humana.³³

Portanto, luto é um processo de elaboração de perdas que acontece na vida de todos os seres humanos com maior ou menor ênfase. O tempo de luto é variável e, em alguns casos, esse processo nunca termina. Segundo Franco, cada pessoa se enluta à sua maneira, é uma experiência pessoal e única para cada um, e mascarar ou fugir do luto pode causar ansiedade, confusão mental e depressão, bem como desencadear quadros psíquicos ainda mais graves.³⁴

O luto não deve ser considerado uma doença da mente, embora as doenças se caracterizem pelo desconforto e pela alteração de funções. Desde a publicação do primeiro livro, em 1972, da Associação Americana de Psiquiatria, incluiu-se *luto* no grupo de *outras condições que podem ser foco de atenção clínica*.³⁵

Para Parkes, a dor está relacionada com amor. Sofre o luto quem ama.

A dor do luto é o preço que pagamos pelo amor, o preço do compromisso. Ignorar esse fato ou fingir é não preparar-se para as perdas que irão acontecer inevitavelmente no decorrer da vida, e também para ajudar as outras pessoas a enfrentarem suas próprias perdas.³⁶

Toda perda envolve sofrimento, e isso se dá porque existem amor e vínculos de afeto com a pessoa que se perde. Amor é o laço psicológico que vincula uma pessoa a outra por um longo período. Algumas vezes, esse laço pode ser enfraquecido, porém, segundo vários pesquisadores, nunca poderá ser rompido, porque é pela natureza do laço que o rompimento é resistido.³⁷ Bowlby chama a esse não rompimento do laço como *monotropia* e o considera um componente do amor, que é um vínculo com uma pessoa específica apenas. Nesse caso, por

³² Cf. BOWLBY, J. *Perda, tristeza e depressão: apego e perda*, p. 13-14.

³³ Cf. *ibid.*, p. 62.

³⁴ Cf. FRANCO, M. H. *Estudos avançados sobre o luto*, p. 58.

³⁵ Esta expressão: *outras condições que podem ser foco de atenção clínica*, refere-se ao processo de luto, não porém sendo considerado, porém, um transtorno ou patologia, mas uma dor decorrente de uma perda que deve ser analisada e respeitada com a devida atenção.

³⁶ PARKES, C. M. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*, p. 22.

³⁷ Cf. PARKES, C. M. *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*, p. 13.

exemplo, não existe um substituto para pai ou filho(a). Pais enlutados poderão vir a ter outros filhos, porém sempre será uma nova relação. E por esse motivo, o valor de cada pessoa que amamos é incalculável.

Devido às diversas conotações e ambiguidades que encerra a palavra *amor*, Bowlby usa o termo *apego*, muito utilizado para indicar o vínculo da criança com a mãe. Em contrapartida, o comportamento da mãe em relação ao filho foi descrito por ele como *comportamento cuidador materno*.³⁸ Seja qual for o termo usado para caracterizar o sentimento de afeto, carinho e amor, a dor e a tristeza que sentem os enlutados são provocadas pela perda sofrida. Conforme Freitas, no luto por morte de alguém querido e próximo, o indivíduo tem de conseguir retirar suas cargas libidinais,³⁹ ou seja, seus afetos, energia e desejos das diversas representações intrapsíquicas do objeto perdido.⁴⁰ Por esse motivo, o trabalho do luto é bastante doloroso e traumático.

O modo como aconteceu a morte pode afetar de forma significativa a elaboração do luto. Mortes violentas como suicídios, acidentes e homicídios, estão entre as de mais difícil elaboração. Podem ocorrer distorções que afetem o processo do luto, tais como: o seu adiamento, a negação, a inibição ou a cronificação do processo.⁴¹

Segundo Franco, o luto é uma experiência natural e esperada em resposta ao rompimento de um vínculo. Portanto, sua importância reside na possibilidade do indivíduo de poder viver essa transição psicossocial de maneira a poder incluí-la em sua vida e de encontrar uma condição segura para manter essa mesma relação de outra maneira.⁴² Segundo a autora, em casos de luto por violência, é fundamental uma base de apoio que ofereça segurança a essas pessoas, para que se sintam encorajadas a dar novo significado à sua vida depois do sofrimento repentino.

As reações de cada um diante da perda de ente querido dependem de inúmeros fatores. Cada cultura manifesta reações diferentes. Evidentemente, não se reage da mesma forma

³⁸ Cf. BOWLBY, J. *Formação e rompimento dos laços afetivos*, p. 76.

³⁹ Cargas libidinais são fontes de investimento de energia e desejo.

⁴⁰ Cf. FREITAS, N. K. *Luto materno e psicoterapia breve*, p. 23.

⁴¹ Cf. KOVÁCS, M. J. *Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação*, p. 101.

⁴² Cf. FRANCO, M. H. A importância do luto. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, n. 279, ano VIII, p. 21-22, 27, out. 2008.

quando a morte é natural ou quando essa ocorre por violência. Porém, em todos os casos, a dor é bastante intensa.⁴³

Uma pessoa enlutada reage tanto à perda quanto à privação. O pesar é a reação à perda. A solidão é a reação à privação. A privação significa a falta de tudo o que a pessoa que morreu supria, deixando as pessoas com necessidades de outras pessoas, porque a perda do amado(a) ou de um(a) filho(a) deixa um grande vazio. Parkes afirma que o pesar como reação ao luto terá sua maior intensidade imediatamente após a morte começando depois a diminuir, deixando espaço para a reação à privação.⁴⁴ Por isso, solidão, pobreza, insegurança e esvaziamento do papel social são alguns dos sentimentos e reações que surgem como consequência da privação.

Vários autores indicam que a pessoa enlutada permanece em estado de vigília elevado durante a maior parte do tempo porque se sente ameaçada em vários fatores, o que, às vezes, se assemelha ao pânico. Sintomas como perda de apetite e de peso, alterações no sono, distúrbios digestivos, palpitações, dores de cabeça e musculares parecem refletir perturbações gerais no controle nervoso dos processos corporais. Os pensamentos podem parecer desconectados, e a descrença (não acreditar na perda) pode levar a pessoa a um estado de confusão, baixa concentração e obsessão, com pensamentos acerca do falecido. É muito comum o enlutado começar a sentir ou gostar de coisas que o(a) falecido(a) sentia ou gostava, como se passasse a viver a vida dele(ela). A preocupação com pensamentos sobre a pessoa perdida e com os acontecimentos que a levaram à morte é uma característica frequente nas pessoas enlutadas e pode ser aliviada pela escuta, por atividade física suave e trabalhos com as mãos.⁴⁵

O traço mais característico do luto é a depressão profunda. Do ponto de vista psicológico, a melancolia é o estado mais próximo da morte em vida, e é clássica na literatura psicológica a sua associação com o luto. Porém, a incidência de depressão⁴⁶ é mais alta em situa-

⁴³ Cf. BERMEJO, J. C. *Estou de luto: reconhecer a dor para recuperar a esperança*, p. 15.

⁴⁴ Cf. PARKES, C. M. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*, p. 28. Na lição do autor, a reação à privação caracteriza o comportamento que levará a pessoa, lentamente, a retomar algumas atividades de sua vida, reorganizando-a. Essa atitude dependerá muito do modo e da capacidade de tolerar frustrações. Na reação à privação encontram-se a saudade, as lembranças da pessoa falecida e demais comportamentos e sentimentos que fazem parte do processo do luto.

⁴⁵ Cf. OLIVEIRA, R. K. O longo processo do luto. *Revista Psicoteologia*, ano XXI, n. 48, p. 5-12, 2011.

⁴⁶ O termo *melancolia*, em alguns meios psiquiátricos, fica restrito aos casos mais graves, endógenos, geralmente acompanhados de sintomas psicóticos. No senso comum, os termos *depressão* e *melancolia* são considerados similares.

ções de perda por morte ou separação conjugal.⁴⁷ Além dessa possibilidade, episódios com muita ansiedade acontecem em que o enlutado sente muita saudade da pessoa que morreu, chora ou chama por ela, tentando procurá-la, desejando encontrá-la.

Conforme Parkes, em pesquisa realizada em Bethlem pessoas enlutadas estavam imbuídas da premência de procurar o ente falecido. Muitas delas eram mães que haviam perdido os filhos. Alguns relatos corroboram essa procura; entre eles, o de uma mãe que relata que seguidamente entrava no quarto à procura de seu bebê morto. Outra mãe da mesma pesquisa procura ansiosamente por seu filho, movimenta-se sem descanso na casa e, quando ouve um estalo na madeira, fala: “João, é você?”⁴⁸

Outra reação que ocorre no processo de luto entre as já mencionadas é a sensação da presença da pessoa morta, cuja reação ocorre em casos em que o enlutado sente maior solidão, saudades, tendo também vários sonhos com o(a) falecido(a).

Quando a perda é repentina e trágica, são usadas palavras relacionadas à mutilação e à violência. Acontece como que *a perda do próprio eu*, relatada pelos enlutados como uma falta, um vazio. O enlutado é bruscamente ejetado de seu mundo de percepções existente antes do luto, por isso se sente extremamente frágil e incapaz de assumir as mudanças nos papéis tanto familiares como sociais.⁴⁹

Mortes repentinas e inesperadas, perdas múltiplas e mortes violentas representam um risco especial para a saúde mental devido ao estresse e ao impacto emocional causados bruscamente. Nas palavras de Parkes, “a combinação de morte repentina, inesperada, horrível e precoce, com toda a raiva e suspeita que a segue, mais a lentidão do processo legal, podem levar a família ao estresse e deixar de apoiar seus membros, gerando problemas psicológicos duradouros”.⁵⁰

Segundo alguns estudos, pode-se constatar uma diferença de reação associada ao gênero. Na visão de Franco, as mães reagem muito pior do que os pais. A morte de filhos jovens, solteiros, que ainda moravam com os pais ou de jovens que morreram em acidentes de auto-

⁴⁷ Cf. OLIVEIRA, M. F.; CALLIA, M. H. P. (Orgs.). *Reflexões sobre a morte no Brasil*, p. 162.

⁴⁸ Cf. PARKES, C. M. *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*, p. 32-32.

⁴⁹ Cf. OLIVEIRA, R. K. *O longo processo do luto*, p. 5-12.

⁵⁰ PARKES, C. M. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*, p. 161.

móveis quando estavam sozinhos no carro, alcoolizados ou com problemas de relacionamento foram considerados preditores de problemas na elaboração do luto.⁵¹

A Pesquisa de Harvard mostrou que o apego à pessoa perdida era um forte determinante das reações problemáticas ao luto. Dois tipos de apego provocavam dois tipos distintos de reações problemáticas: a relação de dependência que indicava a possibilidade de luto crônico e a relação ambivalente que indicava a possibilidade de luto conflituoso.⁵²

Parkes acrescenta que, especialmente quando o casal perde um filho, após a perda, os homens normalmente procuram menos auxílio para o luto do que as mulheres e, frequentemente, se veem com a responsabilidade de conter suas manifestações de luto para cuidar da esposa. Conclui-se, portanto, que mães e pais, normalmente, ficam enlutados de maneira diferente: as mães sentem por seus filhos, os pais, num primeiro momento, sentem por suas esposas.

1.2.1 Tipos de Luto

Na literatura sobre o luto, existem diversos termos e definições para se referir aos modos de luto. O *luto antecipado*, por exemplo, ocorre ainda na iminência da morte, quando essa não é produzida de maneira violenta ou inesperada, o que acontece em caso de doenças em que o acompanhamento do processo de morte, antes do falecimento, produz o luto e algumas de suas reações.

O *luto adiado* ou *retardado*, é aquele em que as pessoas enlutadas custam a reagir diante da perda e não manifestam a dor da maneira como a maioria das pessoas entenderia ser normal. Pode até ser uma fuga para negar tal sofrimento. Porém, quando a pessoa se depara com a falta e com a solidão, surgem o pesar, o choro e as diversas reações, às vezes, semanas após o acontecido. Também é possível que ocorra o *luto mascarado*, ou seja, aquele luto que foi embutido. A pessoa enlutada não permite a *externalização* do luto, ou seja, falar do acontecido, chorar, reelaborar, mas permanecendo um silêncio sobre o sofrimento. O luto masca-

⁵¹ Cf. FRANCO, M. H. *Estudos avançados sobre o luto*, p. 64.

⁵² PARKES, C. M. *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*, p. 40. O autor se refere que quanto maior o grau de dependência do enlutado com o falecido, maior será a possibilidade de um luto crônico justamente pela dificuldade de se readaptar à falta, principalmente pela suposta falta de autonomia estabelecida na relação. A relação ambivalente caracteriza-se, segundo o autor, pela presença constante de conflitos e oscilações entre amor e raiva, paciência e irritabilidade, confiança e desconfiança.

rado pode desencadear várias doenças psicossomáticas.⁵³ Semelhante à fase de torpor,⁵⁴ as reações ao luto surgem até mais de duas semanas após a morte. É perceptível que o luto *adiado*, ou *retardado*, normalmente leva à depressão posterior devido à quantidade de emoções e reações acumuladas no psíquico.⁵⁵

O luto definido como *crônico* é caracterizado como o luto intenso desde o início e que permanece por um longo período. A pessoa parece não se permitir sair dessa situação de tristeza. O luto *crônico*, ou o que torna uma reação patológica, é a intensidade com que são sentidas a raiva, as autoacusações e a depressão. É o que acontece com alguns enlutados que, vários anos após a perda, permanecem ocupados com recordações da pessoa morta, sofrendo intensamente e se alterando com qualquer lembrança que traga o morto à mente. É a incapacidade de retornar às atividades anteriores à perda, como o trabalho e o contato social. Alguns autores preferem falar em luto patológico, ou complicado, e incluem nele o luto crônico, o retardado e o mascarado como formas distintas e intensas de vivenciar a dor. Embora um luto grave tenha muitas das características encontradas nos transtornos psiquiátricos, é somente quando ele se prolonga muito e causa dano às funções da vida normal que pode ser considerado *patológico*.⁵⁶

Freud diferenciou luto *normal* de *patológico*: em ambos, há a perda de interesse, tristeza e inibição de atividade. Mas no luto *normal* estaria ausente a culpa, a autoacusações e a diminuição da autoestima.⁵⁷ Freud destacou especialmente que, em contraste com a perda consciente que caracteriza aquele que sofre um luto normal, no *melancólico*, parece existir a perda de um objeto inconsciente: no primeiro caso, o mundo ficou pobre e vazio, enquanto, no segundo, é ele mesmo, o melancólico, que se sente empobrecido e sem valor.⁵⁸ O indivíduo melancólico desconhece a perda do objeto, reagindo como se o perdido fosse o próprio ego. Portanto, considera-se indigno e deseja a morte.

⁵³ Cf. BERMEJO, J. C. *Estou de luto: reconhecer a dor para recuperar a esperança*, p. 27-38.

⁵⁴ Esta fase será vista nesta mesma seção, tendo como significado, segundo o teórico Bowlby, uma espécie de choque ou entorpecimento ante à notícia da morte.

⁵⁵ Cf. BERMEJO, op. cit., p. 27-38.

⁵⁶ Cf. WORDEN, W. *El tratamiento del duelo: asesoramiento psicológico y terapia*, p. 64-72.

⁵⁷ Cf. FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: _____. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1920/1996, p. 269-274, v. 18

⁵⁸ Cf. *ibid.*, p. 285-289.

O luto patológico, em alguns casos, é diagnosticado pelo próprio enlutado, que pede ajuda ao perceber em si mesmo sentimentos ou condutas de falta de adaptação e que o fazem sofrer de maneira intensa. Essa atitude dependerá da fase do luto pela qual a pessoa estiver passando no momento.

1.2.2 Fases do Luto

Kübler-Ross fala em *estágios*, ou *fases da morte ou do luto*, por falta de uma expressão mais adequada. Na perda do(a) namorado(a), do emprego ou até numa mudança de cidade, a pessoa é levada a encarar algumas dessas fases que mostram o verdadeiro significado do sofrimento de uma perda. Naturalmente, essas perdas não podem ser colocadas na mesma intensidade de uma morte, que é a maior e mais profunda dor de uma perda.⁵⁹

Kübler-Ross expõe as seguintes fases do luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação.⁶⁰

Alguns autores questionaram e criticaram essa sequência das fases do luto por reduzir o ser humano a uma postura passiva e expectante, em contraposição à prevalência atual de autodeterminação e escolhas ativas por parte do paciente. Contudo, segundo Jaramillo, a experiência de uma doença grave ou morte suscita reações emocionais muito intensas que abarcam aquelas originalmente descritas por Kübler-Ross, entre outras, sem seguir uma sequência ordenada no curso do caminho que vai desde o diagnóstico de uma enfermidade grave até o fim da vida.⁶¹ Também Kovács defende as fases do luto relatando que a própria autora Kübler-Ross aponta a questão da sequência das fases em suas obras, esclarecendo que somente alguns pacientes chegam à aceitação, e que as fases não são necessariamente sequenciais devido ao modo particular de cada indivíduo passar pelo processo do luto.⁶²

⁵⁹ Cf. KÜBLER-ROSS, E. *A morte: um amanhecer*, p. 34.

⁶⁰ Cf. KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. As fases do luto estão explicadas no decorrer de toda a obra.

⁶¹ Cf. JARAMILLO, I. F. de. *Morrer bem*, p. 33.

⁶² Cf. KOVÁCS, M. J. *Morte e desenvolvimento humano*, p. 194.

Certamente ao se abordarem as fases do luto, deve-se ter o cuidado de não considerar esse processo rígido e linear. É uma forma pedagógica de constatar o modo como as pessoas geralmente passam pelo processo de luto. As fases a seguir elencadas têm como fundamentação teórica os autores Kübler-Ross e Bowlby. Elas caracterizam o movimento que acontece internamente em cada pessoa ao receber uma notícia de doença grave ou morte:

a) Negação e torpor

A fase chamada *negação* é muito comum em casos em que a notícia é dada de maneira muito abrupta ou até mesmo leviana. A negação parcial acontece com quase todos os pacientes. É uma defesa quase necessária, porque precisam deixar de lado o pensamento da morte para poderem lutar pela vida, seja pela própria ou pela de uma pessoa amada.⁶³ Parkes acrescenta que, para diminuir a dor do luto, a pessoa enlutada pode evitar (consciente ou inconscientemente) os pensamentos dolorosos e não acreditar que a perda tenha ocorrido.⁶⁴ Kübler-Ross entende que as pessoas, mesmo negando uma doença grave do ente querido, falam da gravidade da doença a seus amigos e familiares. Essa reação é chamada de *duplo conhecimento*.⁶⁵ Juntamente com essas reações, constata-se, em alguns casos, a necessidade de isolamento. Essa fase também foi considerada por Bowlby como *choque* ou *torpor*, do qual a pessoa se recupera gradualmente, cada qual de modo diferente. Algumas pessoas comentam a morte ou a doença com pessoas de sua confiança, usando a negação do *tudo está indo muito bem* para os demais, por não querer mostrar sua vulnerabilidade.

A reação de *torpor*, ou *entorpecimento*, não necessariamente é repentina, mas leva alguns minutos e pode durar de poucas horas a alguns dias. Durante o período de entorpecimento, a pessoa pode-se sentir mal ou como que enrijecida. A pessoa, em alguns casos, cuida do funeral, auxilia os filhos e não sente necessidade de chorar, porque o que está acontecendo não parece real. Algumas pessoas tentam se convencer de que ocorreu um engano e somente *caem em si* quando veem a pessoa morta no caixão.

Para Parkes, o entorpecimento tem uma função defensiva, mas pode acontecer de maneira incompleta, o que se pode constatar na sensação de desastre iminente e na tensão da pessoa enlutada. Apesar da falta de emoções expostas, alguns sintomas físicos podem apare-

⁶³ Cf. KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*, p. 44.

⁶⁴ Cf. PARKES, C. M. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*, p. 86.

⁶⁵ Cf. KÜBLER-ROSS, op. cit., p. 87.

cer, como enjoos e tremores. Porém, o sentimento de que a morte não é um fato real é a característica que predomina.⁶⁶

Pode-se comparar a fase de negação ao anseio e à busca da figura perdida. Dentro de algumas horas ou alguns dias da perda, ocorre uma modificação no enlutado, embora apenas episodicamente, ao registrar a realidade da perda, que leva a crises de desânimo intenso, aflição e choro. Porém, quase ao mesmo tempo, poderá ocorrer certa inquietação, insônia, sentimento de presença concreta e uma acentuada tendência a interpretar sinais ou sons como indício de que o morto voltou. Por exemplo: uma mãe, ao ouvir o barulho de uma moto na rua, pode achar que é o filho que está voltando.⁶⁷ Essa é uma característica normal do pesar e nada tem de patológico nos primeiros tempos de enlutamento.

b) Raiva e culpa

Quando não se consegue manter a negação, geralmente essa reação é substituída por sentimentos de raiva. Surge logo a pergunta: *Por que comigo?* ou *Por que na minha família?* É bastante difícil para quem está próximo conviver com a pessoa que entra nesse estágio, devido ao fato de essa raiva se propagar em todas as direções e se projetar no ambiente, muitas vezes sem razões plausíveis. As visitas são recebidas com pouco entusiasmo e sem expectativa. Ocorrem reações de choro e pesar, culpa ou humilhação. Isso faz com que as pessoas evitem visitar, aumentando no indivíduo a mágoa e a raiva. O problema é que poucos se colocam no lugar de quem passa por essa situação e perguntam ou tentam encontrar respostas racionalmente objetivas para essa raiva. A raiva é uma maneira de mostrar o sofrimento ou de se autoafirmar nele. Por isso, a pessoa levanta a voz com facilidade e parece não se preocupar em manter vínculos afetivos. Uma pessoa que é respeitada e compreendida, a quem são dispensados tempo e atenção, logo abaixará a voz e diminuirá suas exigências. Saberá que é um ser humano de valor que necessita de cuidados.⁶⁸

A raiva e a irritabilidade no luto variam de pessoa para pessoa, sendo, às vezes, dirigidas a outras pessoas, ao próprio enlutado como autoacusação, ou culpa, e não é raro a raiva ser relacionada a quem morreu. Bowlby chama essa reação de *protesto*, que tem relação com

⁶⁶ Cf. PARKES, C. M. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*, p. 87-88.

⁶⁷ Cf. BOWLBY, J. *Perda, tristeza e depressão: apego e perda*, p. 93-94.

⁶⁸ Cf. KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*, p. 55-58.

a saudade e o apego, bem como a busca da pessoa perdida.⁶⁹ Nesse caso, dois processos contraditórios coexistem: a realidade da perda, com os sentimentos que a acompanham, e a esperança do reencontro. No entanto, a raiva existente nesse período não é contínua, mas ocorre em momentos específicos. Além da reação de raiva, ou protesto, a morte acaba sendo personificada como algo feito para a pessoa enlutada e, por esse motivo, procura-se alguém para culpar. A culpa é dirigida a qualquer pessoa que possa ter contribuído para o sofrimento ou a morte do falecido. A figura de Deus e a do médico são, geralmente, alvos para o depósito da culpa justamente por serem vistos como os detentores do poder sobre a vida e a morte. Brigar com o destino e com Deus é, naturalmente, uma forma de tentar controlar os acontecimentos.⁷⁰

Analisando o sentimento de culpa em Freud, pode-se afirmar que a culpa é uma expressão do conflito da ambivalência e da constante luta entre os instintos de vida e de morte.⁷¹ Esse sentimento de culpa nem sempre aflora no campo da consciência. Freitas afirma que, com frequência, a culpa reprimida manifesta-se de modo indireto através de irritabilidade, mau humor, apatia, transtornos psicossomáticos, depressão, entre outras manifestações.⁷² São expressões principalmente associadas a uma inevitável necessidade de castigo, porque a pessoa também pode culpar a si mesma.

c) Barganha e desorganização

A barganha é uma tentativa de adiamento, ou protelação, tendendo a incluir um prêmio oferecido por merecimento pelo esforço *realizado*; estabelece, também, uma *meta* autoimposta como, por exemplo, o nascimento de um neto, o casamento da filha, e inclui uma promessa implícita, uma espécie de *só esta vez*. Em outras palavras, é uma possibilidade de troca e até mesmo de chantagens que a pessoa em desespero acaba propondo a alguém ou a si mesma, a fim de receber o benefício que, no caso em questão, é o fim do sofrimento e da dor

⁶⁹ Cf. BOWLBY, J. *Formação e rompimento dos laços afetivos*, p. 84-87.

⁷⁰ Cf. PARKES, C. M. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*, p. 106.

⁷¹ Cf. FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: _____. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1920/1996, p. 213.

⁷² Cf. FREITAS, N. K. *Luto materno e psicoterapia breve*, p. 24. A autora concorda com Freud em relação ao fato de o sentimento de culpa poder estar reprimido, isto é, em nível do inconsciente, tendo a pessoa necessidade ou impulso em extravasar de diversas formas.

da perda. A maioria das barganhas é feita com Deus e são mantidas, em geral, em segredo, ditas nas entrelinhas ou para o orientador religioso.

Nas entrevistas particulares sem auditório, ficamos impressionados com o número dos que prometiam “uma vida dedicada a Deus” ou “uma vida a serviço da Igreja” em troca de um pouco mais de tempo de vida. Muitos pacientes prometiam também doar partes de seu corpo ou seu corpo inteiro à ciência, caso os médicos usassem seus conhecimentos científicos para prolongar-lhes a vida.⁷³

Psicologicamente, as promessas podem estar associadas a uma culpa escondida. Portanto, seria bom se as observações feitas não fossem desprezadas nem pela família nem pela equipe hospitalar, se for o caso. Ao considerar essas atitudes, um capelão ou médico dedicado pode muito bem querer descobrir se a pessoa sente culpa por não frequentar a igreja ou se existem desejos inconscientes mais profundos que aceleram tais culpas. Por isso, se considera de grande valia uma abordagem interdisciplinar no cuidado com a pessoa que sofre, pois, frequentemente, o capelão é o primeiro a ouvir assuntos referentes à barganha.

Bowlby apresenta essa fase como desorganização ou desespero, em que o reconhecimento de que a perda é imutável gera no indivíduo desmotivação e apatia. Nessa fase, é quase inevitável que a pessoa enlutada se sinta, em certos momentos, desesperada pelo fato de não conseguir reverter a situação em que se encontra. Contudo, poderá começar a avaliar a nova situação que vive e a examinar as maneiras de enfrentá-la. Isso implica uma redefinição de si mesma, bem como de sua situação.⁷⁴ Nessa condição, o enlutado tende a evitar contato, mesmo com amigos e familiares, evita conhecer pessoas ou restabelecer seu lugar na sociedade. Bowlby entende que, esse período de desorganização é nítido no processo de luto e ocorre repetidas vezes em um contexto ou outro. O recomeço significa mudar e deixar para trás alguns costumes e modos de vida que, com o enlutamento, se tornam diferentes e com pesos diversos.⁷⁵ Significa encontrar novas soluções e novos meios para viver.

d) Depressão

Embora as fases ou estágios do luto não se submetam a uma linha contínua, quando a pessoa percebe que não é mais possível negar a doença ou a morte, seu alheamento ou estoi-

⁷³ KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*, p. 89.

⁷⁴ Cf. BOWLBY, J. *Formação e rompimento dos laços afetivos*, p. 87-89.

⁷⁵ Cf. BOWLBY, J. *Perda, tristeza e depressão: apego e perda*, p. 120.

cismo, sua revolta e raiva cederão lugar a um sentimento de grande perda. Geralmente, surgem episódios de depressão e uma atitude de derrota.⁷⁶ As crises de dor do luto podem ser evocadas anos após a perda. “Não é de surpreender que a pessoa enlutada pense que o mundo perdeu totalmente seu significado.”⁷⁷

É possível diferenciar ou nomear melhor essa fase de depressão apresentando dois tipos: a depressão *reativa* e a depressão *preparatória*.⁷⁸

A depressão *reativa* caracteriza-se pela necessidade de aliviar uma culpa ou vergonha ir-reais em inúmeros casos. Por exemplo, uma mãe que se culpa em ter que deixar seus filhos com a tia enquanto fica no hospital em tratamento. Essa pessoa pode ser auxiliada no que se refere a saber que os filhos brincam contentes, que estão bem-cuidados, que sabem que ela está em tratamento não significando que os abandonou e outras intervenções que podem ajudar.

A depressão *preparatória*, ao invés de se dar com uma perda passada, leva em conta perdas iminentes. É o momento de deixar o enlutado exteriorizar sua dor, pois todas as pessoas ficam tristes quando perdem um ser amado. “Se deixarmos que exteriorize seu pesar, aceitará mais facilmente a situação e ficará agradecido aos que puderam estar com ele neste estado de depressão sem repetir constantemente que não fique triste.”⁷⁹

Nesse viés, Kübler-Ross lembra que, esse segundo momento geralmente é silencioso, em contraposição ao primeiro, que requer muita conversa, em que a pessoa tem intensa necessidade de falar e comunicar. Nesse tipo de pesar, há pouca ou nenhuma necessidade de palavras. É mais um sentimento que se exprime através de um toque de mão ou apenas um *sentar-se ao lado*. Se há interferência excessiva de visitantes que tentam animá-lo a continuar, haverá um retardo em seu emocional.

Freud destaca que, a melancolia compartilha com o luto o caráter de desaparecer após certo tempo. No luto, explica-se esse caráter admitindo que é necessário certo tempo para a realização detalhada do mandado da realidade, trabalho que devolve ao ego a liberdade da sua libido, desligando-a do objeto perdido.⁸⁰ Nessa fase, a depressão que acompanha o luto, ainda que

⁷⁶ Cf. PARKES, C. M. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*, p. 111-112.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 115.

⁷⁸ Cf. KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*, p. 91-94.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 93.

⁸⁰ Cf. FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: _____. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1920/1996, p. 284, v. 18.

penosa, não deixa de ter como função uma proposta adaptativa.⁸¹ A pessoa mentalmente sadia pode tolerar certa depressão e desorganização diante da morte de uma pessoa querida. E, em curto espaço de tempo, pode emergir com uma nova conduta que leva à reorganização da própria vida.

e) Aceitação e reorganização

Essa fase é atingida com mais facilidade quando o paciente tiver tido oportunidade de exteriorizar e reagir à notícia de doença ou morte a seu tempo e a seu modo. Nesse estágio, o paciente não sente mais raiva nem depressão quanto ao seu futuro. Com paciente terminal, esse terá lamentado a perda iminente de pessoas queridas, lugares aos quais gostaria de continuar indo e contemplará seu fim próximo com certo grau de tranquila expectativa.⁸² Terá a sensação de estar pronto para deixar este mundo.

É uma necessidade gradual e crescente de aumentar as horas de sono, como um recém-nascido, mas em sentido inverso. Não é um desânimo resignado e sem esperança... Não se confunda aceitação com um estágio de felicidade. É quase uma fuga de sentimentos. É como se a dor tivesse cessado e fosse chegado o momento do “repouso derradeiro antes da longa viagem”, no dizer de um paciente.⁸³

Bowlby chama essa fase de *reorganização*. Para que o luto tenha um resultado favorável, é necessário que a pessoa suporte as oscilações de emoção. Ela só conseguirá aceitar e reconhecer, aos poucos, que a perda é permanente, e que sua vida deve ser reconstruída novamente se lhe for possível tolerar o abatimento, a busca de quem morreu, as causas da morte e a raiva que lhe vem à mente. Dessa maneira, parece possível ao enlutado registrar perfeitamente que seus antigos padrões de comportamento tornaram-se redundantes e que deverão ser modificados. Isso implica uma redefinição de si mesmo.⁸⁴

Enfim:

Discutiram-se os diferentes estágios por que passam as pessoas ao se defrontarem com notícias trágicas: mecanismos para enfrentar e suportar situações extremamente difíceis. Tais estágios terão duração variável, um substituirá o outro ou se encontrarão, às vezes, lado a lado. A única coisa que geralmente persiste em todos os estágios é a esperança.⁸⁵

⁸¹ Cf. FREITAS, N. K. *Luto materno e psicoterapia breve*, p. 35.

⁸² Cf. KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*, p. 116-117.

⁸³ *Ibid.*, p. 118.

⁸⁴ Cf. BOWLBY, J. *Perda, tristeza e depressão: apego e perda*, p. 100-101.

⁸⁵ KÜBLER-ROSS, *op. cit.*, p. 143.

Como explica Jaramillo, o dito popular *o tempo cura tudo* levou muitas pessoas a assumir uma atitude passiva diante da aflição e do sofrimento, que perpetuou, para muito além do tempo razoável, reações de tristeza, desconsolo e apatia, afetando a capacidade dos indivíduos de reconstruírem sua vida.⁸⁶

Se ainda hoje as relações entre vida e morte são silenciadas ou disfarçadas, a ciência busca reconhecer e resgatar o valor intrínseco de se permitir sentir, em toda a sua magnitude e intensidade, a dor e os demais sentimentos próprios da perda, mas, ao mesmo tempo, exige-se da pessoa afetada decisões que ela deve tomar para continuar a avançar de maneira saudável na vida, reorganizando-a. O psicólogo americano Worden estabeleceu quatro desafios, ou *tarefas*, que uma pessoa enlutada deverá enfrentar para conseguir ressignificar sua vida depois da perda:⁸⁷

- *admitir a perda como real*: essa atitude supõe saber o que acontece, aceitando a realidade da perda, ao mesmo tempo elaborando um entendimento real de por que aconteceu e o que aconteceu;

- *permitir-se reagir*: uma vez que a pessoa está enfrentando o que aconteceu, deve se permitir poder expressar espontaneamente a sua dor. Essas expressões são múltiplas e podem se alternar como já visto anteriormente;

- *reorganizar a vida*: está presente aqui o desafio de reaprender e reacomodar suas atividades, papéis ocupados de maneira diferente pelo enlutado mediante a falta da pessoa que morreu. É o momento em que o enlutado passará por mudanças nesse ajustamento, incluindo suas crenças acerca do sentido da vida;

- *reconectar-se*: esse desafio significa, pouco a pouco, ir se abrindo à vida social, ou seja, ao trabalho, aos amigos, voltar a se divertir, fazer novos planejamentos.

Quanto à efetiva elaboração do luto, Worden orienta:

Um sinal de uma reação de luto terminado é quando a pessoa é capaz de pensar naquela que faleceu, sem dor. Existe sempre uma sensação de tristeza quando você pensa em alguém que amou e depois perdeu, mas é um tipo diferente de tristeza – falta o aspecto doloroso que havia antes. Uma pessoa pode pensar no falecido, sem manifestações físicas, como choro intenso ou sensação de tensão no peito. Da mesma forma, o luto está terminado, quando uma pessoa pode reinvestir suas emoções na vida e no viver.⁸⁸

⁸⁶ Cf. JARAMILLO, I. F. de. *Morrer bem*, p. 207.

⁸⁷ Cf. WORDEN, W. *Terapia do luto: um manual para o profissional da saúde mental*, p. 25-29.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 31.

O autor adverte que, o processo de luto é longo, mas necessário para restabelecer o equilíbrio, mesmo que, depois de certo tempo ou em determinadas situações como datas comemorativas ou especiais, reapareçam algumas reações necessitando de novo trabalho e reorganização. A recorrência acontece com certa saliência especialmente no luto materno.

1.2.3 O luto materno e o sofrimento da família

A maternidade é definida como a suprema capacidade criativa do ser humano. Deve ser compreendida desde a fecundação até quando termina o desenvolvimento infantil. Após a infância, a maternidade continua e representa a transcendência por intermédio dos filhos,⁸⁹ em sentido individual, da nova geração social.

O amor materno é a expressão afetiva direta da relação positiva com o filho, sendo sua principal característica a ternura. Essa pesquisa dá destaque ao luto materno principalmente porque, atualmente, apesar da expectativa de vida elevada e do progresso constante das técnicas médicas, os dados estatísticos revelam a triste realidade de que a morte está atingindo muitos jovens e adolescentes, estando esses números principalmente relacionados com acidentes de trânsito e mortes violentas, como homicídios e suicídios.⁹⁰

Para os representantes da UNESCO,⁹¹ embora os jovens sejam a parcela da população mais vulnerável à violência em todo o mundo, consideram-se os índices muito altos. Defende-

⁸⁹ Para facilitar a leitura, a palavra filho(s) é usada para se referir aos dois gêneros: masculino e feminino.

⁹⁰ Cf. RODRIGUES, C. F. Adolescentes: vidas interrompidas: por que é tão importante falar de morte com eles? In: _____. (Org.). *Morte e existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008, p. 21-24.

⁹¹ UNESCO: *The United Nations Educational Scientific and Cultural Organization*, traduzido para o português como: Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. (Cf. WASELFSZ, J. J. *Mapa da violência no Brasil 2012: os novos padrões da violência homicida no Brasil*. 2011. A pesquisa: *O mapa da violência de 2012*, reconhecido pelo IBGE, apresenta os padrões da violência homicida no Brasil, sendo os resultados alarmantes. Em 2010, cerca de 73,2% das mortes de jovens brasileiros ocorreram por razões violentas, ao mesmo tempo que entre os não jovens esse percentual nem alcança 10%. A proporção de mortes por homicídio e acidente de trânsito é altíssima entre os jovens, uma das maiores da América Latina. Segundo a pesquisa, as maiores vítimas de morte violenta são jovens com idade entre 15 e 24 anos. No Brasil, a porcentagem de mortes por assassinato (nessa faixa etária) é 170% maior do que a de qualquer outra faixa etária. A probabilidade de um jovem brasileiro ser vítima de homicídio é 30 vezes maior que a de um jovem europeu e 70 vezes maior que a de um morador na Inglaterra, na Áustria ou no Japão. Em relação à violência na Serra Gaúcha, pesquisa do IBGE mostra que a morte de jovens com idade entre 15 e 24 anos aumentou em Caxias do Sul, comparando dados de 2010 e 2005. Conforme o estudo do IBGE sobre Registro Civil em 2010, das 2.882 mortes registradas em Caxias do Sul, 313 foram mortes violentas, como acidentes de trânsito, afogamentos, suicídios e homicídios. Jovens com

se a necessidade de intensificar os programas de prevenção, como políticas de emprego, esportes e cultura.

O pensamento de Kübler-Ross ratifica as pesquisas e a opinião da UNESCO. Segundo ela, na atualidade, não se veem tantos jovens morrendo de doenças, mas os vemos morrer por suicídios, acidentes, uso de drogas e homicídios, tornando urgente e necessária uma reflexão sobre as causas dessas formas de morte de jovens.⁹² No entanto, de modo particular, são as famílias as mais atingidas por essa morte *escancarada*,⁹³ que, num instante, desmorona sonhos e o equilíbrio de pais, mães e irmãos com a notícia de uma morte violenta.

Quanto à morte de um filho, se poderia pensar que, para as mães que os perdem, principalmente quando adultos, o luto seria menor do que quando ocorre a morte do parceiro. Porém, segundo Parkes, as evidências clínicas e pesquisas comparativas mostram exatamente o contrário. “Para a maioria das pessoas do mundo ocidental, a morte de um filho é a fonte de pesar mais atormentadora e dolorosa.”⁹⁴

A perda de um filho adulto resulta em luto intenso, mais persistente e em maior depressão do que a perda do cônjuge, de pais ou irmãos. Pesquisadores relatam que toda morte de um filho é traumática, e que não existe diferença entre o luto de pais e mães cujos filhos morreram de doenças crônicas e o daqueles cujos filhos morreram em acidente.

Ainda se constata o fato de que a maioria das mães que perde um filho é atingida pela dor como de uma mutilação. Assim, na literatura sobre o luto, os autores afirmam que, embora se possa reagir de modo semelhante a todas as perdas, o luto pela morte de um filho é, em geral, o mais intenso. O padrão de respostas de uma mulher diante do luto materno pode ter muito em comum com a morte do cônjuge. Mas quaisquer que sejam as semelhanças entre os diferentes tipos de vínculo, cada um tem as suas singularidades. “Toda perda gera um grande sofrimento. Sofrimento indescritível quando se trata de um filho. A mãe se questiona sobre o que fará sem seu filho. Foi esperado e acalentado. Havia sonhos e expectativas.”⁹⁵

idade entre 15 e 24 anos representam 20,7% das vítimas de mortes trágicas. O número de jovens que perderam a vida de forma violenta foi 27,4% maior do que em 2005, considerando a mesma faixa etária.

⁹² Cf. KÜBLER-ROSS, E. *A roda da vida: memórias do viver e do morrer*, p. 41.

⁹³ Termo usado por Kovács para tratar da morte violenta. Esse conceito já foi abordado anteriormente.

⁹⁴ PARKES, C. M. *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*, p. 191.

⁹⁵ FREITAS, N. K. *Luto materno e psicoterapia breve*, p. 48.

O aspecto mais comum e mais frequente observado na mãe que perde um filho é a ambivalência. A ambivalência nas relações anteriores entre mãe e filho inibe o processo do luto, causando culpa e raiva na mãe enlutada.

O narcisismo⁹⁶ é outra causa das complicações no processo do luto, porque a pessoa morta, neste caso do luto materno, representa uma extensão do próprio ego. Admitir que a perda do filho representa uma perda de parte de si mesma é muito difícil para a mãe enlutada.⁹⁷

O sofrimento e as reações à perda é tão desestruturante que, muitas pessoas, ao voltarem para casa, não sabem como agir.

Mesmo com muitas mudanças na configuração familiar na contemporaneidade, a Psicologia Sistêmica conceitua família como um sistema movendo-se através do tempo, com papéis, funções e relacionamentos insubstituíveis. A família é uma unidade, um todo em que seus membros se influenciam reciprocamente e compartilham algumas crenças, valores, tarefas, segredos ou intimidade, um espaço físico e emocional. Esse sistema tem ciclos, que podem ser facilitadores ou dificultadores na aceitação de mudanças, dentre elas, as perdas. Pode acontecer a ocorrência de acontecimentos contraditórios ao mesmo tempo. Por exemplo: uma família com três filhos – um em fase terminal, outro casando e outro viajando para estudos. No entanto, qualquer problema, com maior ou menor intensidade, afeta todo o sistema familiar.⁹⁸

Quando acontece uma morte na família, é praticamente inevitável que toda ela entre num abismo de tristeza que não poderia imaginar. Por não conseguir ter clareza acerca dos sentimentos e das reações, muitas coisas ficam no campo dos *segredos familiares*.⁹⁹

⁹⁶ *Narcisismo* é um termo muito usado na Psicologia, principalmente na Psicanálise. Retirado da mitologia grega de Narciso, remete aos aspectos da própria imagem, do próprio *eu*, no caso do luto materno, causando a chamada ferida narcísica, pois o filho morto é uma parte do ser da mãe que se perde. (Cf. BECKER, E. *A negação da morte: uma abordagem psicológica sobre a finitude humana*, p. 166-169).

⁹⁷ FREITAS, N. K. *Luto materno e psicoterapia breve*, p. 41.

⁹⁸ Cf. CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*, p. 87-91. Ao analisar a família na contemporaneidade, deve-se fazer uma redefinição da mesma, pois, atualmente, a família não obedece à composição clássica de um casal heterossexual com seus filhos, e uma família extensa com avós, tios e primos. Por isso, deve-se ampliar o conceito de família como referida aos vínculos de sangue e aos vínculos legais através do casamento (parentes legais), para incluir aquelas pessoas que constituem a rede de apoio, cuidado e vínculos emocionais mais próximos, com quem se compartilha a vida cotidiana.

⁹⁹ Expressão muito usada na *Psicologia Sistêmica* para indicar que várias coisas poderiam ser ditas e esclarecidas na família, mas que permanecem latentes. A revelação de certos *segredos familiares* poderia trazer maior desconforto e desequilíbrio no sistema familiar.

Segundo Parkes, há evidências de sérias dificuldades conjugais em um terço dos casais após a morte súbita de um filho. A mãe que está em desespero precisando de apoio emocional pode perceber o marido lidando com seu pesar de modo evitador.¹⁰⁰ Conseqüentemente, reações de raiva também podem destruir a família, sobretudo quando as pessoas culpam umas às outras, com ou sem razão, pela perda.

“Em particular, parece provável que a combinação de ansiedade e ambivalência na mãe e evitação do pai vai estar associada a altos níveis de conflito conjugal, de pesar, e sofrimento emocional na mãe após a morte do filho.”¹⁰¹

É necessário levar em conta que cada membro reage e vivencia de modo diferente as fases que envolvem a perda. As mães enlutadas costumam exaltar as qualidades do filho falecido, gerando certo mal-estar nos demais filhos que se sentem deixados de lado, como se mais ninguém tivesse qualidades.¹⁰²

No luto por suicídio, as reações e sentimentos mais comuns dos membros da família são a vergonha relacionada ao estigma, culpa ligada à responsabilidade, raiva por se sentir rejeitado e medo quanto aos próprios impulsos destrutivos. Há uma tendência, tanto da mãe quanto dos demais familiares, de se manterem calados. O silêncio causa grande amargura. É por vivenciar esses sentimentos que a família precisa de um espaço de escuta e acolhimento para que possa elaborar o processo de luto.¹⁰³

Para conseguir reestruturar a vida familiar, é valioso dispor de uma rede de apoio de pessoas amigas que visitem e encorajem a família enlutada. De acordo com Keller,¹⁰⁴ algumas pessoas formam uma rede de proteção gentil e habilidosa, ocasião em que se pode chorar e falar sobre o filho falecido.¹⁰⁵ Esse tipo de ação pode ser considerado um fator que favorece a pessoa enlutada a tornar-se mais resiliente perante a situação de sofrimento.

¹⁰⁰ Cf. PARKES, C. M. *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*, p. 192.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 193.

¹⁰² Cf. FREITAS, N. K. *Luto materno e psicoterapia breve*, p. 48.

¹⁰³ Cf. MELEIRO, A.; BOTECA, N.; PRATES, J. G. Manejo das situações ligadas ao suicídio. In: MELEIRO, A. (Org.). *Suicídio: estudos fundamentais*. São Paulo: Segmento Farma, 2004, p. 175-192.

¹⁰⁴ A autora relata sua experiência por ter perdido um filho. Ela testemunha a importância de ter uma rede de apoio para não se fechar em si e, ao mesmo tempo, poder expressar seus sentimentos e necessidades.

¹⁰⁵ Cf. LAMANNO-ADAMO, V. A família sob impacto. In: BOTECA, N. J. (Org.). *Prática psiquiátrica no hospital geral: inter-consulta e emergência*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 65.

1.3 RESILIÊNCIA

A palavra *resiliência* é um termo que vem da Física dos materiais. É uma força de resistência ao choque e de recuperação. É a capacidade elástica de um material de retornar à sua forma de origem após situação de pressão.¹⁰⁶ A noção de resiliência está associada à presença de fatores de risco e a eventos traumáticos. Na maioria das vezes, o fator de risco é uma *constelação de fatores*.

Mesmo que o termo *resiliência* exista há 30 anos, somente na última década foi utilizado pela Psicologia, iniciando nos trabalhos da Psicologia Comunitária, onde, diante de situação de vulnerabilidade, se percebia com clareza situações de resiliência. O termo significa resistir às crises buscando viver o melhor possível. Os estudos sobre resiliência sugerem uma mudança de paradigma ao propor como enfoque principal a capacidade das pessoas e grupos de superação de experiências traumáticas, demonstrando uma perspectiva de esperança. Assim, ao invés de salientar os aspectos negativos do conflito, tenta-se enfatizar e promover as forças e capacidades para reagir e superar as adversidades.¹⁰⁷

A capacidade de resiliência é avaliada *a posteriori*, na medida em que o indivíduo observa seu comportamento em face do sofrimento e se houve repercussões positivas sobre alguma área da sua vida. Por isso, não se nasce resiliente, mas se adquire essa capacidade no decorrer do desenvolvimento.¹⁰⁸ Nesse sentido, não se deveria dizer que uma pessoa é (ou não) resiliente, já que cada uma tem épocas e circunstâncias da vida em que consegue lidar melhor ou pior com as dificuldades. Por isso, seria mais correto pensar na resiliência como um *estar* mais do que como *ser* resiliente. O conceito de resiliência não deve ser confundido com invulnerabilidade, autossuficiência ou insensibilidade. É exatamente o contrário: é passar pela crise sem negá-la. Indivíduos ou famílias resilientes podem enxergar a crise como oportunidade, e não só como ameaça.¹⁰⁹ No caso de famílias de baixa renda, é comum serem entendidas como

¹⁰⁶ Cf. ROCCA LARROSA, S. M. Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. In: HOCH, L.C.; ROCCA LARROSA, S. M. *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 10.

¹⁰⁷ Cf. *ibid.*, p. 10-11.

¹⁰⁸ Cf. PINHEIRO, D. P. N. A resiliência em discussão. *Revista Psicologia em Estudo*, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 71, jan./abr. 2004.

¹⁰⁹ Cf. WALSH, F. *Fortalecendo a resiliência familiar*, p. 4-8.

as mais vulneráveis devido às condições indignas e à precariedade das contingências econômicas e sociais que castigam a maioria das famílias brasileiras. Porém, pesquisas já realizadas com famílias pobres demonstram que o exercício da percepção da alteridade e da solidariedade, ou seja, a capacidade de se colocar no lugar do *outro*, de estar aberto e ser humilde ajuda a compreender as diversidades e são importantes elementos na dinâmica da resiliência.¹¹⁰

Normalmente, a resiliência está associada a uma boa autoestima e o sentimento de valorização. Pesquisas mostram que a aceitação de si é um dos fatores obrigatórios para que a resiliência aconteça na vida da pessoa. Assim, as pessoas que conseguem estabelecer diferentes relações sociais de apoio, mesmo em ambientes diferentes, se encontram em melhores condições para permitir e aceitar ajuda.¹¹¹

Melillo pontua que, o aspecto fundamental no enfoque da resiliência é a essencial e estrutural necessidade do *outro* como ponto de apoio e segurança para a superação da adversidade.¹¹²

Vanistendael, participante e secretário do BICE,¹¹³ salienta que vários fatores são importantes para a resiliência. Baseando-se em pesquisas e experiências práticas, enunciou os cinco âmbitos principais para a promoção da resiliência e que estão inter-relacionados entre si. São redes de apoio social, em especial a aceitação incondicional da pessoa; o sentido da vida vinculado à vida espiritual e à fé religiosa; as aptidões e o sentimento de controle da própria vida; a autoestima; e o senso de humor.¹¹⁴

Em 1996, Vanistendael criou um desenho que serviria como expressão gráfica para facilitar a compreensão do tema *resiliência* e que chamou em espanhol de *La Casita*.¹¹⁵ Esse modelo é dinâmico e se aplica à análise de uma determinada pessoa ou grupo na sua realidade, contexto e cultura específicos. Por isso, cada setor pode ser considerado como uma

¹¹⁰ Cf. GARCÍA, N. M.; YUNES, M. A. Resiliência familiar: baixa renda e monoparentalidade. In: DELL'AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H.; YUNES, M. A. (Eds.). *Resiliência e Psicologia Positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p. 117-140.

¹¹¹ Cf. ASSIS, S. G. D.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*, p. 46.

¹¹² Cf. MELILLO, A. et al. (Org.). *Resiliência: descobrindo as próprias forças*, p. 67.

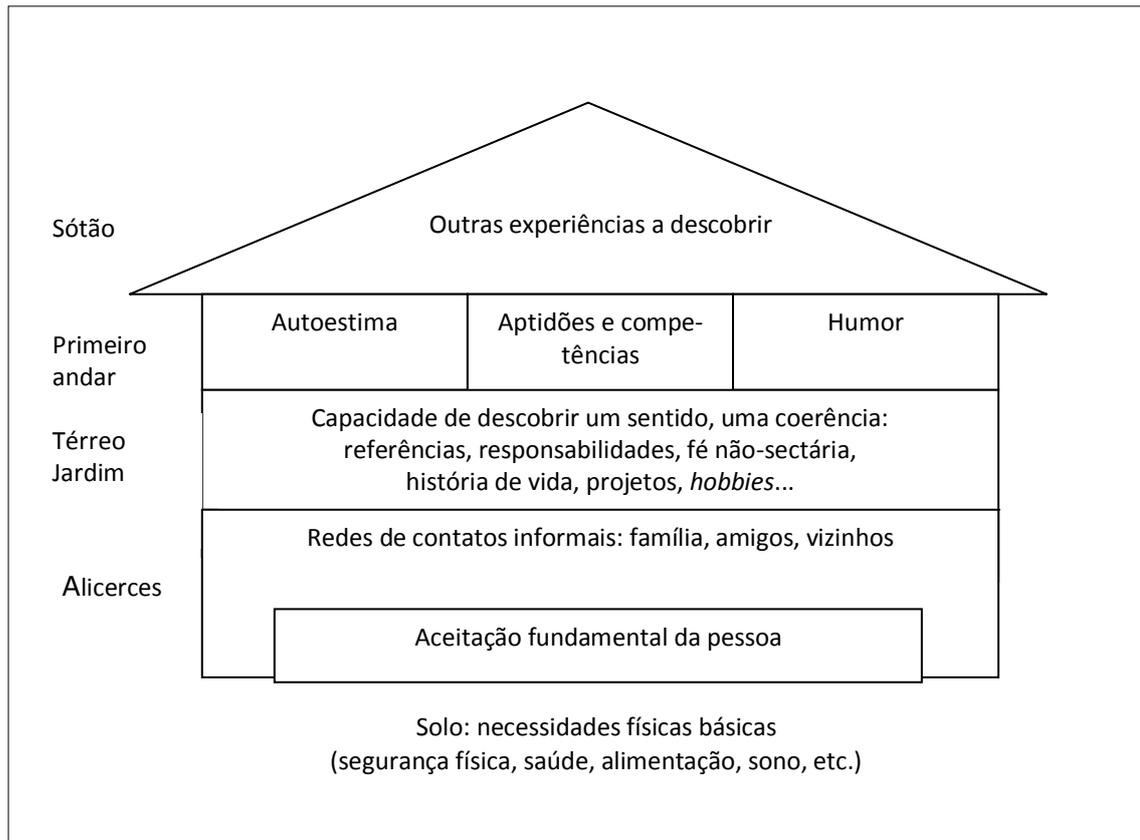
¹¹³ ONG francesa que promove o crescimento espiritual, intercultural e os direitos da criança.

¹¹⁴ Cf. VANISTENDAEL, S. *Cómo crecer superando los percances: resiliência – capitalizar las fuerzas del individuo*, p. 6-17.

¹¹⁵ ROCCA LARROSA, S. M. *As contribuições da espiritualidade e da Pastoral Católica no desenvolvimento da resiliência em jovens de 18 a 29 anos*. 171 f. Tese (Doutorado em Teologia Prática) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2011. [Orientadora: STRECK, Valburga Schmiedt].

área potencial de intervenção para incentivar a promoção da resiliência. O esquema contempla tanto os fatores de proteção, isto é, os recursos externos à pessoa em situação difícil, como os pilares de resiliência, e os recursos internos, competências, aptidões ou capacidades da pessoa que ajudam na superação de situações traumáticas. Segue, o gráfico desenvolvido e chamado por Vanistendael como *La Casita*, como síntese de alguns elementos para a construção da resiliência.

Figura 1 – *La Casita*: síntese de alguns elementos para a construção da resiliência



Fonte: VANISTENDAEL, Stefan. 1996, Casitafr – BICE. In: ROCCA LARROSA, S. M. *As contribuições da espiritualidade e da Pastoral Católica no desenvolvimento da resiliência em jovens de 18 a 29 anos*. 171 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2011, p. 29.¹¹⁶

Observando a figura 1, constata-se como alicerce, além das necessidades físicas básicas, a autoestima. Segundo pesquisas, a aceitação de si é uma das poucas condições (quase indispensáveis) para o desenvolvimento da resiliência. No entanto, todo ser humano necessita se relacionar com outras pessoas que poderão dar suporte nos momentos de crise. Os pesquisadores denominam essas pessoas de *tutores de resiliência*.¹¹⁷ No convívio e no autoconhecimento, a pessoa vai percebendo suas aptidões e encontrando sentido à sua vida através da capacidade de assumir responsabilidades, ser coerente em suas palavras e ações, onde entra a questão da fé como agente resiliente que será abordado a seguir nesta pesquisa.

Também um importante pilar para a resiliência é o senso de humor, cuja capacidade é de trazer à realidade dolorosa algo mais positivo e suportável. No entanto, estando a pessoa

¹¹⁶ Essa figura encontra-se também na obra: ROCCA LARROSA, S. M. *Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação das adversidades*. In: HOCH, L. C.; ROCCA LARROSA, S. M. *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 15.

¹¹⁷ Cf. *ibid.*, p. 16-20. A autora entende o termo *tutores* de resiliência não no sentido paternalista, mas no sentido de apoio incondicional, cuidador, necessário para o auxílio de quem sofre.

em constante cultivo de si e de relações interpessoais, sentir-se-á aberta para outras experiências e novos desafios que a auxiliarão ainda mais na constituição da resiliência.

Segundo Rocca Larrosa, no contexto latino-americano, de modo especial no CIER,¹¹⁸ a resiliência é um saber interdisciplinar que entrelaça várias áreas como Ciências Sociais, Saúde, Economia, Direito e Teologia Prática, entre outras. Para a autora, poucos autores escreveram até o momento sobre como a interferência da fé, da espiritualidade, ou a pertença a um grupo, comunidade ou instituição religiosa auxilia na superação dos sofrimentos pessoais e sociais.¹¹⁹ Rocca Larrosa acrescenta que o autor Vanistendael, entre outros, dá ênfase a esse fator, considerando que o sentido da vida como pilar de resiliência pode estar vinculado a uma filosofia de vida e, muitas vezes, à vida espiritual e à fé religiosa, tema que será abordado no tópico a seguir.

1.4 BREVE CONCLUSÃO

Enfim, esta primeira seção teve como objetivo apresentar várias reflexões e estudos sobre a morte e o luto na Psicologia. Foi possível constatar seus efeitos, temores, fases e reações diante do mistério da finitude. O desconforto que se percebe na contemporaneidade está cada vez mais generalizado e sentido pelos vivos na presença de pessoas que trazem na face marcas da doença, da finitude e do luto. Esse desconforto é uma evidente antipatia silenciosa, mas perceptível, principalmente por parte de quem sofre a dor da perda.

Esse constrangimento dificulta manifestações de afeto e apoio tanto na proximidade da finitude da vida como para pessoas enlutadas. Ignoram-se ritos de iniciação na morte em si, dispõe-se de poucas palavras para expressar sentimentos e aflições provocados pela mortalidade humana. Algumas frases rituais ainda são lembradas, mas parecem sem sentido e superficiais.

¹¹⁸ Centro pertencente à Universidade de Lanús, Buenos Aires (Argentina). Nesse centro, a resiliência é estudada e aplicada em projetos sociais, auxiliando uma comunidade ou grupo a superar ,de maneira coletiva, situações adversas.

¹¹⁹ Cf. ROCCA LARROSA, S. M. Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. In: HOCH, L. C.; ROCCA LARROSA, S. M. *Sufrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 11.

Tornou-se evidente que a dor da perda de um filho, bem como de um ente querido atinge de maneira brutal o ser humano, correndo o perigo de se tornar um luto complicado. A perda envolve toda a família, sendo importante a compreensão e o apoio do meio como suporte para a resiliência. Na determinação do curso do luto, a variável mais influente parece ser a personalidade da pessoa enlutada, ou seja, a maneira como determina seu comportamento de apego e os modos como reage a situações estressantes, o que a torna mais vulnerável ao sofrimento e à perda.

No entanto, tendo como pano de fundo a pesquisa realizada com mães enlutadas, percebe-se que emergem desse acontecimento, a *morte*, questões de ordem espiritual, de modo especial, a busca pelo consolo na fé e na esperança. A reflexão a seguir voltará o olhar para a Teologia cristã. A próxima seção abordará a semântica da morte e ressurreição nas Escrituras, nos Símbolos, no Magistério e como ela é discutida na Teologia Contemporânea, como esperança na vida que há de vir e agente de resiliência.

2 MORTE E FÉ NA RESSURREIÇÃO

Esta seção apresenta algumas reflexões teológicas sobre a morte e a fé na ressurreição, percorrendo um caminho metodológico que permite uma visão sobre a teologia da morte, partindo de uma interdisciplinaridade entre Filosofia, Psicologia e Teologia. Entendida como reflexão teológica, a seção aborda questões relativas à morte e ressurreição na Bíblia, na Tradição Cristã, na Patrística e no Magistério da Igreja, não deixando de considerar a visão da Teologia contemporânea e o debate atual sobre o assunto. O ponto de partida sempre será a morte de Jesus, que aponta para a esperança na ressurreição, ponto central da fé cristã. É importante reiterar que esta investigação não trata diretamente da Escatologia e, por isso, não menciona a complexidade de assuntos e questões que o tratado exigiria.

Nos estudos de culturas e povos antigos, percebe-se que o ser humano sempre abominou a morte e, provavelmente, sempre a repelirá. Dos pontos de vista psicológico e psiquiátrico, o fenômeno é bastante compreensível. Kübler-Ross assume que a impressão de imaginar um fim da vida na Terra é inaceitável inconscientemente.¹²⁰ E, se a vida tiver um fim, esse será atribuído a uma intervenção maligna fora do alcance.¹²¹ Portanto, a morte em si está associada a uma ação má, a algo que em si clama por recompensa ou castigo.

Alguns teóricos da Psicologia entendem a religião e a Igreja como uma instituição que trata de organizar o que não pode ser suportado. A partir da necessidade humana de controlar o mundo e a natureza à sua vontade, a Igreja proporciona também a proteção necessária contra os inimigos e os demônios internos, ou seja, a pulsão de morte.¹²² Para Freud, o ser humano é regido pelo princípio do prazer e deseja introjetar somente o que é bom e expulsar tudo o

¹²⁰ Cf. VIÇOSO, H. *Dicionário enciclopédico de Psicologia*. Lisboa: Trato e Grafia, 2008, p. 642. Inconsciente, do latim *inconsci*us - às vezes chamado também de *subconsciente* é um termo psicológico com dois significados distintos. Em um sentido amplo, mais genérico, é o conjunto dos processos mentais que se desenvolvem sem intervenção da consciência. O segundo significado, mais específico, provém da teoria psicanalítica e designa uma forma específica de como o inconsciente, em sentido amplo, funciona. Vários pesquisadores estão de acordo ao admitir a existência de processos mentais inconscientes, ou seja, do inconsciente em sentido amplo. Para evitar a confusão entre os significados, alguns estudiosos preferem utilizar o adjetivo *não consciente* no primeiro significado, reservando o adjetivo *inconsciente* para o significado psicanalítico.

¹²¹ Cf. KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*, p. 6.

¹²² Cf. FREUD, S. Totem y tabu. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1913/1914, p. 876-901, v. 13.

que for considerado mau, depositando-o no externo. Para manter a vida, deveríamos lidar bem com a morte. Diz Freud: “Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte.”¹²³

Heidegger apresenta a morte como um modo de ser. O ser humano, desde que nasce, é um ser-para-a-morte, porque a morte pertence ao contexto da vida. Assumindo a morte com lucidez, o ser humano conquista a autenticidade e cumpre sua missão. A morte é a chave hermenêutica para a compreensão da existência. No entanto, é conhecida a crítica de Sartre a essa visão da morte em Heidegger. Conforme Sartre, a morte desvela o absurdo de toda a espera. Assim, a vida não é outra coisa senão uma série de esperas que pendem todas para o fim último.¹²⁴ Desse modo, a morte surge na dimensão complementar: o *ser-para-a-morte* se converte em *ser-para-o-nada*. Contudo, tanto Heidegger como Sartre, ainda que por caminhos opostos, possibilitaram o estabelecimento de um paradigma comum: a morte como fator de valorização da vida.

Rahner, influenciado pelas ideias existencialistas de Heidegger, percebe a morte sempre presente ao longo da vida. O teólogo fala da *prolixitas mortis*, que significa morte contínua – termo usado por Gregório Magno, *uma-vida-para-a-morte*, ou seja, a presença da morte em tudo o que fazemos. Rahner traduziu para a Teologia o conceito de Heidegger, de *ser-para-a-morte*. A expressão significa o processo concreto da crescente acumulação de elementos da morte na história da vida humana. Na interpretação rahneriana, em todas as experiências de debilidade, doença e desilusão, o ser humano morre um pouco.

Em definitivo, de fato, não existe algum momento na antropologia cristã que, por ser cristãmente entendido, não deva ser confrontado com a doutrina de morte desenvolvida no quadro de uma concepção cristã, não importa se em uma teologia tradicional isto seja ignorado. A existência humana inteira é orientada à morte, e esse momento decisivo definitivamente é acolhido em cada tratado, porque tem por objeto uma dimensão de existência humana em uma teologia do espírito e do conhecimento, em uma teologia de liberdade, em uma teologia da coparticipação humana e do amor em uma descrição cristã, experiências fundamentais vividas da existência humana (angústia, esperança, alegria, desespero, fé...), já que esse ser-para-a-morte conota tudo aquilo que é presente na vida humana e comunica a sua problematidade à abertura ao mistério e à sua seriedade última.¹²⁵

¹²³ FREUD, S. *Consideraciones de actualidad sobre la guerra y la muerte*. In: _____. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1915/1948, p. 2117, v. 2.

¹²⁴ São várias as divergências e convergências do pensamento de Sartre e Heidegger mas, talvez, a intriga maior entre ambos se deva em relação à compreensão da morte. (Cf. SARTRE, J-P. *O ser e o nada*: ensaio de Ontologia fenomenológica, p. 58-71; Cf. HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*, p. 134-219).

¹²⁵ RAHNER, K. *Il morire cristiano*, p. 21. “Indefinitiva, infatti, non esiste alcun momento dell’a antropologia cristiana che – per essere cristianamente inteso – non debba venir confrontato con la dottrina della morte sviluppata entro il quadro di una concrezione cristiana, non importa se in una teologia tradizionale questo avvenga o sia trascurato. L’intera esistenza umana è orientata alla morte, e questo momento decisivo in

O grande problema atual acerca da morte é a sua privatização, isto é, reduziu-se a consciência da morte para a esfera individual. Esse é o reflexo do narcisismo moderno que associa tudo a cada um individualmente. Tudo gira em torno do *eu*. Com a morte do indivíduo, portanto, *está tudo acabado!* Nesse caminho, o indivíduo acredita ser o produtor de sua própria vida. Muitas vezes se isola e vive uma grande solidão. Trata-se da morte social. Pode-se concordar com Moltmann, ao dizer que a consciência reprimida da morte mata o ser humano já em vida e o torna apático em relação aos outros e a si mesmo, assumindo preconceitos e erguendo muralhas ao seu redor.¹²⁶

Para a Teologia, na profissão da fé cristã, a morte é o termo da vida terrestre. Para Cardedal, pensar a morte significa remeter-se a uma história em que Deus revelou seu amor, indo ao encontro dos seres humanos para transformar a morte em vida. Narrar essa história é anunciar que o amor é o essencial anúncio do cristianismo.¹²⁷ Assim, a esperança da ressurreição deve trazer consigo uma nova compreensão do mundo. Esse mundo que não é o céu da autorrealização; esse mundo que não é o inferno da autoalienação; o mundo que ainda não está concluído, mas entendido como algo que está em processo, um mundo possível em que pode estar a serviço da futura verdade e paz prometidas. Se o mundo perdeu o horizonte, a tarefa da comunidade cristã é reconduzi-lo à esperança no futuro do Cristo crucificado/ressuscitado.

2.1 PERSPECTIVA BÍBLICA

Tudo o que os cristãos podem dizer acerca da morte e da ressurreição tem como fonte a Sagrada Escritura, sendo considerada “a alma de toda a Teologia”. (DV, 24). Quanto à morte, os seres humanos sempre buscaram encontrar sentido para ela de diferentes maneiras. Por

definitiva va accolto in ogni trattato che abbia per oggetto una dimensione dell'esistenza umana, in una teologia dello spirito e della conoscenza, in una teologia della libertà, in una teologia della copartecipazione umana e dell'amore, in una descrizione cristiana dei vissuti fondamentali dell'esistenza umana (angoscia, speranza, gioia, disperazione, fiducia,...), poiché questo essere per la morte, conota tutto ciò che è presente nella vita umana e comunica a esso la sua problematicità, l'apertura al mistero e la sua serietà ultima” [Tradução nossa].

¹²⁶ Cf. MOLTSMANN, J. *No fim, o início: breve tratado sobre a esperança*, p. 147-151.

¹²⁷ Cf. CARDEDAL, O. G. *Sobre la muerte*, p. 27.

isso, é necessário restituir a experiência bíblica da morte e da ressurreição em sua complexidade.

2.1.1 A morte no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, a experiência da morte aparece de maneira profundamente ambígua. Por um lado, ela é vivenciada como término natural da vida; por outro, é sentida como provação e como maldição.

No relato em *Gn* 2-3, lê-se a queda do ser humano no paraíso e a irrupção da morte como consequência da queda, ou seja, do pecado cometido contra Deus, tornando o ser humano mortal. A narrativa do *Gênesis* apresenta, assim, a morte como castigo pelo pecado cometido por Adão e Eva (*Gn* 2,17). O relato consta na narrativa javista, podendo ser encontrado no *livro da Sabedoria* (*Gn* 2,24). Segundo esse ensinamento, ao desobedecer, Adão escolheu viver sob o reinado da morte. “Com o suor do teu rosto comerás teu pão até que retornes ao solo, pois dele foste tirado. Pois tu és do pó e ao pó tornarás.” (*Gn* 3,19). Deus, proibindo o ser humano de provar do fruto do conhecimento do bem e do mal, disse que, se desobedecesse, conheceria a morte, pois esse juízo caberia somente a Deus. O israelita fala desde sua experiência: a morte começa quando Iahweh *abandona* o homem.¹²⁸

Na visão da morte natural, entretanto, essa poderia ser a consumação do relacionamento da vida, ou seja, não haveria necessidade de ela ser uma ameaça, não precisaria vir prematuramente, inoportuna ou em má hora. Não teria que ser rompimento, mas poderia ser o fim justo. Assim, para o israelita, a vida terrestre é o dom de Deus por excelência. “Abraão expirou: morreu numa velhice feliz.” (*Gn* 25,8). A morte dos patriarcas comprova essa possibilidade de uma morte com concisão e beleza insuperáveis na frase de *Jó* 5,26: “Em robusta velhice entrarás para a sepultura, como se recolhe o feixe de trigo ao seu tempo.” Segundo a lógica da Antropologia hebraica, a morte atinge não somente a carne (*bâsâr*), mas também a alma (*nêfesh*). Assim, o homem retorna ao pó (Cf. *Gn* 3,19; *Sl* 90,3; *Jó* 34,15; *Ecl* 12, 1-7).¹²⁹ “Ó homem! Seus dias são como a relva: ele floresce como a flor do campo; roça-lhe um vento e já desaparece, e ninguém mais reconhece seu lugar.” (*Sl* 103, 15-16).

¹²⁸ Cf. HOFFMANN, P. Morte. *Dicionário de Teologia. Conceitos fundamentais da Teologia atual*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1987, p. 363-374, v. 3.

¹²⁹ Cf. GEFRE, C. Morte. In: LACOSTE, J-Y. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 1.195-1.201.

Outra percepção da morte no Antigo Testamento é como provação ou maldição, entendida como a morte súbita ou *no meio dos dias*. Essa morte lança suas sombras sobre a vida humana quando se percebe que ela acontece fora de hora, inoportunamente.¹³⁰ A partir disso, compreende-se que, no Antigo Testamento, predomina a ideia de morte como evento que aliena a relação do ser humano e Deus, constituindo a verdadeira desgraça da morte. Os *Salmos* relatam essa ameaça da morte má, em que a doença, a miséria e a solidão aparecem. “Que ganhas com meu sangue, com minha descida à cova? Acaso te louva o pó, anuncia tua verdade?” (*Sl* 30,10). Um enigma para Israel é que também o justo sofre, ou seja, é ameaçado pela maldição e desgraça, cujo questionamento apresenta-se intenso no relato do *livro de Jó* (Cf. *Jó* 3, 4, 5, 6, 7,9, 12, 13, 16, 19, 2-3, 27, 29, 30 e 31). A morte, assim, aparece sem piedade e com muita brutalidade.¹³¹ “Tal é o destino daqueles que esquecem a Deus, assim desvanece a esperança do ímpio.” (*Jó* 7, 13).

No Antigo Testamento, em *Eclesiastes*, a morte é evocada nestes termos:

No dia em que os guardas da casa tremem e os homens fortes se curvam, em que as mulheres, uma a uma, param de moer e cai a escuridão sobre as que olham as janelas; quando se fecha a porta da rua [...], e o tempero perde o sabor, é porque o homem já está a caminho de sua morada eterna, e os que choram sua morte começam a rondar pela rua. [...]; antes que o pó volte à terra de onde veio e o sopro volte a Deus que o concedeu. (*Ecl*, 12, 3-7).¹³²

Iahweh é o Senhor da vida e da morte (Cf. *Dt* 32,39). Por isso, a concepção de morte está relacionada com a vida, ou seja, Deus, o Criador, presenteou o ser humano com a vida, uma dádiva e não uma propriedade do vivente. Mas as forças da morte estão sempre em ação na criação, e séculos serão necessários para que a tradição bíblica comece a formular a ideia de uma vitória definitiva sobre a morte.

No Antigo Testamento, o lugar da morte é denominado *Sheol*, ou seja, a morada dos mortos, chamada *terra estéril e deserta*. Segundo a concepção antiga de mundo, o *Sheol* se encontra na parte mais profunda da terra, onde é o lugar dos mortos. Por isso os salmos falam da fossa (Cf. *Sl* 40,3; 55,24; 143,7) e da correspondência à profundidade da terra: “Quanto aos que me querem destruir, irão para as profundezas da terra.” (*Sl* 63,10). Ali a morte assume sua distância e separação do mundo dos vivos, a perda da possibilidade de desenvolver-se como

¹³⁰ Cf. MCKENZIE, J. L. Morte. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983, p. 633.

¹³¹ Cf. NERI, U. *Escatologia bíblica: Catechesi di Monteveglio*, p. 19.

¹³² Livro do Eclesiastes. Antigo Testamento.

ser humano. Na concepção hebraica, o defunto continua a existir como *ele mesmo* era antes da morte, mas no *Sheol*, sem luz (Cf. *Jó* 10,21), num lugar de silêncio (Cf. *Sl* 94,17). O reino dos mortos caracteriza-se pela distância de Deus. O morto não toma parte do culto divino (Cf. *Sl* 6;6; 30,10; 88,11; 115,17; *Is* 38,11.18).

No Antigo Testamento, a morte ideal é aquela natural, ou seja, na plenitude da velhice, com as faculdades ainda intactas (Cf. *Gn* 25,8; *Jó* 21, 23s; 29, 18-20), pois só assim a pessoa iria em paz para o *Sheol*. O ser humano veterotestamentário, quando morre, não volta para Deus, ou seja, é o fim do relacionamento com ele, confirmado pela frase do *Salmo*: “Os mortos não louvam o Senhor” (*Sl* 115,17), ou seja, é a não *relacionalidade* com Deus.¹³³ Contudo, a morte é aceita como enviada de Iahweh (Cf. *2 Sm* 12, 15-24; *Sl* 39,14; *Ecl* 3,2; 9), pois é, antes de tudo, um apelo para viver bem a vida: “Ensina-nos a contar nossos dias, para que venhamos a ter um coração sábio.” (*Sl* 90,12).

2.1.2 A ressurreição no Antigo Testamento

É a partir do sec. II a.C., no *Livro de Daniel* e em *2 Macabeus*, que se encontra a afirmação explícita de uma ressurreição dos mortos. O *Livro de Daniel* é importante pelas afirmações que contém sobre a ressurreição dos mortos (Cf. 7,9; 14,46) o mérito dos mártires (Cf. 6,8;7-41), a intercessão dos santos (Cf. 15,12-16) e a prece pelos defuntos (Cf. 12, 45).¹³⁴ No livro de *2 Macabeus* 7,9, lê-se: “Chegado já ao último alento, disse: “Tu, celerado, nos tiras desta vida presente. Mas o Rei do mundo nos fará ressurgir para uma vida eterna, a nós que morremos por suas leis!” Essa crença tardia dá testemunho da potência universal de Deus que se estende até o *Sheol*. A ideia de poder salvar-se da morte não se exprimia senão na fé, no poder salvífico de Iahweh como expressado em *Ez* 37: “Eis que vou fazer com que sejais penetrados pelo espírito e vivereis.” Somente em época posterior ao exílio, foi prometida, com base em uma completa transformação da concepção de mundo e da própria escatologia israelita, a supressão definitiva da morte através da ressurreição dos mortos como expressa o livro de Isaías: “Os teus mortos tornarão a viver, os teus cadáveres ressurgirão. Desperta e cantai,

¹³³ Cf. JÜNGEL, E. *Morte*, p. 49.

¹³⁴ Cf. GEFRE, C. *Morte*. In: LACOSTE, J.-Y. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 1.195-1.201.

vós os que habitais o pó, porque o teu orvalho será um orvalho luminoso, e a terra dará à luz sombras” (Is 26, 19).¹³⁵ Contudo, a vida após a morte está sempre sob a soberania de Iahweh, o único capaz de salvar o ser humano.

Para compreender melhor a ressurreição, faz-se necessário rever os termos da visão bíblica do ser humano, à luz da revelação. O primeiro termo é *bâsâr*, que significa carne de qualquer ser vivo, homem ou animal. A carne passa a ser manifestação da vitalidade orgânica, aquilo que, nas línguas modernas, é o corpo. *Bâsâr* designa o homem inteiro. O termo também se refere aos animais que, como o ser humano, possuem um substrato comum orgânico. Humanos e animais se aproximam ontologicamente, embora qualitativamente sejam diferentes. *Bâsâr* também significa parentesco, familiaridade e solidariedade humana. (Cf. Gn 2,23-24). É toda a espécie humana. A carne também simboliza a fragilidade e a vulnerabilidade. (Cf. Is 40,6; Sl 78, 39). Na dimensão bíblica, percebe-se a relação: Criador-criatura. A carne também não é fonte do mal, mas do desfalecimento biológico.

O segundo termo é *nefesh*, que significa garganta, respiração (Cf. Sl 69,2). Princípio vital comum a todos, comum a homens e a animais. É o ser vivente em geral. O centro vital imaterial do ser humano, animado por um dinamismo. É uma dimensão espiritual. O termo hebraico foi traduzido para o grego como *psiche*. *Bâsâr* e *nefesh* constituem a estrutura do ser humano inteiro. O pecado não é destinado ao corpo, e a santidade, à alma, mas ao humano inteiro.

O terceiro termo é *ruah*, que significa o espírito de Iahweh. *Ruah* é dom divino ao ser humano. Com o termo se expressa a nova dimensão do ser humano, a abertura para Deus (Cf. Is 11, 10-16). Então, resumidamente, se pode concluir que o ser humano é *basâr* entendido como ser mundano, solidário com os demais seres. É *nefesh* enquanto participante de uma dimensão vital e é *ruah* enquanto receptor do influxo divino e que o chama a um destino salvífico.

O ser humano veterotestamentário crê que a relação de Deus com aquele que ele ama é tão forte para que a morte possa pôr um fim, por isso o seu amor deve ser motivo de esperança perene.¹³⁶ “Por isso meu coração se alegra, minhas entranhas exultam e minha carne repousa em segurança; pois não abandonará minha vida no Sheol, nem deixarás que teu fiel veja a cova.” (Sl 16,9-10). No *Livro de Isaías*, a promessa da ressurreição aparece também como

¹³⁵ Cf. HOFFMANN, P. Morte. *Dicionário de Teologia: conceitos fundamentais da Teologia atual*, p. 363-374.

¹³⁶ Cf. NERI, U. *Escatologia bíblica: Catechesi di Monteveglio*, p. 20-31.

cessação da dor e recuperação de toda a vida em Deus, porque esse dará alegria a todos, dilacerando a morte para sempre, e ordenará aos cadáveres que ressurjam. “Destruíu neste monte o véu que envolvia todos os povos e a cortina que se estendia sobre todas as nações; destruiu a morte para sempre. O Senhor Iahweh enxugou a lágrima de todos os rostos; ele há de remover de toda a terra o opróbrio do seu povo, porque Iahweh o disse.” (Is 25,7-8).

Tendo como base o *Livro do Gênesis*, o Novo Testamento afirmará nitidamente, apesar de inerente à finitude humana, a morte como salário do pecado.¹³⁷ Nesse contexto, se volta o olhar para a morte de Cristo como a vitória sobre a morte.

2.1.3 A morte no Novo Testamento

No Novo Testamento, a morte é concebida como uma consequência *do castigo pelo pecado*. A morte é vista como um grande inimigo a ser derrotado. Paulo exprime sua concepção sobre a morte, partindo da fé no crucificado, que é portador da salvação, porque a humanidade que descende de Adão está sujeita à morte. Ele se refere, em primeiro lugar, à morte física, mas compreende também a morte espiritual, a do afastamento de Deus. Ele entendeu a morte como *salário do pecado*. (Cf. *Rm* 6,23). A reflexão sobre a morte encontra uma ligação direta com o ensinamento do apóstolo sobre o pecado, a lei, a carne (*sarx*), o *pneuma*.¹³⁸ No Novo Testamento, os termos que designam o ser humano em sua totalidade são *sarx*, *soma* e *pneuma*. *Sarx* lembra o termo hebraico *basâr*, a sua natureza humana e sua fragilidade. Viver segundo a carne não significa que a carne é pecadora, mas que é a existência isolada de Deus que faz o ser humano pecar. *Soma* é o ser humano inteiro vivendo no espaço-tempo e solidário com os demais, portador da imagem de Adão e capaz de reproduzir a imagem de Cristo. O termo *pneuma* tem sua equivalência em *ruah*, ou seja, a comunicação de Deus para o ser humano. É o ser humano aberto para Deus.

Embora *sarx* não seja uma potência ativa da morte, é nela que se manifesta a dominação do pecado. Por isso, Deus enviou seu Filho, que assumiu na carne o pecado para nos li-

¹³⁷ Cf. GEFRE, C. Morte. In: LACOSTE, J-Y. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 1.195-1.201.

¹³⁸ Cf. RUIZ DE LA PEÑA, J. L. *Imagem de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 20-26.

bertar da morte (Cf. *Rm* 8,3).¹³⁹ Remetendo-se à queda do ser humano em *Gênesis*, Paulo faz a relação Adão-Cristo, em que pelo primeiro entrou o pecado, a desobediência e a morte, e, pela obediência de Cristo, entrou a vida no mundo.

Em *1 Cor* 15,22, analogamente, Paulo diz que morremos em Adão, mas que todos fomos trazidos de volta à vida em Cristo. Nessa concepção, Cristo é denominado o *Novo Adão*. Se Deus assim “encerrou todos os homens na desobediência era para fazer misericórdia a todos.” (*Rm*, 11,32). Em Cristo, ele se reconcilia com o mundo (Cf. *2 Cor* 5,19). Cristo é o novo Adão porque traz em si a nova humanidade, nele se realiza a morte ao pecado, e todos quantos se ligam a ele participam na obra da salvação. (Cf. *Rm* 5,12ss; *1 Cor* 15).¹⁴⁰

Um elemento importante da concepção neotestamentária é constituído pela afirmação de que Jesus superou a morte com sua própria morte. (Cf. *1 Cor* 15,25s). Cristo despojou a morte de seu poder (Cf. *2Tm* 1,10) e nos libertou da lei do pecado e da morte (Cf. *Rm* 8,2). Por isso, o Novo Testamento afirma que Cristo morreu e ressuscitou para ser o Senhor dos mortos e dos vivos. (Cf. *Rm* 14,9).¹⁴¹

O batismo cristão também faz referência à morte. Em *Rm* 6, 3-11, o apóstolo faz a seguinte reflexão: “Ignorais que, batizados em Cristo Jesus, é na morte que todos fomos batizados?” Com essa indagação, Paulo salienta que, para aquele que é batizado em Cristo, a vida diária é uma morte e uma ressurreição com Cristo (Cf. *Rm* 6,2s).

Nos evangelhos Sinóticos, o centro dos relatos está no anúncio da salvação deste mundo de morte através do envio do Filho de Deus ao mundo (Cf. *Jo* 3,17-19; 6,14; 9,39; 12,46), que, com sua morte, vence o pecado. Alguns textos remetem à busca de sentido na morte de Jesus: “O Cristo foi entregue por nossas faltas e ressuscitado para a nossa justificação.” (*Rm* 4,25). Outras passagens bíblicas evocam que Cristo morreu por nós. (Cf. *Rm* 5,6-8). Outras, ainda, que ele morreu *por nossos pecados*. (Cf. *1 Pd* 2,24).

De acordo com os evangelhos, foi o próprio Jesus quem se colocou no caminho para Jerusalém, onde aconteceu a entrada triunfal e messiânica que levou as pessoas a identificarem-no como o Messias esperado. (Cf. *Mc* 11, 15-17). Porém, mesmo deixando-se conduzir à morte que o devolverá ao Pai (Cf. *Jo* 14,28), a sombra da cruz é tão pesada que Jesus chora e se sente

¹³⁹ Cf. HOFFMANN, P. Morte. *Dicionário de Teologia: conceitos fundamentais da Teologia atual*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1987, p. 363-374, v. 3.

¹⁴⁰ Cf. REY, B. *Nova criação em Cristo no pensamento de Paulo*, p. 102-103.

¹⁴¹ Cf. MCKENZIE, J. L. Morte. *Dicionário Bíblico*, São Paulo: Paulus, 1983, p. 632-634.

perturbado. A expressão *Minha alma está perturbada* (Jo 12,27) mostra que aquele que veio para vencer a morte deixa-se tomar pela consciência acerca da violência, da hostilidade.¹⁴²

Na literatura romana, a crucifixão é descrita como uma punição cruel e temida, não sendo aplicada aos cidadãos romanos, mas aos escravos e criminosos. Na cruz, Jesus tomou sobre si os pecados de toda a humanidade, trazendo a ela a redenção dos pecados. (Cf. *Cl* 2,14).¹⁴³ A voluntariedade de sua autoentrega é fortemente sublinhada na captura e na prisão (Cf. *Mc* 14, 46; *Mt* 26,50; *Jo* 18,12), mostrando que Jesus enfrentou o momento de sua morte. Cristo, ao morrer na cruz, deixa claro seu incondicional amor à humanidade. (Cf. *Rm* 8,35; *Gal* 4).

Jesus atravessou a porta de nossa solidão extrema. Na exclamação: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?* (*Mc* 15,34), encontram-se duas interpretações diferentes entre os teólogos. Uma apresenta que, na Paixão, Cristo afundou no abismo de nossa sensação de abandono, sentindo-se abandonado pelo Pai. Por isso, é o total abandono de Jesus por parte da humanidade e de Deus. A outra interpretação ressalta que a expressão dita por Jesus são palavras do *Salmo*, uma oração de Israel, que resume de maneira intensa a aflição e a esperança desse povo escolhido por Deus e, justamente por isso, aparentemente tão abandonado por ele. Essa oração, que se levanta do tormento mais profundo da escuridão sem Deus, termina com um louvor à grandeza de Deus. Nessa interpretação, o grito de Jesus não se refere a si mesmo, mas ao Pai. Seu grito enfrenta a realidade do mundo inteiro, que se sente abandonado por Deus, mas, ao mesmo tempo, o rejeita. Portanto, não é o Filho que se sente abandonado pelo Pai.¹⁴⁴

¹⁴² Cf. FEINER, J.; LOEHRER, M. *Mysterium Salutis*. Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica. O Evento Cristo. *Mysterium Paschale*. III/6. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 84.

¹⁴³ Cf. MCKENZIE, J. L. Cruz. In: *Dicionário Bíblico*, São Paulo: Paulus, 1983, p. 203-204.

¹⁴⁴ É possível considerar que, psicologicamente, Jesus sentiu-se imensamente abalado diante do desafio do sofrimento da morte, como qualquer ser humano assim sentiria. O relato bíblico declara a confissão de Jesus quanto à perturbação e angústia de seu ser. As duas hipóteses têm determinado sentido, pois Cristo poderia tanto estar se sentindo abandonado pelo Pai, o que acontece com muitas pessoas diante de um sofrimento insuportável, como poderia estar entregando sua aflição e sofrimento a ele. De qualquer maneira, sendo Jesus inteiramente humano, seu sofrimento físico e psíquico torna-se indiscutível, independentemente da interpretação teológica que se dê.

2.1.4 A ressurreição no Novo Testamento

A ressurreição de Jesus é narrada no Novo Testamento através do relato do túmulo vazio e das aparições de Jesus ressuscitado. As passagens são derivadas de credos, de hinos e orações da liturgia cristã primitiva, da pregação e catequese apostólica (Cf. *At* 2,24-28). Há concordância em *Mt* 28, 1-10; *Mc* 16, 1-8; *Lc* 24, 1-11 de que o túmulo foi encontrado vazio pelas mulheres, por um mensageiro, por um jovem, por dois homens; de que o próprio Jesus apareceu às mulheres; de que as mulheres anunciaram a ressurreição aos discípulos e, além disso, cada evangelho apresenta características próprias. Também as narrativas das aparições (Cf. *Mt* 28, 16-20; *Lc* 24,13-53; *Jo* 20, 19-29; 21,1-23), eventualmente combinadas com a tradição do sepulcro, aparecem em diferentes variações. O cerne da fé pascal foi a mudança no comportamento dos discípulos. Porém, os textos mencionam aparições ocorridas a determinadas pessoas como mensageiras da fé na ressurreição. (Cf. *1 Cor* 15,5-7; *Lc* 24,34).¹⁴⁵ Jesus se mostra a Paulo a caminho de Damasco (Cf. *1 Cor* 15,8), das testemunhas ele faz seus apóstolos. Jesus se mostra a eles e não ao mundo (Cf. *Jo* 14,22), porque o mundo está fechado para a fé.¹⁴⁶

A ressurreição é o vértice da escala das ações salvíficas de Deus. Reconhecer o evento como fato não é o mais importante; porém, aceitá-lo como um ato salvífico é crer nele e alcançar a salvação que nele se realiza. Em *Jo*, Jesus elogia a fé na ressurreição. “Jesus disse a Tomé: ‘Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram!’” (*Jo* 20,29).¹⁴⁷

Estreitamente associada à ressurreição de Jesus, está sua exaltação e glorificação. Cristo ressuscitado da morte senta-se à direita do Pai como intercessor. (Cf. *Rm* 8,34). A fé no crucificado-ressuscitado transformou-se na conversão ao *Kyrios* (Cf. *At*. 13,12). Em Jesus, Deus fixou para sempre sua relação com a humanidade. (Cf. *1 Ts* 1,10; 4,17). Com base nisso, Paulo chamará Jesus de primícias dos que estão mortos. (Cf. *1 Cor* 15,20).

A fé pascal, enfim, se torna o fundamento da esperança dos cristãos: o Deus que reergue Cristo dentre os mortos é essencialmente aquele que aniquilará o sofrimento e a morte e

¹⁴⁵ Cf. KESSLER, H. Ressurreição. In: EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 783-792.

¹⁴⁶ Cf. XAVIER, L. D. S. J. Ressurreição. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 885-891.

¹⁴⁷ Cf. MCKENZIE, J. L. Cruz. *Dicionário Bíblico*, São Paulo: Paulus, 1983, p. 791-793.

levará toda a realidade a seu cumprimento definitivo. (Cf. 1 *Ts* 4, 13-18; 1 *Cor* 15; *Rm* 4,17; 8, 11s).¹⁴⁸

O Apocalipse menciona duas ressurreições: a ressurreição primeira seria a passagem da morte para a vida que se dá no Batismo de cada cristão, quando começa a viver a vida sobrenatural, ou a vida do céu, em meio às lutas da Terra; a ressurreição segunda seria, sim, a ressurreição dos corpos, que se dará quando Cristo vier em sua glória para julgar todos os homens e definir a história. (Cf. *Ap* 22, 3-4).¹⁴⁹

A ressurreição do crucificado dá início à esperança da ressurreição dos mortos e da nova criação do mundo. (Cf. *Rm* 8,11). Na ressurreição de Jesus, revelou-se a vida eterna e se manifestou a força da vida no Espírito Santo. Os corpos mortais superam, em Cristo, não somente o pecado, mas também derrotam a morte.¹⁵⁰ Jesus é a ressurreição e a vida, e ele ressuscitará no último dia, ou seja, na Parusia, àqueles que creem nele.

Mas dirá alguém, como ressuscitam os mortos? Com que corpo voltam? Insensato!... O mesmo se dá na ressurreição dos mortos; semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força, semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual... Num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final: sim a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados. (1 *Cor* 15, 35-53).¹⁵¹

No Novo Testamento, em síntese, afirma-se que Jesus ressuscitado está definitivamente livre da submissão à morte e aos sofrimentos da vida humana. Assim acontecerá na ressurreição dos mortos, quando toda lágrima será enxugada, e os seres humanos ganharão uma vida nova que jamais perecerá.¹⁵² A vida eterna, portanto, não é simplesmente a vida do mundo que há de vir, pois ela se torna desde já uma realidade presente, que começa no batismo. (Cf. *Rm* 5,18-21; 8,12). Na esperança, os cristãos já vivem sob a luz da ressurreição.

¹⁴⁸ Cf. DUQUOC, C. Ressurreição de Cristo. In: LACOSTE, J.-Y. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 1.523-1.530.

¹⁴⁹ Cf. MCKENZIE, J. L. Apocalipse. *Dicionário Bíblico*, São Paulo: Paulus, 1983, p. 56.

¹⁵⁰ Cf. REY, B. *Nova criação em Cristo no pensamento de Paulo*, p. 102-103.

¹⁵¹ Primeira Carta aos Coríntios. Novo Testamento.

¹⁵² Cf. FRAIJÓ, M. Ressurreição. In: SAMANES, C. F.; TAMAYO-ACOSTA, J. J. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 719-730.

Na relação com a primeira seção deste estudo, se poderia levantar a hipótese de considerar que o Novo Testamento, em seu conjunto, representa a elaboração do luto pela perda de Jesus. A comunidade cristã, pela ressurreição de Cristo, reencontra o sentido de sua vida.

2.2 OS FUNDAMENTOS NA TRADIÇÃO CRISTÃ

A Tradição Cristã, em seu conjunto de conteúdos doutrinários e espirituais, ensina que, pela morte inovadora de Cristo, o ser humano está destinado à vida eterna. Nos antigos credos, a Igreja refere-se à ressurreição da carne.

2.2.1 A ressurreição dos mortos nas Fórmulas batismais e nos Símbolos

As Fórmulas batismais declaram que o batismo faz o ser humano morrer para o pecado e ressuscitar com Cristo.

Todos os que são batizados, enxertados nele por morte semelhante à de Cristo, juntamente com ele sepultados na morte (Cf. *Rm 6,4*), são convivificados e conressuscitados com ele (Cf. *Ef. 2, 5-6*). O batismo recorda e realiza o mistério pascal, uma vez que por ele as pessoas passam da morte do pecado para a vida.¹⁵³

Os *Símbolos* da Fé surgiram no decorrer dos séculos II e III, no contexto da prática baptismal e foram se tornando a fórmula que norteia a fé cristã. Os catecúmenos eram interrogados sobre sua fé: Crês em Deus, o Pai todo-poderoso...? Crês em Jesus Cristo, o Filho de Deus...? Crês no Espírito Santo...?¹⁵⁴ Desde então, surgiu a necessidade de resumir o significado de Cristo para o cristão. Os Símbolos Apostólicos, durante muito tempo, foram considerados da era apostólica, pois continham 12 artigos de fé e se acreditava que cada artigo teria sido feito por um apóstolo. No século XVI, entretanto, tal convicção começou a ceder diante dos argumentos das críticas histórica e literária. O mais antigo dos símbolos é o de Santo Hipólito Romano, do início do século III, datado entre 215 e 217.

¹⁵³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Ritual Romano do Batismo de crianças*, n. 6.

¹⁵⁴ Cf. RITUAL DE INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS, p. 99.

O Concílio de Niceia, em 325, menciona a ressurreição dos mortos, indiretamente: *Creio em Jesus Cristo [...] que ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus e virá a julgar os vivos e mortos* (Cf. *DH*, n. 125-126). O Primeiro Concílio de Constantinopla, em 387, explicita a fé na ressurreição e na vida eterna. O Símbolo Niceno-constantinopolitano professa: *espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo futuro*. O Símbolo Quicumque ou Pseudoatanasiano, composto no sec. V, reza: *Na sua segunda vinda, todos os homens ressuscitarão nos seus corpos e darão conta de suas obras, os que praticaram o bem, para a vida eterna; os que fizeram o mal, para o fogo eterno* (Cf. *DH*, n. 75-76).

O 11º Concílio de Toledo, em 675, apresenta uma doutrina mais elaborada sobre a temática:

Ele, Jesus é esperado no fim dos séculos, juiz dos vivos e mortos. A seguir com todos os santos virá para julgar [...] conforme cada qual agiu, seja o bem, seja o mal. [...] Nesta fé cremos na ressurreição dos mortos e esperamos a alegria do século futuro [...] e tendo terminado o juízo, o Filho entregará ao Pai o reino, fazendo-nos participantes de seu reino para que, com Ele reinemos eternamente. (*DH*, n. 574).¹⁵⁵

No *Credo do Povo de Deus, do Papa Paulo VI*, encontra-se a fé na ressurreição:

Cremos em Nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus[...]. Padeceu sob Pôncio Pilatos, Cordeiro de Deus que carregou os pecados do mundo, e morreu por nós pregado na Cruz, trazendo-nos a salvação pelo seu Sangue redentor. Foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia pelo seu próprio poder, elevando-nos por esta sua ressurreição a participarmos da vida divina que é a graça. Subiu ao céu, de onde há de vir novamente, mas então com glória, para julgar os vivos e os mortos, a cada um segundo os seus méritos: os que corresponderam ao Amor e à Misericórdia de Deus irão para a vida eterna; porém os que os tiverem recusado até a morte serão destinados ao fogo que nunca cessará. E o seu reino não terá fim.¹⁵⁶

Nessa profissão de fé, se confessa claramente as etapas da Escatologia, ou seja, a intermediária, que vai desde a morte até a Parusia; e a final, em que se efetua a ressurreição da carne.

¹⁵⁵ DENZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declaração de fé e moral*.

¹⁵⁶ PAPA PAULO VI. *Credo do povo de Deus*, n. 11-12. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/papa_vi/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19680630_credito_po.html>. Acesso em: 2 ago. 2012.

2.2.2 No tempo dos Mártires e das catacumbas

A morte é sempre amarga em si mesma e só consegue ser amada quando for considerada como um caminho para a vida verdadeira. Esse é o caso dos mártires como se refere frequentemente Santo Agostinho:

Quem pensa ser tal perseguidor para vir e dizer: *Nega a Cristo se não queres morrer?* Por acaso é possível negar a vida pela vida? Por uma breve vida vou negar a vida eterna? Por que querem tirar a fé das pessoas com ameaças de morte? Cristo é que tem em seu poder a morte e a vida. Se a morte não significasse nada, que bem fizeram os mártires ao desprezá-la?¹⁵⁷

Perante o martírio que se aproxima, Inácio de Antioquia mostra a forte esperança na ressurreição, comenta sobre uma *água viva* que fala dentro dele, chamando-o para o Pai e o tornando feliz. Para Inácio, a morte seria a entrada em uma nova vida; suportaria as dores com paciência, como as dores do parto, as de um nascimento.¹⁵⁸ Outro exemplo é o de Policarpo de Esmirna que, em oração, já no local onde seria queimado, revela a confiança em Deus que lhe concede o dom do martírio e da vida eterna. Na oração, Policarpo diz que se tornará parte do número dos mártires no cálice de Cristo, para a ressurreição da vida eterna em alma e corpo, na incorruptibilidade do Espírito Santo. Semelhante reação teve Justino quando, em interrogatório prévio ao martírio, o prefeito disse a ele: “Tu imaginas que vais subir aos céus e receber não sei que boas recompensas?” E Justino respondeu com segurança: “Não só imagino como tenho certeza absoluta de que irei aos céus.”¹⁵⁹

Os cristãos que presenciavam o martírio e que não podiam sepultar a mínima porção de suas relíquias, por proibição dos opressores, ficavam em grande sofrimento, piedade e luto. Eles sofriam ao verem malcuidados os cadáveres dos outros, pois não queriam que tratassem assim o seu próprio corpo sem vida, e então, tratavam de proporcionar àqueles que já não existem nesta Terra os cuidados devidos.

¹⁵⁷ AGOSTINHO. Sermón 335-B, 2-3: BAC 448, 696-697. In: PONS, G. *Textos patrísticos: el más allá: en los padres de la Iglesia*. Madrid: Ciudad Nueva, 2001, p. 35.

¹⁵⁸ Cf. GOMES, C. F., OSB. *Antologia dos santos padres: páginas seletas dos antigos escritores eclesiásticos*, p. 33-45.

¹⁵⁹ Cf. PONS, G. *Textos patrísticos: el más allá: en los padres de la Iglesia*, p. 33-34.

2.2.3 A Teologia Patrística

Sendo a morte e a ressurreição os conteúdos fundamentais no âmbito da fé cristã e que possuem suas raízes na mensagem da Sagrada Escritura, os Santos Padres se ocupam desses ensinamentos dentro do conjunto de suas exposições de caráter teológico ou pastoral.

Santo Agostinho aborda a questão da morte como sendo o mau uso do livre-arbítrio por parte do ser humano. A morte não procede de Deus, pois “Deus não fez a morte, nem tem prazer em destruir os viventes.” (*Sb*, 1,13). O ser humano se distanciou de Deus e a isso se reduz tudo o que se chama de mal, isto é, o pecado e o castigo do pecado. Na expressão de Agostinho, de nenhum modo haveria pecado no mundo se não fosse um ato voluntário, porque se o mal não fosse obra da vontade, absolutamente ninguém deveria ser repreendido. Assim, julgou Deus que seriam melhores os seus servidores – se livremente o servissem.¹⁶⁰

Santo Irineu de Lion enfatiza a encarnação do Verbo, pois, através dela, a comunicação entre Deus e o homem foi restabelecida, pois a morte reinava sobre a carne e, por isso, o Verbo se fez carne (*Jo* 1,14) para vencer a morte.¹⁶¹ Para Atanásio, a espécie humana haveria sido destruída se o Senhor de todas as coisas, o Filho de Deus, não tivesse vindo para dar fim à morte.¹⁶² Nesse período, porém, a ênfase é dada de modo mais intenso à encarnação do Filho do que no mistério da ressurreição.

Faz parte também do ensinamento dos Santos Padres o juízo particular e o universal. Embora na época patrística não estivesse em uso o termo *purgatório*, a doutrina da purificação ultraterrena aparece desde o princípio. Desde os primeiros séculos, se encontram ensinamentos sobre a celebração eucarística em favor dos defuntos. Os Padres Tertuliano, Agostinho, Efrén, Basílio de Cesarea, Gregório de Nissa, João Crisóstomo, Andrès de Creta, Gregório Magno, entre outros, ensinam que, para o ser humano conseguir se unir a Deus e contemplá-lo face a face, é preciso que a alma esteja perfeitamente purificada das manchas do peca-

¹⁶⁰ Cf. SANTO AGOSTINHO. *A verdadeira religião*: o cuidado devido aos mortos, p. 89.

¹⁶¹ Cf. IRENEU DE LION. Demostración de la predicación apostólica, 31: FuP 2,118-121. In: PONS, G. *Textos patrísticos: el más allá*: en los padres de la Iglesia. Madrid: Ciudad Nueva, 2001, p. 35.

¹⁶² Cf. GOMES, C. F., OSB. *Antologia dos Santos Padres*: páginas seletas dos antigos escritores eclesiásticos, p. 202-209.

do. Quando uma pessoa sai deste mundo, se apresenta ao juízo, porém, se crê na purificação para expiar as faltas leves antes do juízo universal.¹⁶³

Quanto à ressurreição da carne, os Santos Padres mantiveram uma constante adesão à doutrina da identidade do corpo ressuscitado de Cristo com o corpo submetido à corrupção da morte. Conforme escreve Taciano, a ressurreição dos corpos não obedece a um processo cíclico da natureza, mas é obra de Deus.¹⁶⁴ Segundo Orígenes, não pode se considerar cristão quem não acredita na ressurreição da carne, dogma ensinado pela Sagrada Escritura e expressado no inefável poder de Deus através de Jesus.¹⁶⁵

Para Santo Irineu de Lion, o ser humano é formado por carne, alma e espírito, e esses três elementos estão indissolavelmente unidos no ser humano. O que a morte destrói, provisoriamente, é a sua parte biológica e material. A ressurreição da pessoa humana é a restauração de seu ser inteiro como comunhão. Essa ressurreição não é somente a sobrevivência do espírito, mas também a ressurreição do corpo. É o que ocorre com a ressurreição dos mortos, ou seja, o corpo corruptível ressuscita incorruptível.¹⁶⁶ João Damasceno escreveu que a assunção da Virgem Maria, em corpo e alma aos céus, constitui uma participação singular na ressurreição de seu Filho e uma antecipação da ressurreição final dos demais cristãos.¹⁶⁷

Agostinho concluiu que, depois da morte física, devido ao primeiro pecado, esse corpo será restituído a seu primeiro estado. A ressurreição da carne fará mais do que levar a recobrar o primeiro estado original; ela fará um corpo espiritual. (Cf. 1 *Pd* 3,18; 1 *Cor* 15,45).

Santo Agostinho, sobre a incapacidade de comunicação dos mortos em relação aos vivos, escreveu ao referir-se à sua relação com sua mãe após a morte:

Tomem como quiserem o que vou dizer. Se deveras as almas dos mortos interviessem nos problemas dos vivos, aparecessem e nos falassem durante nosso sono, minha piedosa mãe – para não falar sobre outras pessoas – não me abandonaria uma única noite, ela que me seguiu por terra e mar, a fim de partilhar comigo minha vida. Longe de

¹⁶³ Cf. PONS, G. *Textos patrísticos: el más allá: en los padres de la Iglesia*, p. 68-76.

¹⁶⁴ Cf. TACIANO. Discurso contra los griegos, 6: BAC 116, 579-580. In: PONS, G. *Textos patrísticos: el más allá: en los padres de la Iglesia*. Madrid: Ciudad Nueva, 2001, p. 80.

¹⁶⁵ Cf. ORÍGENES. Contra Celso, 5, 22: BAC 271, 349-350. In: PONS, G. *Textos patrísticos: el más allá: en los padres de la Iglesia*. Madrid: Ciudad Nueva, 2001, p. 84.

¹⁶⁶ Cf. GAUDIN, P. (Ed.). *La muerte: lo que dicen las religiones*, p. 67.

¹⁶⁷ Cf. GOMES, C. F., OSB. *Antologia dos Santos Padres: páginas seletas dos antigos escritores eclesiásticos*, p. 443-448.

mim crer, com efeito, que uma vida mais feliz a tornou indiferente, a ponto de não vir consolar em suas tristezas um filho que, em sua vida, foi seu grande amor.¹⁶⁸

Agostinho chorou e sofreu intensamente a morte de sua mãe, porém se consolou na esperança de que ela estaria viva em Cristo, porque sabia da vida de fé sincera e coerente que ela tinha testemunhado em vida.¹⁶⁹ No entanto, ele observa que o sacrifício e as orações oferecidos pelos mortos são veneráveis na tradição da Igreja e que, portanto, possuem muito valor. Os funerais, por edificantes que sejam, são antes consolo para os vivos do que socorro para os mortos. Contudo, considera um dever cristão tais cerimônias, mas que não são absolutamente necessárias à salvação dos defuntos.

2.2.4 A reflexão de Santo Tomás de Aquino

No pensamento de Santo Tomás, todo ser biológico, além de se corromper, morre, pois a corrupção do seu corpo significa a perda da vida. Por isso, os corpos vivos sofrem a morte, que não é apenas a destruição da matéria, e sim, o cessar da vida na matéria.¹⁷⁰ Por isso, o ser humano, é entre os seres vivos, o que mais sofre com a morte, pois dela tem consciência.

Os ensinamentos referentes à morte e à ressurreição de Cristo salientam que a ação redentora do Filho encarnado reconcilia a humanidade com Deus. O ponto central do pensamento de Tomás de Aquino assim é definido:

A graça foi concedida a Cristo não apenas como a uma pessoa particular, mas na medida em que é a cabeça da Igreja, para que, a partir dele, transbordasse nos membros. Por isso, o que foi operado por Cristo está para ele tanto quanto para seus membros, assim como o que é operado por um outro humano, em estado de graça, sofre pela justiça, por isso mesmo merece para si a salvação.¹⁷¹

¹⁶⁸ SANTO AGOSTINHO. *A verdadeira religião*: o cuidado devido aos mortos, p. 179.

¹⁶⁹ Cf. SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. IX, 29, p. 240.

¹⁷⁰ Cf. FAITANIN, P. *Santo Tomás de Aquino: sobre o mal*, p. 27-28. Para Tomás de Aquino todas as potências da alma humana têm, na própria alma, o seu princípio, como, por exemplo, a visão, que só pode dar-se em um corpo dotado de alma. Ele concluirá que, destruído pela morte o composto corpo e alma que é o homem, permanecem, separados, sendo uma situação anormal (até que aconteça a ressurreição do corpo), pois é próprio da alma animar o corpo. Percebe-se aqui a concepção da imortalidade da alma.

¹⁷¹ TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* III q. 52, a.1.

Os ensinamentos de Tomás de Aquino esclareceram muitas indagações a respeito da vinda de Cristo, sua paixão, morte e ressurreição. Especialmente na Suma Teológica, ele ensina: Se Cristo, pela Paixão mereceu ser exaltado; se devia descer ao inferno; se Cristo devia ressurgir no terceiro dia; se o corpo de Cristo ressurgiu glorioso e se a ressurreição de Cristo é a causa da ressurreição do corpo e também da alma.¹⁷² Para o Aquinate, na sua paixão, Cristo humilhou a si mesmo mediante quatro maneiras: *primeiro*, por sua paixão e morte inocente; *segundo*, quanto ao lugar onde seu corpo foi posto e sua alma desceu ao inferno; *terceiro*, quanto às calúnias e injúrias que sofreu e *quarto*, por ter sido entregue ao poder humano.¹⁷³ Nesse despojamento do servo sofredor, Cristo desceu ao inferno, porque carregou a nossa pena do pecado original. Outra razão para a descida à mansão dos mortos foi o de dar a libertação aos que estavam esperando na fé do Cristo que devia vir, como Abraão, Isaac, Jacó, Moisés, Davi e muitos outros justos. Por fim, Jesus desceu ao encontro de todos os mortos para mostrar seu poder sobre o inferno, visitando-o e iluminando-o.¹⁷⁴

No entanto, por sua Paixão, Cristo mereceu ser exaltado de quatro modos: pela ressurreição, pela ascensão aos céus; por ter sentado à direita do Pai, manifestando seu poder, como diz o apóstolo: “Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, na terra e nos infernos” (*Fl* 2,10) e, quanto ao seu poder judiciário, conforme passagens da Escritura onde se encontra a vitória sobre a morte e a injustiça. (Cf. *1 Cor* 15).¹⁷⁵

Na indagação sobre o corpo, Jesus ressurgiu glorioso, e, conforme Tomás de Aquino, três razões o demonstram: *primeiro*, porque a ressurreição de Cristo foi exemplar e a causa da nossa ressurreição; *segundo*, porque pelas humilhações da paixão mereceu a glória da ressurreição; e *terceiro*, porque desde o princípio da sua concepção, a alma de Cristo era gloriosa pela perfeita harmonia da divindade.¹⁷⁶

Santo Tomás ensina que a ressurreição de Cristo age em virtude da divindade, e que essa se estende não só à ressurreição dos corpos, mas também das almas, porque é Deus quem

¹⁷² Cf. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* III. q. 49, a.6; q. 52, a. 1. q. 53, a. 2; q. 54, a. 3; q. 54, a. 1 e 2.

¹⁷³ Cf. *ibid.* q. 4, a. 6.

¹⁷⁴ Cf. *ibid.*, q. 48, art. 1.

¹⁷⁵ Cf. *id.*, q. 49, a. 6.

¹⁷⁶ Cf. *id.*, q. 54, a. 3.

dá à alma a vida da graça.¹⁷⁷ Para o Doutor angélico, a alma garante a continuidade do ser humano e a unicidade do corpo, já que ela é sua forma. Esse ensinamento aumenta a fé cristã na ressurreição da carne e na vida eterna prometida a todo aquele que se deixar amar por Deus e seguir seus ensinamentos. Por isso, Tomás de Aquino procura mostrar que é razoável e mesmo necessário que se ultrapasse aquilo que é possível conhecer através do próprio esforço e receber do próprio Deus um ensinamento, que é a beatitude: a felicidade perfeita.

2.3 O ENSINAMENTO DO MAGISTÉRIO DA IGREJA

O Magistério da Igreja, baseado nas Escrituras e na Tradição, no decorrer dos tempos, apresentou documentos e discussões sobre o que acontece após a morte. Tendo como ponto central a ressurreição de Cristo, a fé cristã se apropria da esperança na *nossa* ressurreição, ou seja, na ressurreição dos mortos. O VI Sínodo de Toledo declarou: “Cremos que nós, purificados na sua morte e sangue, haveremos de ser ressuscitados por ele, no último dia, nesta carne na qual vivemos agora.” (Cf. *DH*, n. 490-493). O IV Concílio de Latrão, de 10 de abril de 1213, acrescenta: “Todos ressuscitarão com os próprios corpos com os quais agora são revestidos, para receber segundo suas obras, sejam boas ou más, uns a pena eterna com o diabo, outros a glória eterna com o Cristo.” (*DH*, n. 801).

O Magistério apresenta em seus documentos toda a complexidade da Escatologia cristã: o juízo particular, o purgatório, o inferno, a comunhão dos santos, o juízo universal, a oração pelos defuntos.¹⁷⁸ A Constituição *Benedictus Deus*, de 1336, de Bento XII, foi várias vezes citada em documentos e até no Concílio Vaticano II. Ela foi escrita com a intenção de esclarecer sobre a necessidade do juízo universal, não deixando de mencionar a ressurreição

¹⁷⁷ Cf. *id.*, q. 54, a.3; q. 53, art. 2. Também Cf. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th* I. q. 75, a. 4. Tomás afirma a intrínseca união e mútua ordenação de ambos os princípios: corpo e alma. Contra todo *espiritualismo*, conclui: “É evidente que o homem não é só a alma, mas um composto de alma e de corpo.” O que constitui a pessoa humana é o fato de ser um corpo que, não subsiste por si mesmo, e ser uma alma, que, embora sendo ato, só se constitui realidade se vinculada ao corpo. Também mantém a prioridade da realidade espiritual do humano, que permite ao ser conhecer e encaminhar-se para a verdade. Por outro lado, nessa Antropologia o corpo não é desvalorizado, já que está unido à alma.

¹⁷⁸ Cf. 16º Sínodo de Toledo em 693, VI Sínodo de Toledo em 638, Concílio de Lion em 856, 11º Sínodo de Toledo em 675, Concílio de Florença em 1438, Concílio de Trento em 1546.

dos mortos.¹⁷⁹ “No dia do juízo, todos os homens com seus corpos comparecerão diante do tribunal de Cristo para prestar contas de suas ações, para que cada um receba o que lhe toca segundo o que fez quando estava no corpo, seja de bem ou de mal.” (DH, n.1002).

No entanto, vários questionamentos interessantes e contraditórios em relação ao estado intermediário são feitos a partir dessa constituição, mas que não poderão ser analisados neste trabalho.

O Concílio de Lion, em 1274, afirma que, com o seu corpo, cada indivíduo prestará contas a Deus. “A mesma sacrossanta Igreja romana crê e com firmeza afirma que, no dia do juízo, todos os homens comparecerão, com seus corpos, diante do tribunal de Cristo e prestarão contas de suas ações.” (DH, n. 859).

No Concílio Vaticano II, o tema *ressurreição* aparece nos dois documentos centrais: na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, e na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a missão da Igreja no mundo atual. Na *Lumen Gentium*, o capítulo VII está voltado à índole escatológica da Igreja peregrina e sua união com a Igreja Celeste. No n. 48, a esperança da ressurreição dos mortos é apresentada mediante o compromisso de fortalecer e ser testemunho de fé.

Pensando, pois, que “os sofrimentos desta vida não têm proporção com a glória que se há de revelar em nós” (Rom. 8,18; cf. 2 Tm. 2, 11-12), fortalecidos pela fé, aguardamos a bem-aventurada esperança e a vinda gloriosa do grande Deus e salvador nosso Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo miserável, tornando-o conforme ao Seu corpo glorioso, (Cf. Fl. 3,21) e virá a “ser glorificado nos Seus santos e admirado em todos os que acreditaram”. (2 Tes. 1,10). (LG, n. 48).¹⁸⁰

Nos artigos 49 a 51 da *Lumen Gentium*, lê-se sobre a importância da comunhão de bens espirituais entre os que estão em Deus e os que estão ainda peregrinando na Terra. “E assim, de modo nenhum se interrompe a união dos que ainda caminham sobre a terra com os irmãos que adormeceram na paz de Cristo, pois, segundo a constante fé da Igreja, é reforçada pela comunicação dos bens espirituais.” (LG, n.49). Os artigos 50 e 51 ratificam a importância

¹⁷⁹ Cf. HOFMEISTER, A. A. B. *Benedictus Deus*: aproximação ao conteúdo escatológico dogmaticamente definido pelo Papa Bento XII na Constituição de 1336. 2004. 123 f. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática) – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. [Orientador: Dr. Pe. Eduardo da Sila Santos]. Essa constituição foi escrita com o objetivo de retificar as declarações do seu antecessor João XXII, acusado de cometer heresia, por declarar em algumas homilias que, após a morte, o ser humano já entra na glória eterna, negando, então, a vinda gloriosa de Cristo.

¹⁸⁰ Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965. *Lumen Gentium*. Cidade do Vaticano. In: VIER, F. (Coord.). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 48, p. 39-113.

da liturgia eucarística como meio de unidade e preces aos defuntos, em união com os santos, mártires e todos da Igreja Celeste (*LG*, n. 51).

Na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, encontram-se questões referentes ao ser humano que está sujeito à morte pelo pecado, mas que foi redimido e salvo por Cristo.¹⁸¹ Lê-se, também, a certeza da ressurreição da carne no poderio do Cristo ressuscitado e exorta o ser humano como escrito:

Não pode, portanto, desprezar a vida corporal; deve, pelo contrário, considerar o seu corpo como bom e digno de respeito, pois foi criado por Deus e há de ressuscitar no último dia. Todavia, ferido pelo pecado, o homem experimenta as revoltas do corpo. É, pois, a própria dignidade humana que exige que o homem glorifique a Deus no seu corpo, não deixando que este se escravize às más inclinações do próprio coração. (*GS*, n. 14).¹⁸²

A *Gaudium et Spes* ressalta que Cristo restaurará seu reino, que já está presente, porém não em perfeição, afirmando novamente a esperança na vida nova em Deus através da ressurreição e dos Novos Céus e Nova Terra. “Mas então purificados de qualquer mancha, iluminados e transfigurados, quando Cristo entregar ao Pai o reino eterno e universal.” (*GS*, n. 39). A Constituição relata que a atividade humana é aperfeiçoada na encarnação e no mistério pascal.

No ano de 1979, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé publicou uma Carta sobre algumas questões de Escatologia, na qual declara de modo enfático a necessidade de esclarecimento do cristão quanto à ressurreição. O texto reitera os demais documentos do Magistério:

1. A Igreja crê (cf. Símbolo dos Apóstolos), numa *ressurreição dos mortos*. 2. A Igreja entende esta ressurreição referida ao *homem todo*; esta, para os eleitos, não é outra coisa senão a extensão aos homens da própria Ressurreição de Cristo. 3. A Igreja afirma a sobrevivência e a subsistência depois da morte de um elemento espiritual, dotado de consciência e de vontade, de tal modo que o “eu humano” subsista. Para designar esse elemento, a Igreja emprega a palavra “alma”, consagrada pelo uso que dela fazem a Sagrada Escritura e a Tradição. Sem ignorar que este termo é tomado na Bíblia em diversos significados, ela julga, não obstante isso, que não existe qualquer razão séria para o rejeitar e considera mesmo ser absolutamente indispensável um instrumento verbal para sustentar a fé dos cristãos.¹⁸³

¹⁸¹ Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Gaudium et Spes*. In: VIER, F. (Coord.). *Compêndio do Concílio Vaticano II*, nn. 14, 18, 38, 39 e 45.

¹⁸² *Gaudium et Spes*, n.14. (Documento da Igreja).

¹⁸³ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta sobre algumas questões respeitantes à Escatologia*. 17 maio 1979. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19790517_escatologia_po.html>. Acesso em: 15 out. 2012.

Sem dúvida, a Congregação para a Doutrina da Fé deixa clara a postura da Igreja em relação à ressurreição de Cristo e à dos mortos. Com esses documentos, percebe-se uma efetiva relação entre o Concílio Vaticano II e o Catecismo da Igreja Católica. Esse também esclarece, em uma longa seção, a ressurreição dos mortos como fundamento da esperança cristã. (Cf. *CEC*, n. 988-1004).

Em 1992, a Comissão Internacional de Teologia refletiu sobre a temática da Escatologia e o seu pronunciamento salientou o fato de que, num mundo fortemente secularizado, é fundamental manter claros certos conceitos cristãos para que os fiéis não percam a fé ou deixem-se levar por outros caminhos opostos ao de Cristo. O texto intitulado *Algumas questões atuais de Escatologia* esclarece que a Igreja, ao tratar da ressurreição da carne, significa que não é a mesma matéria que será necessária para ser o corpo próprio a ressuscitar. Porém, é o corpo transformado da morte para a vida. “Assim também ao manter o realismo para a ressurreição futura dos mortos, não duvidamos, de modo algum, que nossa verdadeira carne na ressurreição será conforme o corpo da glória de Cristo.” (Cf. Fl 3, 21).¹⁸⁴ O texto em sua totalidade apresenta as discordâncias entre os teólogos atuais sobre questões como a hora da ressurreição e o dualismo platônico.

Enfim, constata-se, ainda, a grande dificuldade na abordagem dos termos *corpo* e *alma* nas reflexões de diversos teólogos, especialmente na abordagem escatológica. A Antropologia bíblica ensina a integralidade da unidade do corpo e da alma, ou seja, a pessoa não possui uma alma ou um corpo, mas é essa unidade que estará presente também na hora da morte. Porém, a linguagem encontrada nos documentos da Igreja demonstra, de modo literal, um dualismo que parece contrário ao ensinamento bíblico. Embora o conceito de alma refira-se ao *eu espiritual*, encontra-se no *Catecismo da Igreja Católica* n. 997, a definição de morte entendida como a separação da alma do corpo. Isso quer dizer que, na hora da morte, como que por um momento, o elemento espiritual – que não entra em corrupção – se separa, pois o material, o *corpo-cadáver*, entra em corrupção. Segundo o Catecismo, a *alma* volta para Deus, mas não a *alma grega* e sim aquilo que subsiste do ser humano: o *eu humano*, dotado de inteligência e vontade. Esse *eu humano* aguarda ser unido novamente ao seu corpo que não estará do mesmo jeito, mas que será glorificado.

¹⁸⁴ Cf. COMISIÓN TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Algumas Cuestiones actuales de Escatología*. 1992. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_index-doc-pubbl_po.html#Documenti>. Acesso em: 16 out. 2012. “Así también al mantener el realismo para la resurrección futura de los muertos, no olvidamos, en modo alguno, que nuestra verdadera carne en la resurrección será conforme al cuerpo de la gloria de Cristo. (Cf. Fl 3, 21). [Tradução nossa].

2.4 A VISÃO PROTESTANTE

Para a fé católica, o ser humano ao morrer passa por um julgamento individual em que será definido, de acordo com a vida desse ser, se irá para a presença de Deus ou para o inferno, ou ainda, se deverá passar pelo purgatório. É a chamada Escatologia Intermediária, em que o estado entre a morte e a Parusia é vivido em Cristo, ou fora dele, além da possibilidade de purificação. O purgatório não deve ser visto como um lugar, mas como um estado de purificação. Essa purificação é diferente do castigo dos condenados. A Teologia católico-romana entende o purgatório como um processo além do limite da morte, no qual se apagam os restos de pecado ainda existentes no homem. “Num processo doloroso, o ser humano ainda não maduro para a comunhão com Deus é levado à consumação.”¹⁸⁵ Na Bíblia, no Antigo Testamento, o texto de *2 Mc* 12, 41-46 é o único reconhecido por Agostinho e Tomás de Aquino como prova bíblica do purgatório. No Novo Testamento, pode-se citar *Mt* 12,31-32 e *Lc* 16, 19-26. Portanto, a fé católica crê num tempo intermediário entre o juízo individual e o juízo final (*DH*, n. 1.820-1.835).

O purgatório é permeável às súplicas dos viventes. O enlutado pode rezar pela salvação de seus entes queridos, seja através do culto eucarístico, seja por orações diversas, e ainda, oferecer indulgências à Igreja para redimi-los.¹⁸⁶

No II Concílio de Lion, em 1274, o purgatório já era afirmado como dogma e confirmado nessa condição no Concílio de Florença, em 1439. O Concílio de Trento, em 1563, definiu mais claramente a função e a importância do purgatório (*DH*, n. 1304). Essa concepção não é aceita pela fé protestante. A reprovação à prática de indulgências está no cerne das dissidências que levariam à Reforma Protestante, no século XVI. Lutero e seus seguidores aboliram o purgatório.

Para os protestantes, não há o estado intermediário, pois os mortos adormecem em Deus até o dia do juízo final. Chama-se de *dormição*. Por isso, na prática protestante, não são feitas orações de intercessão pelos defuntos, mesmo no funeral, porém se entende a oração como um ato de carinho e amizade dos participantes para com o defunto. Reza-se somente para que ele encontre sua plenitude em Deus: “Que o Senhor lhe conceda sua misericórdia no

¹⁸⁵ SCHENEIDER, T. (Org.). *Manual de Dogmática*, VI, III, p. 413-414.

¹⁸⁶ Cf. BLANK, R.; VILHENA, M. A. *Esperança além da esperança: Antropologia e Escatologia*, p. 106-113.

dia do juízo.” (2 Tm 1,18).¹⁸⁷ Outra concepção encontrada atualmente entre os protestantes é a teoria da *morte total*, que prega que, com a morte, o ser humano deixa de existir totalmente para ser, no fim dos tempos, recriado por Deus.¹⁸⁸

Algumas discordâncias existem não somente entre os cristãos, mas também dentro das próprias confissões. Quanto à morte e à ressurreição, a Teologia contemporânea apresenta algumas concepções diversas entre alguns teólogos, mesmo entre os católicos, enriquecendo a reflexão e o debate teológicos. É o que poderá ser constatado a seguir.

2.5 QUESTÕES NA TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA

O tema *morte* para a Teologia cristã instiga e remete a várias definições e conceitos. Porém, ao se ocupar com o que virá após a morte, o conteúdo próprio e essencial da morte cristã é compartilhar a vida divina. Na Teologia atual, vários debates ocorrem em torno de duas posições sobre a relação entre morte e ressurreição. Alguns teólogos defendem que a ressurreição acontece na hora da morte, enquanto outros defendem um tempo intermediário entre a morte e a Parusia, quando ocorrerá a ressurreição dos mortos.

De acordo com a posição de cada uma das partes, surgem conceitos quanto à temporalidade, ao espaço, ao julgamento individual e universal, a novos céus e nova terra, à oração e ao culto aos mortos. Para uma breve explanação sobre a discussão em questão, traz-se à luz alguns teólogos contemporâneos representativos de cada posicionamento.

2.5.1 Ressurreição na morte

A *Ressurreição na morte* significa que acontece a morte total do ser humano, que será ressuscitado por Deus no momento da morte. Não há necessidade de imaginar um tempo in-

¹⁸⁷ Cf. CUÑADO, J. C. Una celebración de la muerte de la persona que muere. In: ORTEGA, J. L. C. *Sobre la muerte y el morir*. Burgos: Monte Carmelo, 2009, p. 296-297.

¹⁸⁸ Cf. SCHENEIDER, op. cit., p. 408.

termediário entre a morte e a ressurreição nem um tempo para o *eu espiritual* se unir ao corpo na ressurreição posterior, nem um tempo durante o qual o ser humano deixa de existir para ser, no final dos tempos, recriado por Deus, conforme a teoria da morte total na Teologia Evangélica mais recente ou até mesmo no tempo de dormição.¹⁸⁹

Alguns teólogos, para escapar das contradições da subsistência da alma separada do corpo, emergem para a hipótese de um corpo que ressurgiria imediatamente após a morte, porém não fisicamente perceptível, pois já estaria na glória definitiva.¹⁹⁰ Rahner contribuiu para desencadear um grande debate sobre a ressurreição na hora da morte, questionando, assim, o estado intermediário. Foi o primeiro teólogo católico a retomar o tema numa *Quaestio disputata – O sentido teológico da morte* – em 1958. O contexto no qual ele aborda esse tema é o do debate com a filosofia existencial sobre a morte. O teólogo afirma que, na reflexão sobre as implicações da doutrina do estado intermediário, verifica-se que existem algumas objeções, das quais destacam-se principalmente duas: a primeira refere-se à impossibilidade de conceber o tempo antes e depois da morte. O ser humano inteiro morre no término de sua temporalidade neste mundo. Por isso, para Rahner, não é fácil conceber o tempo e a temporalidade de uma alma separados, pois, por um lado, já conseguiu a felicidade junto a Deus e, também, deve aguardar a ressurreição do seu corpo.¹⁹¹ Por outro lado, a identidade do corpo ressuscitado com o indivíduo não é uma identidade física e biológica, mas uma identidade pessoal do sujeito espiritual.

O debate suscitado por Rahner teve em Ladislau Boros, teólogo húngaro, um dos principais representantes no decorrer dos anos 60 (séc. XX). Ele retoma a tese da *ressurreição na morte*, segundo a qual o homem assume, no instante mesmo da morte, uma corporeidade nova. A ressurreição propriamente dita não é escatológica, ou seja, não tem lugar no fim da história, porque não há comunicação positiva entre o aqui, ou seja, o intra-histórico, e o além, o meta-histórico. Segundo Boros, uma hipótese discutida é a da opção do homem na hora da morte, em que o juízo particular se converte, na prática, numa espécie de autojuízo. Cada pessoa tem a possibilidade de, na morte, decidir-se diante de Cristo na posse de todas as suas forças, com plena clareza e total liberdade. Isso porque, no momento da morte, o ser humano se torna definitivo. Boros também vê a decisão na morte como purgatório. Esse, certamente,

¹⁸⁹ Cf. SCHENEIDER, T. (Org.). *Manual de Dogmática*. VI. III, p. 408.

¹⁹⁰ Cf. GILBERT, M. Ressurreição dos mortos. In: LACOSTE, J.-Y. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 1.530-1.537.

¹⁹¹ Cf. RAHNER, K. *Il Morire Cristiano*, p. 68-77.

não é um lugar de suplícios, nem um campo de concentração cósmico, no qual Deus castigará suas criaturas.¹⁹² O purgatório é, antes, um acontecimento momentâneo, a qualidade e intensidade da decisão que se realiza na morte.

No meio teológico brasileiro, a obra de Boff : *A Ressurreição de Cristo, a nossa ressurreição na morte*,¹⁹³ parte do conceito de *personalidade* enquanto é um conjunto de relações, vivências, hereditariedade, cultura que traz ao ser humano uma *personalização*, como o existir no mundo em comunhão com os outros.¹⁹⁴

Conforme as concepções de Boff, o ser humano, ao morrer, já não pode ser visto numa existência limitada da alma que sobrevive enquanto espera a ressurreição do corpo. A existência, ou ressurreição, logo após a morte, é uma nova forma de vida em que o corpo está presente. A corporeidade permanece como uma nova forma de relacionamento com o universo.¹⁹⁵

Outro teólogo favorável à *ressurreição na morte* é Libanio. Para ele, a ressurreição na hora da morte é a presença do sujeito amadurecido, cuja matéria foi eternizada no seu *eu*, no mais profundo do seu ser. Ao ressuscitar na hora da morte, o ser humano une a história terrestre articulada com a história glorificada. No entender de Libanio, a Parusia do Senhor é o mistério pleno revelado ao homem e ao cosmos e que já está acontecendo no cotidiano vital, pois Deus respeita a liberdade e o tempo de cada ser. A Parusia é um processo que se realiza historicamente na vida, na morte e na ressurreição de cada pessoa.¹⁹⁶

Quanto ao juízo de Deus, Libanio escreve que a Teologia moderna fez uma releitura da questão sobre a purificação, criando uma visão de purgatório, como processo de maturidade humana para o encontro definitivo com Deus. A Escatologia da Libertação acredita que o purgatório é um processo pessoal e histórico, onde o ser humano vai superando as contradi-

¹⁹² Cf. BOROS, L. *Nós somos futuro*, p. 13-21.

¹⁹³ Esta obra foi publicada em 1972, na qual Boff provoca um repensar antropológico a partir da subjetividade humana. (Cf. BOFF, L. *A ressurreição de Cristo: a nossa ressurreição na morte*).

¹⁹⁴ Cf. BOFF, L. *Vida para além da morte*, p. 38-39.

¹⁹⁵ Cf. BOFF, L. *A ressurreição de Cristo: a nossa ressurreição na morte*, p. 72-74.

¹⁹⁶ Cf. LIBANIO, J. B. A ressurreição dos mortos. In: SCHÜLER, A. *Dicionário enciclopédico de Teologia*. Canoas: Ulbra, 2002, p. 217-224.

ções, se defrontando maduramente com seus limites, redimensionando-os na direção do definitivo que é Deus.¹⁹⁷

Bingemer compartilha com Libanio a concepção da Escatologia da Libertação. Essa é a realidade de Deus, isto é, o *agora*, fora do espaço-tempo. Sobre a ressurreição na hora da morte escrevem:

Encontro que inclui, de maneira simultânea, outras experiências: juízo final, ressurreição do corpo, possibilidade de conversão oferecida por este Deus, dor desta conversão motivada pelo amor. Inclui a possibilidade de uma última e definitiva negação que significaria autocondenação, assim como a experiência daquilo que chamamos céu.¹⁹⁸

Encerrando esta argumentação acerca da *ressurreição na morte*, tem-se a dizer que, no decorrer da estruturação da fé cristã, foi possível constatar a influência filosófica da separação entre corpo e alma, no entanto, os ensinamentos bíblicos sempre se dirigiram ao ser humano em sua totalidade e integração. É importante reiterar que os teólogos contemporâneos que esperam na Parusia, também partilham dessa concepção. A corporeidade é a meta para a qual apontam todas as obras de Deus. Com esse conceito, é proposto um avanço em relação aos habituais esboços analíticos que falam de corpo e alma.¹⁹⁹ A corporeidade, nesse sentido, não é apenas uma condição provisória, mas um meio e o fim onde se concretiza a salvação em sua plenitude.²⁰⁰

2.5.2 Ressurreição na Parusia

Em contrapartida com a posição da ressurreição na hora da morte, a concepção da ressurreição na Parusia é vista e esperada como a grande vinda gloriosa de Cristo, ou seja, a ressurreição final. A fé católica afirma a continuidade e a subsistência, depois da morte, do ele-

¹⁹⁷ Cf. LIBANIO, J. B. O juízo de Deus. In: SCHÜLER, A. *Dicionário enciclopédico de Teologia*. Canoas: Ed. da Ulbra, 2002, p. 225-232.

¹⁹⁸ LIBANIO, J. B.; BINGEMER, M. C. *Escatologia cristã: o novo céu e a nova terra*, p. 116.

¹⁹⁹ Cf. MOLTMANN, J. *Dios en la creación*, p. 255.

²⁰⁰ Cf. ALMEIDA, E. F. *Do viver apático ao viver simpático: sofrimento e morte*, p. 9.

mento espiritual dotado de consciência e vontade.²⁰¹ É o *eu humano* que subsiste entre a morte e a ressurreição final. Para designar tal elemento espiritual, usa-se a palavra *alma*.²⁰²

Ratzinger utiliza a explicação de Santo Agostinho como *tempo da memória*, em que, ao morrer, o homem se desliga do tempo físico e retém o *tempo da memória*, o que permite entender o que se fez na vida, a necessidade de uma purificação e o que já pode estar numa nova relação com a matéria através da ressurreição da carne. Assim, o ser humano continua, depois da morte, mantendo sua história humana na forma de *tempo da memória*.²⁰³

O jesuíta Pozo aprofunda a declaração da Congregação para a Doutrina da Fé sobre a Escatologia de 1979 e defende o juízo intermediário e a espera pela Parusia: “Portanto, no final dos tempos, ao conceder-nos a vida eterna, a visão de Deus nos é concedida como herança, uma realidade que não corresponde de modo algum a nossa condição de criaturas, mas, sim, de filhos eleitos.”²⁰⁴

Há entre os luteranos teólogos que têm restrições quanto ao *sono dos mortos* até a Parusia, como é o caso de Moltmann, cuja ideia refere-se a um despertar após a morte para, em Cristo, aguardar a Parusia.²⁰⁵

Eles estão junto a nós que vivemos, abrigados pela mesma esperança e, assim, conosco a caminho, rumo ao futuro de Deus. Eles vigiam conosco e nós vigiamos com eles, formando uma comunhão na esperança, dos mortos com os vivos e dos vivos com os mortos.²⁰⁶

²⁰¹ Cf. BRUSTOLIN, L. A. *Quando Cristo vem: A Parusia na Escatologia cristã*, p. 124.

²⁰² Este ensinamento encontra-se em Paulo VI, *Credo do povo de Deus*, Doc. Pont. 177, p. 13: “Cremos que as almas de todos aqueles que morrem na graça de Cristo, quer se devam ainda purificar no purgatório, quer sejam recebidas por Jesus no paraíso, no mesmo instante em que deixam os seus corpos, como sucedeu ao ‘bom ladrão’, formam o Povo de Deus, para além da morte que será definitivamente vencida no dia da ressurreição, em que estas almas se reunirão aos seus corpos.”

²⁰³ Cf. RATZINGER, J. *Escatologia*. Salamanca, 1992. 17, p. 0-172 apud BRUSTOLIN, L. A. *Quando Cristo vem: A Parusia na Escatologia cristã*, p. 124. Também Cf. SCHENEIDER, T. (Org.). *Manual de Dogmática*, p. 409.

²⁰⁴ POZO, C. *Teología del más allá*, p. 164: “Por tanto, al concedérsenos en la vida eterna la visión de Dios, se nos concede, como herencia, una realidad que no corresponde en modo alguno a nuestra condición de criaturas, sino al ser de hijos: al Hijo unigénito corresponde por naturaleza; a nosotros, por adopción. En todo caso, nos encontramos ante una realidad de orden divino.” [Tradução nossa].

²⁰⁵ Cf. BRUSTOLIN, L. A. *Quando Cristo vem: A Parusia na Escatologia cristã*, p. 120.

²⁰⁶ MOLTSMANN, J. *No fim, o início: breve tratado sobre a esperança*, p. 146.

Trata-se de uma comunhão do amor, por ser uma comunhão na esperança comum. “A comunhão dos vivos com os mortos é a prática da esperança da ressurreição.”²⁰⁷

A corporeidade da ressurreição acontecerá na nova criação, que será instaurada no evento da Parusia de Cristo, cuja própria liturgia da Igreja clama pela libertação e transformação do cosmos como plenitude do poder de Cristo – o *Kyrios* – sobre a morte.²⁰⁸ Conforme a concepção dos gregos, a essência do ser humano é um produto que, como tal, não subsiste, mas que o corpo e a alma seguem caminhos diferentes segundo sua índole diversa. Para a fé bíblica, a essência do ser humano permanece como tal, ainda que mude. Trata-se de uma *imortalidade dialógica*²⁰⁹ (ressurreição), ou seja, a *imortalidade* nasce do ato salvador daquele que ama e que tem poder para realizá-lo.²¹⁰

Este estudo acolhe a interpretação das Escrituras conforme a Tradição e o Magistério da Igreja considerando que mediante a Parusia de Cristo se chegará à ressurreição dos mortos, à transformação da criação e à vida eterna. Não obstante, como é o papel da Teologia, jamais se poderá deixar de verificar as dificuldades existentes tanto em determinadas linguagens e interpretações, como na necessidade de formação e catequese adequadas àqueles que aderem à fé cristã.

2.6 BREVE CONCLUSÃO

Moltmann ressalta que é inconcebível uma identidade pessoal sem identidade somática. O que, portanto, permanece, é o humano todo, na forma de sua vida histórica, assim como Deus o vê.²¹¹ A esperança da ressurreição não é apenas uma esperança para a hora da morte, mas para todas as horas da vida. A ressurreição da carne abrange não somente a corporeidade do indivíduo, mas também a sociabilidade da pessoa humana. O que ressuscita é a comunhão

²⁰⁷ Cf. MOLTSMANN, J. *A vinda de Deus: escatologia cristã*, p. 127.

²⁰⁸ Cf. RATZINGER, J. *Escatologia: morte e vida eterna*, p. 211-214.

²⁰⁹ Esta expressão de *imortalidade dialógica* usada por Ratzinger, quer dizer que o ser humano não é imortal em si, mas como parceiro de diálogo de Deus. Então, o estar na memória de Deus é o que faz o ser humano viver eternamente (Cf. SCHENEIDER, T. (Org.). *Manual de Dogmática*. VI, III, p. 409).

²¹⁰ Cf. RATZINGER, J. *Introdução ao cristianismo: prelações sobre o símbolo apostólico com um ensaio introdutório*, p. 261-263.

²¹¹ CF. MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 350-351.

humana e não a alma humana isolada e privativa.²¹² O que permanece na transição da vida para a morte e da morte para a ressurreição é a identidade pessoal no relacionamento recíproco com Deus. Ratzinger salienta que a outra vida está relacionada diretamente com todas as nossas experiências e o que nos formou como pessoas e que sobrevive ao peso da morte.²¹³

Assim, a ressurreição dos mortos exprime uma vida que não conhecerá mais a morte, não sendo mais o prosseguimento desta vida mortal, mas uma vida transformada. Isso quer dizer que não é o corpo biológico, com seus limites espaço-temporais que ressuscitará, porque, com a morte, esse será um cadáver, mas o corpo glorioso não estará sujeito à doença e à corrupção. Porém a glorificação do corpo acontecerá na Parusia.

Ao término desta seção, foi possível substanciar, de modo geral, reflexões que a Teologia cristã faz sobre a morte e a ressurreição desde a experiência bíblica até a Teologia atual. Constata-se, então, que a ideia de viver sem pensar na morte e a concepção de que a morte não é um acontecimento da vida são um grande equívoco.

É fundamental a pergunta realista de como vive o dia a dia, o cristão, o mistério da morte e sua celebração. Entre a fé proposta e confessada, por um lado, e, por outro, a fé vivida na experiência diária, não se abre um abismo tal, que tornaria algo quase inatingível ou inacessível? A compreensão cristã da morte é acessível à consciência do ser humano contemporâneo? Na reflexão de Cardedal, a fé, atualmente, só é possível através de uma conversão profunda mantida e alimentada ao longo da existência, com um processo de mudança de pensamentos, cultura e, principalmente, de esperanças.²¹⁴

Na seção a seguir, o enfoque estará na *práxis* cristã frente à morte e à ressurreição, que, com base na pesquisa de campo realizada, é possível perceber como os cristãos reagem à perda de alguém querido e, acima de tudo, como compreendem e vivenciam os ensinamentos da fé cristã. Esse aspecto é, sem dúvida, um grande desafio à Teologia.

²¹² Cf. ALMEIDA, E. F. de. *Do viver apático ao viver simpático: sofrimento e morte*, p. 99.

²¹³ Cf. RATZINGER, op. cit., p. 260.

²¹⁴ Cf. CARDEDAL, O. *Sobre la muerte*, p. 131.

3 MORTE E RESSURREIÇÃO NA PRÁXIS CRISTÃ

No diálogo entre Teologia e Psicologia sobre o significado da morte e do luto, é preciso verificar, na prática, como se expressa a fé cristã na ressurreição como auxílio para a resiliência.

Foi trabalhada uma pesquisa realizada com mães enlutadas entre seis meses a três anos de luto, cujos filhos morreram de forma violenta: acidente de trânsito, homicídio e suicídio em Caxias do Sul-RS. Trata-se de um grupo de mães cuja maioria vive uma situação econômica baixa, sem condições financeiras para receber tratamento psicológico ou psiquiátrico. Grande parte desse grupo necessita de auxílio para a sobrevivência, por isso, busca ajuda na instituição onde a pesquisa foi realizada.

Optou-se pela pesquisa qualitativa para analisar o relato de experiências, os conceitos de morte, o processo de luto e se a fé cristã foi agente de resiliência e esperança.

Segundo Polit, Beck e Hungler, uma pesquisa qualitativa tem como finalidade identificar o fenômeno a ser estudado, buscando descrever as suas dimensões, quais as variações existentes e o que é importante para ele.²¹⁵ A escolha pela abordagem qualitativa se justifica por essa se aprofundar nos significados e nas intencionalidades que se fazem presentes nos discursos dos sujeitos. Conforme Lefèvre e Lefèvre, “as abordagens de corte qualitativo permitem a compreensão mais aprofundada dos campos sociais e dos sentidos neles presentes, na medida em que remetem a uma teia de significados”.²¹⁶

A realização deste estudo consistiu em uma entrevista semiestruturada, com enfoque na questão do fenômeno morte, no luto e na fé cristã como agentes de resiliência. A entrevista semiestruturada, segundo Minayo,²¹⁷ é a técnica mais usada no processo de trabalho de campo, vista em um sentido amplo de comunicação verbal e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico; semiestruturada porque valoriza a presença do investigador, oferecendo todas as perspectivas para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação.

²¹⁵ Cf. POLIT, D.; BECK, C.; HUNGLER, D. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*, p. 43.

²¹⁶ LEFÈVRE, F. ; LEFÈVRE, A. M.. *O Discurso do Sujeito Coletivo: uma nova abordagem metodológica na pesquisa qualitativa*, p. 15.

²¹⁷ Cf. MINAYO, M. C. S. et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*, p. 32.

3.1 A PESQUISA

Após aprovação do projeto da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, estabeleceu-se contato com as mães que buscam atendimento na Casa Madre Teresa, situada na Rua Pinheiro Machado, n: 1.000, Centro, Caxias do Sul. Nesse local, há atendimento social, jurídico e psicológico a pessoas de baixa renda. Algumas voluntárias da instituição também participaram da pesquisa.

As mães que desejavam participar foram informadas do objetivo e sigilo da mesma. Após, foi realizada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.²¹⁸ Desse, uma via ficou com a pesquisadora, e outra, com a participante. O roteiro utilizado como Tópico-Guia²¹⁹ para as entrevistas foi elaborado com base nos objetivos deste estudo e em uma revisão bibliográfica realizada. As entrevistas foram gravadas e transcritas literalmente. A pesquisa foi realizada com 20 mães enlutadas. Os critérios principais estabelecidos para a participação da pesquisa foram a mãe enlutada ser cristã, ter perdido filhos por morte violenta, ter sofrido a perda entre seis meses a três anos.

3.1.1 O perfil das mães

O perfil do grupo entrevistado agrega os seguintes dados:

- *Condição social*: 85% das mães possuem condição econômica baixa.
- *Idade das mães*: 5% delas têm menos de 40 anos; 60%, entre 41 e 50 anos; 20%, entre 51 e 60 anos; 15%, entre 61 e 70 anos.
- *Número de filhos*: 15% têm um filho; 55%, dois filhos (as); 20% ,três filhos; 10%, acima de três filhos.
- *Número de filhos mortos*: 80% têm um filho; 10%, dois filhos(as); 10%, três filhos(as).

²¹⁸ Cf. APÊNDICE A.

²¹⁹ Cf. APÊNDICE B.

- *Sexo do(s) filho(s) falecido(s)*: 90% são do sexo masculino; 10%, do sexo feminino.
- *Idade do(s) filho(s) morto(s)*: 16% tinham menos de 5 anos de idade; 8% entre 6 e 10 anos; 12%, entre 11 e 15 anos; 28%, entre 16 e 20 anos; 16%, entre 21 e 30 anos; 20%, entre 31 e 40 anos.
- *Tipo de morte*: 64% morreram por acidente de trânsito; 18%, suicídio; 18%, homicídio.
- *Tempo de morte do(s) filho(s)*: 25% morreram há um e dois anos; 75%, entre dois anos e um mês a três anos.
- *Confissão Religiosa*: 40% delas são católicas praticantes; 30% ,católicas não praticantes; 10%, da Assembleia de Deus; 5%, da Luterana; 5%, da Batista; 5%, da Deus é Amor; 5%, da Universal do Reino de Deus.

Os dados gerais coletados na pesquisa podem ser visualizados na Tabela 1.²²⁰

²²⁰ Os dados referentes às mortes por doença ou acima de três anos, não foram computados nos percentuais por não serem o foco da pesquisa.

Tabela 1 – Dados gerais da pesquisa sintetizados

Mãe	Idade da mãe	Nº. de filhos	Nº. de filhos mortos	Sexo do filho morto	Idade do filho morto	Tipo de morte	Tempo de morte em anos	Confissão Religiosa
1	41	3	1	M	8	Acidente (trânsito)	3 anos	Católica (praticante)
2	47	3	3	M	14 16 18	Acidente (trânsito) Acidente (trânsito) Acidente (trânsito)	3 anos	Católica (praticante)
3	66	2	1	M	33	Suicídio (drogas)	3 anos	Católica (praticante)
4	49	4	3	M M M	7 2 4 dias	Acidente (trânsito) Doença Doença	2 anos 5 anos 3 anos	Católica (praticante)
5	45	2	1	M	17	Acidente (trânsito)	2 anos	Católica (não praticante)
6	51	1	1	M	20	Acidente (trânsito)	3 anos	Católica (praticante)
7	44	1	1	F	1 e meio	Acidente (trânsito)	2 anos	Assembléia de Deus
8	33	2	1	F	2	Homicídio	1 ano e 10 meses	Assembléia de Deus
9	61	2	1	M	31	Acidente (trânsito)	2 anos e 9 meses	Católica (Não praticante)
10	49	2	1	M	15	Acidente (trânsito)	3 anos	Católica (Não praticante)
11	49	2	1	M	18	Homicídio	3 anos	Católica (Não praticante)
12	41	2	1	M	15	Acidente (trânsito)	2 anos	Deus é Amor
13	54	2	1	F	27	Acidente (trânsito)	2 anos e 11 meses	Católica (praticante)
14	60	2	1	M	36	Acidente (trânsito)	3 anos	Universal do Reino de Deus
15	41	3	1	M	27	Suicídio (drogas)	3 anos	Católica (praticante)
16	47	1	1	F	19	Homicídio	2 anos e 4 meses	Batista
17	66	2	2	F M	17 37	Acidente (trânsito) Doença renal	3 anos 6 anos	Católica (Não praticante)
18	49	2	1	M	25	Suicídio	2 anos e 9 meses	Luterana
19	45	7	1	M	33	Homicídio	3 anos	Católica (praticante)
20	51	3	1	M	24	Suicídio	2 anos e 10 meses	Católica (Não praticante)

Fonte: Baseada nos dados obtidos na pesquisa.

3.1.2 Considerações importantes

- Uma mãe perdeu os seus três filhos em um acidente de trânsito.
- Outra mãe sofreu a morte de três filhos, sendo um por morte de trânsito e os outros dois por doença. Essa mãe ficou com um único filho.
- Uma entrevistada perdeu seus dois filhos: a filha por acidente de trânsito e o filho por doença renal.
- Quatro mães perderam o filho único.
- A grande maioria das mortes envolve jovens de 16 a 20 anos de idade.
- Uma criança de dois anos morreu por homicídio.
- As mortes por suicídio aconteceram com filhos (homens) acima de 20 anos de idade. Dois casos aconteceram devido ao uso de drogas.
- Nenhuma mãe da pesquisa sofreu a perda em tempo inferior há um ano.
- 30% das mães se declaram católicas, porém não frequentam ou vão à igreja ocasionalmente.

É importante considerar que somente três mães tiveram algum tipo de tratamento psicológico ou psiquiátrico. As demais não procuraram nenhum órgão público para tratamento. Dezesesseis entrevistadas vivem em condições de vulnerabilidade social e dependem de auxílio para a sobrevivência. Nesse grupo, uma mãe tornou-se moradora de rua após a morte de sua filha de um ano e meio e de seus pais.

3.1.3 Leitura dos dados

Tendo em vista o objetivo da pesquisa, as categorias foram elencadas para a análise a partir do tópico-guia das entrevistas realizadas. Serão discutidas, portanto, as seguintes categorias:

- Sentimentos pela perda do filho;²²¹
- Memórias do funeral;
- Sentido da morte;
- Consolação no luto;
- Crença na Vida Eterna;
- Fé na Ressurreição;
- Fé em Deus como esperança.

Para a análise dos resultados, as categorias foram subdivididas em temas, tornando mais fidedigno o discurso coletivo do grupo em estudo.

A análise dos dados foi realizada com o método denominado DSC, segundo Lefèvre e Lefèvre.²²² Cada entrevista foi analisada individualmente quando foram coletadas as expressões-chave – que é a própria fala da entrevistada e suas respectivas ideias centrais.²²³ Os temas emergiram do discurso dos sujeitos entrevistados. Utilizou-se para os temas a ideia central. A construção do DSC foi extraída das expressões-chave de cada entrevista realizada. A expressão-chave é constituída por transcrições literais de partes dos depoimentos, que permitem o resgate do essencial do conteúdo discursivo dos segmentos em que se divide o depoimento. É, portanto, a fala expressa dos sujeitos entrevistados. A ideia-central é a afirmação que permite traduzir o essencial do conteúdo discursivo que se encontra explicitado pelos sujeitos em seus depoimentos. É a análise-síntese do que foi falado. O DSC é uma estratégia metodológica com o objetivo de tornar mais clara a representatividade do grupo em estudo, neste caso, as mães enlutadas.

A partir do relato das entrevistas com as mães, foi realizado o levantamento dos resultados, tendo como base as categorias de análise. Os critérios utilizados para a categorização foram a reincidência e a relevância.

²²¹ No decorrer do texto desta seção, será usada a linguagem no gênero masculino para facilitar e dinamizar a leitura. Portanto, palavras como: homem, filho, falecido, enlutado, sempre se referirão a ambos os gêneros.

²²² Cf. LEFÈVRE, F. ; LEFÈVRE, A. M.. *O Discurso do Sujeito Coletivo: uma nova abordagem metodológica na pesquisa qualitativa*, p. 22.

²²³ Cf. APÊNDICE C.

3.2 ANÁLISE DOS DISCURSOS

Nas seções anteriores, o referencial bibliográfico apresentou várias das possíveis reações diante da morte de alguém querido, cuja análise volta-se, neste momento, ao luto materno. Na análise do DSC, serão apresentadas algumas falas das mães para direcionar e objetivar a análise e a discussão da pesquisa. Os demais relatos, não menos importantes para o estudo, se encontram no APÊNDICE C.

Conforme Heimann, entre os inúmeros eventos da vida, a morte se encontra entre aqueles que mais evocam intensos sentimentos.²²⁴ Mesmo que não seja impossível, é bastante improvável que o ser humano lide de maneira indiferente com a presença da morte em sua vida, especialmente quando essa atinge pessoas significativas como um filho. Nesse sentido, a realização das entrevistas se apoiou no respeito à ética, no acolhimento e na compreensão do luto por se tratar de pessoas em estado de intenso sofrimento.

3.2.1 Sentimentos pela perda do filho

Nessa categoria, o DSC expressa de modo relevante os sentimentos manifestados pela mãe enlutada e o modo como tende a reagir perante o sofrimento da perda. Conforme Kübler-Ross, a morte de um filho é dolorosa em todas as circunstâncias, mesmo em uma enfermidade em que a *elaboração* e as *despedidas* se tornam possíveis.

O relato corrobora mostrando se tratar de uma dor imensa, mesmo quando a perda se dá por doença: *“Os três filhos se foram: na primeira vez foi por doença, foi terrível ver teu filho sofrer e tu não poder fazer nada, ver ele morrendo aos poucos; na segunda, foi atropelamento, onde terminou de me desmontar, mas aí veio a terceira também de repente por um vírus que ninguém explica. Pensava que não iria conseguir mais viver, tinha perdido tudo. Não saberia dizer qual dor foi pior.”* (mãe n. 4). Os teóricos do luto asseguram que a perda de um filho é, sem dúvida, o mais intenso dos sofrimentos que o ser humano pode experimen-

²²⁴ Cf. HEIMANN, T. Face a face com Deus: a espiritualidade diante da morte e do morrer. In: HOCH, L. C.; HEIMANN, T. Aconselhamento pastoral e espiritualidade. *Anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p. 48.

tar. Na entrevista com mães enlutadas, sendo que algumas já perderam marido ou pais, essas relataram que perder um filho trata-se de uma dor muito mais forte, sem comparação com qualquer outra perda.

Freitas assinala que o padrão de respostas de uma mulher diante da morte de um filho pode ter muito em comum com a morte do cônjuge, porém, quaisquer que sejam as semelhanças entre os diferentes tipos de vínculo, cada um tem as suas singularidades.²²⁵ O seguinte relato esclarece: “*A dor de perder o marido é grande, mas a gente aguenta e a dor do filho é uma dor que rasga por dentro.*” (mãe n. 3).

Quando essa perda acontece de maneira brusca e repentina, os sentimentos *explodem* com ainda mais intensidade, obviamente, pela violência que atinge uma mãe e sua família. Segundo a pesquisadora sobre resiliência, Rocca Larrosa, diante de um acontecimento traumático, normalmente existem etapas marcadas por interrogações que apontam para a busca de um sentido para o sofrimento. As perguntas *por que* e *para que isto aconteceu*, procuram o sentido nas causas, tentando esclarecer a verdadeira origem da situação, auxiliando a não encontrar explicações e culpabilidades falsas,²²⁶ o que torna esse processo bastante trabalhoso devido às condições psicológicas em que se encontra a família. Normalmente, mesmo não encontrando um sentido especial, narrar o acontecimento doloroso pode ser um grande auxílio para descobrir, justamente na vivência traumática, o início de um novo sentido que pode ser dado pela fé em Deus como se percebeu em várias das entrevistas.

A pergunta acerca do *porquê* brota naturalmente do contato com o sofrimento inocente e leva à busca de uma resposta. Muitas entrevistas relataram a busca inútil de respostas até mesmo em outras práticas não cristãs. No entanto, no processo de luto, as interrogações e os sentimentos de impotência diante da perda são os mais intensos e que precisam ser externalizados, para que não ocorra um luto complicado. As entrevistas com as mães enlutadas apresentaram como sentimentos mais evidentes diante do luto o que será abordado em cada subitem a seguir.

²²⁵ Cf. FREITAS, N. K. *Luto materno e psicoterapia breve*, p. 48.

²²⁶ Cf. ROCCA LARROSA, S. M. Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. In: HOCH, L. C.; ROCCA LARROSA, S. M. *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 22-23.

a) *Mutilação*

DSC: “*Já perdi o marido, mas a dor do filho é algo que rasga no peito.* (mãe n. 3). *Foram três filhos que se foram em pouco tempo. Às vezes me paro pra pensar como é que foi acontecer tudo isso comigo?* (mãe n. 4). *É um pedaço da gente que vai.*” (mãe n. 16).

Mutilação ou perda de um pedaço de si mesma foi evidenciado de forma unânime nas 20 entrevistas. O vínculo estabelecido entre mãe e filho desde os primeiros cuidados, no início da vida do bebê, faz com que a mãe sinta seu filho como uma extensão de seu ser, uma continuidade da sua existência. O instinto materno implica a necessidade de proteger, de cuidar, gerando, em alguns casos, até uma dependência excessiva do filho em relação à mãe mesmo depois de adulto. Evidentemente, é mais lógico que, pela natureza biológica, os filhos sepultem seus pais, e não, o contrário. No entanto, quando isso acontece, gera na mãe o sentimento de ter sido mutilada, ou seja, de ter perdido um pedaço de seu próprio *eu*.

A morte do filho gera o sentimento de determinada anormalidade na natureza, suscitando também para as mães, segundo Freitas, um questionamento sobre as suas mais profundas concepções e experiências existenciais, porque “a morte de um filho é de um ser que era puro projeto”.²²⁷ A dor da perda de um filho inclui a dor pela perda de aspectos do próprio ego. Há uma relação entre o desaparecimento da pessoa amada com a autoimagem. O relato exemplifica: “*Não pensei em me matar, mas achava que teria que morrer também.*” (mãe n. 11). Isso afirma que o sentimento de perda de si mesma é tão forte, que a mãe pode, por determinado tempo, sentir-se *impedida* de continuar vivendo e, segundo o teólogo Bermejo, até sentir-se culpada pelo fato de estar elaborando o luto.²²⁸ Algumas mães relataram que, após a morte do filho, não ocorreram momentos de passeio, férias, compras e até mesmo trabalho nos primeiros dois anos de luto. Só posteriormente foram retomando algumas atividades e comemorações, porém permaneceu forte o sentimento de que nunca mais a mãe conseguiria ser feliz.

b) *Entorpecimento*

DSC: “*Me perguntavam se eu tinha tomado calmante, mas não tomei nada.*(mãe n. 1). *Agente fica anestesiada pela dor.* (mãe n. 2). *Eu me sentia parecia anestesiada.* (mãe n. 9).

²²⁷ FREITAS, N. K. *Luto materno e psicoterapia breve*, p. 74.

²²⁸ Cf. BERMEJO, J. C. *Estou de luto: reconhecer a dor para recuperar a esperança*, p. 19.

Nossa vida parou.(mãe n. 10). *Pra mim, foi alguns dias pra ver que tinha acontecido mesmo.*(mãe n. 16). *Agente não consegue se situar.*” (mãe n. 17).

Para alguns autores como Bowlby, a reação de torpor faz parte das fases do luto ao mesmo tempo que determinada a negação da realidade, conforme explica Kübler-Ross. É uma forma de proteção do próprio *eu* diante do choque. O sentimento de entorpecimento foi descrito pelas entrevistadas como algo muito intenso nas primeiras horas do recebimento da notícia da morte do filho e durante o funeral. Algumas mães relataram que levaram até mesmo dias para perceber que realmente tudo era real, como se constata também nesta fala: “*No momento em que vi ele na capela (choro) foi quando caiu a ficha de que tinha perdido de vez.*” (mãe n. 15). Para Kovács, quando a morte ocorre de forma brusca e inesperada, a potencialidade de desorganização e paralisação é bastante intensa até que a situação seja internalizada através de relatos e lembranças evocadas do ocorrido.²²⁹ É realmente difícil entrar em contato com a verdade quando ela se mostra causadora de intenso sofrimento. Por isso, a pessoa entra na defensiva contra esse sofrimento através da negação que, mais cedo ou mais tarde, acaba sendo desvelada através da falta evidenciada.

A Teologia entende que, perante a realidade da morte do ser amado, vivencia-se a morte como violência e ausência. Começa-se, então, um lento processo de assimilação pessoal do acontecimento que atingiu a vida da pessoa enlutada para que essa consiga refletir e discernir, para poder encontrar luz e direção para a sua vida.²³⁰ Por isso, enlutar-se pela morte de um filho envolve uma revisão de esquemas porque é tanto um processo de abandono quanto de aprendizagem. Durante o luto, abandonam-se certos esquemas e se aprendem outros, como reitera o relato: “*Vivo um dia de cada vez. Tive que aprender a fazer isso para conviver com a falta dele.*” (mãe n. 6).

c) Revolta religiosa, culpa e raiva

DSC: “*Eu me culpava por ele não ter me contado o que estava acontecendo.* (mãe n. 3). *Até hoje não entendo e peço a Deus por que aconteceu comigo e com o meu filho.* (mãe n. 9). *A gente sente culpa, raiva, sentimento de querer respostas.* (mãe n. 14). *Minha revolta era com meu filho, por ter feito o que fez, ter se matado.*” (mãe n. 18).

²²⁹ Cf. KOVÁCS, M. J. *Morte e desenvolvimento humano*, p. 150.

²³⁰ Cf. CARDEDAL, O. D. *Sobre la muerte*, p. 15.

O teólogo espanhol Ortega caracteriza os sentimentos e as reações diante da morte como *rebeldia*.²³¹ Para ele, essa *rebeldia* adquire formas e expressões de acordo com certos momentos e pessoas, porém sempre tem como meta mostrar uma oposição à morte, ou melhor, a determinadas mortes, cujas causas e circunstâncias produzem maior intensidade de sofrimento.

Foi possível constatar, nas entrevistas, que a morte de um jovem apresenta o lado da violência, do inesperado e, por isso, é carregada de muita revolta por ser o paradoxo da vida que cessa quando poderia continuar a viver e a realizar muitos planos e sonhos. Esses sonhos são também interrompidos para as mães causando revolta, raiva e culpa, como se observa no relato: “*Minha filha tinha tanta vida, tantos sonhos, o casamento marcado... e tudo acabou.*” (mãe n. 13).

Perceberam-se, nesse tema, vários aspectos relevantes. Um aspecto é de que mães com uma vivência de fé mais intensa apresentaram menos situações de revolta e raiva, embora tenham relatado inúmeros momentos de questionamento e reações que podem ser encaradas como uma forte premência de encontrar o filho perdido: “*Durante um ano coloquei um prato a mais na mesa, sem me dar conta. Quando via, estava sobrando um prato.* (mãe n. 19). *Até hoje, a qualquer momento parece que ele vem pra casa.*” (mãe n. 11). Outro aspecto é o de que mães em situação financeira mais elevada, em comparação com as demais, manifestaram maiores questionamentos contra Deus e em relação à fé, como mostra esta fala: “*Se um dia eu chegar diante de Deus vou perguntar para ele o que fiz para merecer isso. Mas também ele morreu fazendo o que gostava que era correr, porque tinha a caminhonete do ano.* (mãe n. 9). *Ele sempre fez tudo o que quis, não entendo por que Deus deixou isto acontecer.*” (mãe n. 10). As imagens distorcidas de Deus, fruto do fundamentalismo bíblico ou de uma visão mecanicista da providência de Deus, do *tinha que ser assim* ou do *Deus que faz tudo o que quero*, fazem perceber como são danosas para a fé tais concepções que não vão ao encontro da revelação feita por Jesus Cristo.²³² No entanto, toda perda, principalmente a de um filho, provavelmente, poderá trazer à tona sentimentos de abandono e omissão por parte de Deus.

Os sentimentos de raiva e revolta não se referem somente a Deus. Vários relatos demonstraram esses sentimentos em relação a outras pessoas envolvidas como nos casos de ho-

²³¹ Cf. ORTEGA, J. L. C. *Sobre la muerte y el morir*, p. 157.

²³² Cf. GOMES, P. R. *O Deus Im-Potente: o sofrimento e o mal em confronto com a cruz*, p. 81.

micídio, em que se deseja justiça, mas, ao mesmo tempo, se tem a consciência de que nada mais trará o filho de volta. Também se tornou saliente que várias mães tiveram momentos de revolta com os próprios filhos falecidos, ou porque foram imprudentes no trânsito, ou porque saíram com determinadas companhias, ou porque lhes esconderam algo. Várias mães disseram-se irritadas, depressivas e sem desejo de contato social em determinado período do luto.

Segundo a experiência clínica de Freitas, essas manifestações referem-se ao sentimento de culpa que se encontra reprimido e que se manifesta na irritabilidade, no mau humor, na apatia, nos transtornos psicossomáticos e na depressão.²³³ Concordando com Freitas, salienta-se que Freud também explica, em diversos escritos, que a culpa é uma expressão do conflito da ambivalência entre os instintos de vida e de morte. Esse sentimento nem sempre aflora no campo da consciência. Ainda em relação à raiva e à revolta, isso se manifestou evidente nos casos de homicídio, porém se percebeu que a dor é tão intensa a ponto de paralisar qualquer pensamento de vingança. Ou seja: *“Perdi meu filho, não adianta mais nada, nem ódio, nem vingança, porque nada acalmaria esta dor, a não ser a fé e Deus.”* (mãe n. 19).

Nas entrevistas, as mães que demonstraram intenso sentimento de raiva e culpa foram as mães cujos filhos cometeram suicídio: *“Minha revolta era com ele, e também sentia vergonha e culpa perante as pessoas, dele ter feito o que fez.”* (mãe n. 18). Segundo Kovács, o suicídio é uma das mortes mais difíceis de elaborar, pela forte culpa que desperta.²³⁴ O suicídio ativa a sensação de abandono e traição em quem fica, principalmente na mãe, cujo instinto é o de proteger seu filho. Percebeu-se certa decepção nas mães, além do mesmo trazer uma determinada vergonha perante a sociedade, bem como a sensação de fracasso familiar. Jaramillo chama esse tipo de luto como um luto não validado, ou oculto, por se tratar de uma perda socialmente não aceita ou fora dos padrões do comportamento vital.²³⁵ Nesses casos, as mães vivenciam o luto em muita solidão, mesmo no seio da própria família.

As entrevistas mostraram que os sentimentos desencadeados pelo sofrimento da perda do filho levam a mãe a sentir-se como que perdendo um pedaço de si mesma. A mãe, num primeiro momento, passa pela fase de torpor ou choque, buscando negar o que está realmente acontecendo. Mediante a falta do filho, surgem reações como revolta, raiva e culpa que fazem

²³³ Cf. FREITAS, N. K. *Luto materno e psicoterapia breve*, p. 25.

²³⁴ Cf. KOVÁCS, M. J. *Morte e desenvolvimento humano*, p. 156.

²³⁵ Cf. JARAMILLO, I. F. D. *Morrer bem*, p. 75.

parte do processo de luto e que, em cada pessoa, se manifesta de acordo com o seu temperamento e modo de lidar com situações difíceis.

3.2.2 Memórias do funeral

O DSC dessa categoria demonstra claramente que, diante da morte violenta do filho, a mãe tende ao estado de choque. As entrevistas relataram que tudo acontece muito rapidamente e que é praticamente impossível a pessoa ter plena clareza do que está acontecendo. Um relato corrobora: “*Não imaginava o que iria passar quando aquilo tudo terminasse, fosse pra casa sem meu filho e como iria continuar a vida.*” (mãe n.2). O ritual das exéquias é repleto de palavras de esperança, de vida e de ressurreição que pouco são assimiladas naquele momento.

a) Poucas lembranças

DSC: “*Lembro de pouca coisa específica.*(mãe n.1). *As orações me acalmavam, mas não lembro de muita coisa.* (mãe n. 5). *Lembro de algumas coisas bonitas, mas não de detalhes, de palavras.* (mãe n. 6). *Não lembro de quase nada.*” (mãe n. 7).

Poucas lembranças foram relatadas pelas mães. Elas demonstraram lembrar palavras soltas ou algum gesto específico voltado ao filho morto ou à família. Sobre o rito de exéquias, as mães relataram lembrar de poucas palavras. Este tema comprova os relatos e corrobora a categoria anterior analisada quanto à questão do entorpecimento que acomete a pessoa mediante uma perda violenta.

O pranto precisa ter o espaço necessário para ser expresso: “*Eu me sentia parecia que anestesiada. Só queria ficar quieta.* (mãe n. 1). *Parecia que não era eu, ali.* (mãe n. 12). *Muita gente dizia muitas coisas, mas não lembro de detalhes.*” (mãe n. 6). É importante recordar que essa expressão *anestesiada* também se refere ao fenômeno que a Psicologia caracteriza como despersonalização, ou seja, é quando a pessoa enlutada sente que ela própria é irreal. Também ocorre o fenômeno da desrealização que significa, conforme Parkes, que o mundo é irreal,²³⁶ como se lê neste relato: “*Não parecia verdade. Sabe, eu tirei ela do caixãozinho e*

²³⁶ Cf. PARKES, C. M. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*, p. 89.

peguei ela no colo (choro), fiquei com ela um pouco, depois coloquei ela de novo no caixão... Parecia que eu estava vendo tudo como que de fora de mim, nem sei explicar.”(mãe n. 8).

b) Apoio dos amigos

DSC: *“O abraço das pessoas amigas foi muito bom. (mãe n. 9). Minhas amigas da Igreja estavam todas lá comigo, agente se deu as mãos. (mãe n. 15). Recebi muitos abraços de amigos e família que ajudava bastante.”* (mãe n. 10).

Percebeu-se que o funeral é uma vivência antropológica em que se concretiza o contato com a finitude humana. Nessa experiência, principalmente a mãe enlutada se detém em aspectos específicos e particulares que concentram a atenção ao filho perdido, como homenagens, símbolos ou músicas que os amigos apresentem: *“Os amigos colocaram uma música linda para ele. (mãe n. 6). O frei disse que ela era uma pessoa especial. (mãe n. 17). Me consolou ver os colegas de aula chorando muito.”* (mãe n. 10).

A presença e o apoio dos amigos como lembranças do funeral foi uma posição unânime que serviu como consolação para as mães. O gesto amigo de acompanhar uma pessoa enlutada traz acolhimento e respeito à dor do *outro*.²³⁷ Nos casos de sofrimento profundo, também é salutar silenciar. A Bíblia apresenta o sofrimento de Jó e a presença de seus amigos, cujo silêncio foi mais eficiente do que muitas palavras.

Três amigos de Jó – Elifaz de Temã, Baldad de Suás e Sofar de Naamat – ao inteirar-se da desgraça que havia sofrido, partiram de sua terra e reuniram-se para ir compartilhar sua dor e consolá-lo. Quando levantaram os olhos, a certa distância, não o reconheceram mais. Levantando a voz, romperam em prantos; rasgaram seus mantos e, a seguir, espalharam pó sobre a cabeça. Sentaram-se no chão ao lado dele, sete dias e sete noites, sem dizer-lhe uma palavra, vendo como era atroz seu sofrimento. (*Jó 2, 11-13*).²³⁸

c) Entrega do filho a Deus

DSC: *“As orações da missa, me consolavam porque me diziam que ele estava bem. (mãe n. 1). A música: “Segura na mão de Deus e vai” me marcou muito. Me confortou saber que eu estava entregando ele pra Deus. (mãe n. 3). O pastor fez orações bonitas, que falava de Deus, da glória de Deus. (mãe n. 7). O que me conformava era quando alguém dizia que ele ia ficar com Deus.”*(mãe n. 11).

²³⁷ Cf. OLIVEIRA, R. K. de. O longo processo do luto. *Psicoteologia*, ano XXI, n. 48, p. 7, 2011.

²³⁸ *Livro de Jó*. Antigo Testamento.

Se, por um lado, as mães lembram de poucas coisas do funeral do filho, também, por outro, algumas lembranças, embora vagas, trouxeram consolo. Cabe salientar que o momento do funeral possui grande efeito existencial, posto que a fé passa pela experiência pessoal vivenciada. No relato notou-se que as mães lembram de orações que falavam do filho estar com Deus. “*Me confortou saber que eu estava entregando ele pra Deus.*” (mãe n. 19). Ainda foram citadas: “*O padre disse que iremos nos reencontrar.*” (mãe n. 4). “*Sei que ela está dormindo junto de Deus, até a gente se encontrar de novo.*” (mãe n. 16). Esse relato mostra que, embora em confissões e teologias diferentes, como no caso da dormição para os protestantes, a esperança do reencontro consola. Essa fala demonstra a esperança da fé cristã, sendo agente de resiliência para suportar o sofrimento. Na Bíblia, encontra-se relato, no *Livro de Macabeus*, sobre o martírio dos sete irmãos. A mãe, diante da morte do último filho, consola-o para que esse se entregue a Deus.

Inclinou-se para este e, ludibriando o cruel tirano, assim falou na língua de seus pais: “Filho, tem compaixão de mim, que por nove meses te trouxe em meu seio e por três anos te amamentei, alimentei-te e te eduquei até esta idade, provendo sempre ao teu sustento. Eu te suplico, meu filho, contempla o seu e a terra e observa tudo o que nelas existe. Reconhece que não foi de coisas existentes que Deus os fez, e que também o gênero humano surgiu da mesma forma. Não temas este carrasco. Ao contrário, tornando-te digno de teus irmãos, aceita a morte, a fim de que eu torne a receber-te com eles na Misericórdia.” (2 Mc 7, 27-29).²³⁹

Enfim, a pesquisa mostrou que, na sua grande maioria, as mães enlutadas guardam poucas lembranças do funeral do filho, que a presença e o apoio dos amigos e da família foram determinantes no consolo, assim como as orações e, acima de tudo, a fé em entregar o filho a Deus.

3.2.3 O sentido da morte

O DSC, nessa categoria, apresenta a definição de morte como sofrimento e ruptura, mas também a morte como passagem, mudança para uma outra dimensão. Foi possível perceber que as mães entrevistadas referiram-se à morte de forma bastante hostil, ou seja, nenhuma mãe tratou a morte como algo natural, que faça parte da vida. Mesmo quem mencionou algo

²³⁹ *Livro de 2 de Macabeus*. Antigo Testamento.

semelhante, logo a seguir, lembrou as palavras *sofrimento* e *desgraça*. Isso é possível compreender, porque as pessoas entrevistadas foram atingidas pela morte conceituada por Kovács como *escancarada*, como já visto na primeira seção, pois chega de forma violenta e inesperada. Assim, a morte do *outro* se configura como vivência da morte em vida. É a possibilidade da experiência de morte que não é a própria, mas que é vivida como tal pelos vínculos estabelecidos.²⁴⁰

a) Morte como sofrimento e ruptura

DSC: “É a coisa mais triste que pode acontecer, e a gente pensa que não vai acontecer.(mãe n. 1). Embora se saiba que não é o fim de tudo, mas o sofrimento da despedida é grande.(mãe n. 3). A morte faz todo mundo sofrer. (mãe n. 7). A morte é uma ruptura que arrebenta o coração de uma mãe. (mãe n. 13). É dolorosa porque é separação, mesmo que se tenha uma grande fé.”(mãe n. 18).

No DSC, é possível constatar que todas as mães estão em processo de luto. Por isso, a morte foi relatada como *algo ruim, já que se pensa que acontece somente com os outros*. Sob o ponto de vista psicológico, Franco denomina como palavra-chave no tema *morte* o termo *separação*, concordando com a teoria de Bowlby, por se tratar do rompimento do apego estabelecido na relação materna. Uma separação que está no campo do conhecimento, da experiência e do significado, porque houve vinculação afetiva, amor, uma história compartilhada, legados.²⁴¹ Por isso, como mencionam as depoentes, é uma ruptura dolorosa. Para a compreensão humana, a morte é a maior inimiga (uma intrusa) e a maior experiência de esvaziar-se e de aniquilar a si mesmo. A morte é encarada como limitação, principalmente na morte dos filhos (crianças e jovens). É limitação dos sonhos, do contato, do amor e, acima de tudo, limitação da maternidade. Das 20 mães entrevistadas, devido à morte, quatro ficaram sem filhos, perdendo completamente a função materna, ou seja, o *ser mãe*.

Quanto ao medo de morrer, é considerável acrescentar que a maioria das mães entrevistadas disse ter perdido o medo de morrer após a morte dos filhos. Embora algumas tivessem tido, no início do luto, vontade de morrer, nenhuma delas pensou em suicídio. Quanto à perda do medo da morte, comentada pelas mães, pode ser analisada mediante o desejo de encontrar o filho, de buscar saber onde e como ele está. Percebe-se novamente uma questão antropocêntrica e não espiritual.

²⁴⁰ Cf. KOVÁCS, M. J. *Morte e desenvolvimento humano*, p. 149.

²⁴¹ Cf. FRANCO, M. H. *Nada sobre mim sem mim: estudos sobre a vida e a morte*, p. 48-56.

b) Morte como passagem ou mudança para outra dimensão

DSC: “É o fim dessa vida na terra. (mãe n. 4). A gente permanece distante fisicamente, mas ligado espiritualmente. (mãe n. 6). Morte é quando tudo cessa, e se vai para outra fase, outra etapa.” (mãe n. 11).

A visão da morte como passagem está de acordo com o que significa a palavra *Páscoa* na fé cristã. Na concepção de Ortega, a morte para o cristão é percebida como uma passagem que implica uma transformação, porém não um fim. Quem tem uma crença religiosa tem a convicção de que, diante de Deus, a morte tem sentido; mais ainda, somente em Deus a morte e todo o seu mistério tem sentido, pois só Deus está acima da morte. Vários *Salmos* apresentam a esperança no poder de Iahweh: “Cercavam-me laços de morte, eram redes do Xeol: caí em angústia e aflição. Então invoquei o nome de Iahweh: ‘Ah! Iahweh, liberta minha vida.’” (*Sl* 116, 3-4). Conforme a Constituição *Gaudium et Spes* (*GS*, n. 18), se, por um lado, o cristianismo concebe que a morte é um acontecimento que faz parte da vida, por outro, esse evento insere-se no conjunto da catástrofe moral que se abateu sobre as origens da humanidade e se apresenta como punição do pecado.

Para esclarecer a concepção dos termos *passagem* e *outra dimensão*, as mães foram questionadas sobre a crença na reencarnação. Embora várias entrevistadas dissessem ter procurado respostas e consolo no espiritismo, nenhuma mãe disse acreditar na teoria reencarnacionista. Escreveu Schönborn: “A reencarnação não tem lugar no cristianismo, porque a vida em Cristo já é a meta final.”²⁴² Porém, se constatou que, mais do que uma convicção e esclarecimento da fé cristã, a negação da reencarnação provavelmente, nesse caso, está vinculada ao apego. Bowlby em sua teoria estabeleceu que condutas de apego reforçam o vínculo e preservam a proximidade da pessoa amada.²⁴³ Quando o rompimento desse apego é ameaçado, existe uma forte reação defensiva. O DSC das mães mostrou sobre o que se está refletindo: “Não imagino meu filho pertencendo a outra família, eu sou a mãe dele e sempre serei. (mãe n. 3). Prefiro pensar que ele está com Deus do que sendo sabe lá o que, ou sofrendo de outro modo aqui neste mundo.” (mãe n. 5).

Outro aspecto importante são as representações da morte implícitas na subjetividade dos indivíduos em que algumas imagens arquetípicas da morte foram expressas: *fim da caminhada, um livro*, conforme expressou o relato: “A morte é como um livro que, em certo dia,

²⁴² SCHÖNBORN, C. C. *De la muerte a la vida*, p. 141. “La reencarnación no tiene lugar en el cristianismo, porque la vida en Cristo ya es la meta final.” [Tradução nossa].

²⁴³ Cf. BOWLBY, J. *Formação e rompimento dos laços afetivos*, p. 143.

chega na página com o seu nome e você morre.” (mãe n. 10). Heimann acrescenta que várias categorias podem ser acrescidas à definição de morte como *grande inimiga, viagem definitiva*, entre outras. O autor esclarece que só se percebe a morte com outro significado quando essas representações negativas e terríveis perdem essa força. Porém, nesse caso, seria difícil a morte apresentar representações mais positivas devido ao sofrimento em que as entrevistadas se encontram: *“Mesmo tendo muita fé, sabendo que todos teremos que passar, se sente diferente quando se trata do seu filho.”* (mãe n. 16).

Na análise do DSC aparece: *“A gente permanece distante fisicamente, mas ligado espiritualmente.”* (mãe n. 6). Esse discurso faz relação com a fé na comunhão dos santos. A morte sendo outra dimensão significa para as mães que os filhos não estão mais neste mundo, mas estão junto de Deus. Moltmann aborda essa questão de modo mais profundo: *“No luto, não só nos despedimos dos mortos, mas também participamos da sua transformação rumo àquele outro mundo de Deus e àquela outra vida que chamamos de eterna.”*²⁴⁴

Enfim, nessa categoria de definição sobre a morte, o DSC demonstrou, que para a mãe que sofre uma perda trágica, é quase impossível perceber algo natural na morte. Essa foi apontada como sofrimento, ruptura, passagem e mudança para outra dimensão. A morte não foi abordada como consequência do pecado ou como castigo. Nesse aspecto, esse pode ser um fator que favoreça a maioria das mães a se sentirem consoladas mediante o pensamento de que os filhos estarão junto de Deus, que é paz e bondade.

3.2.4 Consolação no luto

No DSC dessa categoria que analisa o que foi auxílio para o luto, pôde-se concluir que pertencer a uma rede de apoio, ou seja, amigos, familiares e Igreja é um forte consolo e alicerce à resiliência. Na grande maioria, a primeira resposta esteve diretamente ligada à questão do aconselhamento e à presença de amigos ou membros da Igreja, como será detalhado na sequência.

a) Aconselhamento de amigos ou membros da Igreja

DSC: *“A presença pronta das pessoas em ouvir. (mãe n. 9). Muitos gestos de carinho, de presença dos amigos, o pessoal da pastoral me ajudavam a falar do assunto, a não guardar*

²⁴⁴ MOLTSMANN, J. *A vinda de Deus: Escatologia cristã*, p. 143.

só para mim. (mãe n. 3). *O pastor e as pessoas da Igreja me confortaram.* (mãe n. 7). *O padre e a zeladora da capelinha foram fazer umas visitas que ajudou muito.* (mãe n. 19). *Receber visitas, conversar também me ajudou, senão acho que iria enlouquecer.*”(mãe n. 2).

O DSC demonstra que o enlutado precisa sentir-se acolhido e compreendido em sua dor. Na realidade, a mãe sabe que não terá respostas para a tragédia de perder o filho, mas não se sentirá sozinha. Mostrou-se de fundamental importância o aconselhamento enquanto escuta e presença. O DSC revela que, sem esse apoio, várias mães teriam a possibilidade de vivenciar um luto bem mais complicado, como retrata a fala: “*se não fosse essa ajuda acho que iria enlouquecer.*” (mãe n. 2).

Conforme Fidelis, ao lidar com a morte e o luto do *outro*, aqueles que cuidam, ouvindo, apoiando, acolhendo e consolando os enlutados, precisam ter clareza de que o tempo de luto é diferente da cronologia evidente dos fatos, porque, no caso do luto materno, fala-se de um tempo regido pelo coração, na lição da autora.²⁴⁵ A mãe precisa de um espaço para conversar, chorar, um espaço que faça sentido para ela e, principalmente, que acolha a nova realidade que é a falta de alguém querido. O relato corrobora a reflexão: “*o pessoal da pastoral não me deixava quieta, me ajudava a falar do assunto, a não guardar só para mim, foi muito importante, e ainda é.*” (mãe n. 3).

Somente uma entrevistada cujo filho suicidou-se não gostava de visitas, devido ao elevado grau de revolta e até mesmo de vergonha pelo acontecido como já comentado anteriormente: “*Tinha muita raiva de todo mundo. As pessoas da Igreja iam me visitar e eu não queria, confesso que às vezes me escondia, não queria consolo, queria ficar sozinha. Isso aconteceu até o ano passado, agora me sinto diferente.*” (mãe n. 18).

Com exceção dessa entrevista, a visita de pessoas da Igreja para uma oração ou conversa foi apresentada como fundamental, não só para a mãe como para toda a família. É importante lembrar que cada membro da família tem um tempo próprio de processar o luto. Em várias entrevistas, percebeu-se que os homens (pais), depois de certo tempo, tendem a entrar em depressão por *embutir* o luto, justamente para dar força à esposa em várias situações.

Schipani ressalta que a Igreja precisa recriar um ministério de aconselhamento que seja verdadeiramente pastoral, trazendo frutos e sendo marcado pela fé. É possível relembrar

²⁴⁵ Cf. FIDELIS, S. L. Experiências no lidar com a morte do outro. In: HOCH, L. C.; WONDRACEK, K. (Orgs.). *Bioética: avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar: do início ao crepúsculo da vida: esperanças e temores*. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 118.

que a experiência pela qual a pessoa enlutada passa, de vazio existencial e espacial, é muito forte, porque fica vazia a cama do filho, ele não chega mais da escola, do trabalho, enfim, esse vazio requer persistência no acompanhamento, pois pode ser uma fase prolongada.²⁴⁶

Neto lembra que Jesus acompanhou o luto dos discípulos de Emaús caminhando, ficando com eles. Esse *ir com eles* não se esgota somente em uma rápida visita após o enterro. Por isso, consideram alguns autores do aconselhamento pastoral que a indiferença da Igreja pode ser um sofrimento a mais para a pessoa enlutada,²⁴⁷ sendo necessária a formação de equipes que possam assumir o *ir com eles* durante o tempo que for necessário. O relato auxilia no entendimento:

Se tivéssemos tido uma visita da Igreja, uma orientação, um apoio, nós nem teria ido buscar respostas no Centro Espírita onde, só nos confundiu. Mas um dia uma pessoa da Igreja nos convidou para o grupo de oração onde encontramos mesmo o amor de Deus. (mãe n. 5).²⁴⁸

Os escritos de Kovács corroboram a ideia de que a *escuta* torna-se vital no enfrentamento do sofrimento, pois a real ajuda está em suportar a dor e não em tentar consertá-la. Nas entrevistas, ficou evidente que o aconselhamento e o apoio dão grande oportunidade no desenvolvimento da resiliência. Uma mãe, ao perder seus pais e filhinha num acidente, foi abandonada pelo marido e perdeu sua moradia. Passou a morar na rua. Ela comenta que é o apoio da Igreja e a fé em Deus que a faz pensar que é uma pessoa que está em paz: “*Fui morar na rua porque perdi tudo. Passava o dia inteirinho no cemitério perto da minha menina. Aí, o pastor e as pessoas da Igreja me ajudaram. Hoje eles me deixam tomar banho lá na igreja. Não tenho tristeza.*” (mãe n.7).

b) Rituais de memória

DSC: “*Também me ajudou e ajuda muito é ir no cemitério, converso com eles, choro e me alivia. (mãe n. 2). Vou no cemitério e vejo as fotos dele. (mãe n. 6). Passava o dia inteirinho no cemitério. (mãe n. 7). É difícil passar uma semana sem no cemitério, mesmo que chova. (mãe n. 11). Olho as fotos porque era linda, beijo ela todas as manhãs.*” (mãe n. 16).

²⁴⁶ Cf. SCHIPANI, D. S. *O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral*, p. 7-8.

²⁴⁷ Cf. GAEDE NETO, R. Os enlutados de Emaús. In: HOCH, L.C.; WONDRACEK, K. H. K. (Orgs.). *Bioética: avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar: do início ao crepúsculo da vida: esperanças e temores*. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 100-105.

²⁴⁸ Relato da mãe entrevistada.

O DSC evidencia que algumas práticas auxiliam bastante a amenizar a dor da falta, entre elas se destacam, além de chorar, o olhar as fotos e ir ao cemitério. Essas práticas estão interligadas com o desejo de ter o filho de volta. Também com o amor que se pretende continuar amando e, ao mesmo tempo, ter a sensação de que o filho está presente de modo concreto. “*Fiz um painel grande dele na sala. Chego em casa e já vejo ele.*” (mãe n. 10). Oliveira chama essas atitudes como *culto em memória*, visto que a família olha fotos, relembra momentos marcantes e guarda alguns objetos do filho.²⁴⁹ Algumas mães relataram a necessidade de sentir o cheiro do filho na roupa ou no travesseiro. “*Sinto o cheiro dela no quarto. Fico lá (no quarto) um pouco todos os dias. Choro, falo um pouco com ela, depois me alivia.*” (mãe n. 13).

Percebeu-se também que as mães enlutadas tendem a se envolverem mais com a falta do filho morto do que com o(s) filho(s) que ficaram, o que é compreensível num primeiro momento. Várias mães afirmaram ter a consciência da necessidade de pensar mais nos filhos que ficaram. Algumas mães disseram que o filho vivo manifesta determinado questionamento em relação ao irmão morto. “*Perdi meu irmão, mas perdi você também?*”(mãe n. 10); “*Não gosto quando os irmãos mexem nas coisas dele, fico irritada.*” (mãe n. 5). Conforme estudos relativos ao luto, é comum idealizar o morto. Segundo Kübler-Ross, muitas mães envolvem-se tanto com o filho que morreu a ponto de impedir que o irmão mexa nas coisas ou use roupas do falecido, gerando reações agressivas ou depressivas.²⁵⁰ Essas atitudes mexem com o amor e o afeto do filho que ficou, podendo gerar, além de sentimentos de menos valia, de rai-va e competição com o irmão que morreu.

Quanto à visita no cemitério, o DSC comprova que as mães sentem-se bem e até necessidade de ir ao cemitério nos primeiros tempos: “*Nós íamos no cemitério todos os sábados. Fomos até debaixo de neve.* (mãe n. 17). “*Vou no cemitério, me sento lá, converso com eles, choro, depois volto para casa mais aliviada.*” (mãe n. 2). O fato de ir ao cemitério é tentar manter vivos o pensamento e a recordação do filho, buscando consolo. É uma maneira de manifestar o carinho, o amor que estarão sempre vivos, trazendo paz às mães. Percebeu-se nos relatos que as mães gostam de ir ao cemitério sozinhas, porque se sentem mais à vontade para falar, chorar e rezar pelo (s) filho(s).

²⁴⁹ Cf. OLIVEIRA, R. K. O longo processo do Luto. *Revista Psicoteologia*, ano XXI, n. 48, p. 5-12, 2011.

²⁵⁰ Cf. KÜBLER-ROSS, E. *O túnel e a luz*: reflexões essenciais sobre a vida e a morte, p. 23.

Cuñado lembra que os cristãos recebem força na fé pascal que afirma que o defunto, assim como Jesus, ressuscitará para a vida e estará sempre em Deus.²⁵¹ Conforme o autor, o cemitério é um lugar fundamental para despertar a compreensão cristã da morte e da ressurreição, proporcionando consolo, esperança e resiliência. O cemitério converte-se num espaço em que se encontram com sua própria identidade, porque são lugares de memória e recordação. No relato das mães, o cemitério produz nelas um efeito psicológico, qual seja, o de se sentirem mais próximas dos filhos e os recordar, não representando um local espiritual e religioso. Por isso, essa prática de consolo ao luto foi considerada como uma *prática não religiosa de memória*.

c) Práticas religiosas

DSC: “*Se me sinto aflita, triste eu rezo até hoje. É muito difícil faltar a missa do domingo, onde rezo por ele.* (mãe n. 1). *Acendo velas para ela.* (mãe n.13). *Mando rezar missas todos os meses para ele.* (mãe n. 15). *Rezo, vou no culto.* (mãe n. 16). *A cena de ter meu filho morto nos braços me consola porque Nossa Senhora também pegou o filho morto injustamente nos braços. Então pensei, que ela ia me dar força e segurar meu filho também.*” (mãe n. 19).

O DSC apresenta a experiência vivenciada como fé que traz resiliência ao sofrimento pela perda do filho. No relato já apresentado, evidenciou-se isto: “*A cena de ter meu filho morto nos braços me consola porque Nossa Senhora também pegou o filho morto injustamente nos braços. Então pensei, que ela ia me dá força e segurar meu filho também.*” (mãe n. 19). A fé e o consolo encontrado na mãe de Jesus, que também sofreu a dor de perder seu filho, torna-se experiência de fé vivenciada e identificada com o sofrimento de Maria, a mãe de Deus. Quanto ao sofrimento da mãe de Jesus, Forte refere que Maria é a mãe que acompanha no amor a inteira vivência do Senhor entre nós, é a *mater amabilis*, a *mater doloris*. A sua participação na vida, morte e ressurreição do Salvador é caracterizada pelo profundo vínculo materno, do amor visceral e gratuito, por isso, Maria participa da oferta do seu Filho à humanidade.

Nesse sentido, os dois termos se entrelaçam: *mãe amável* e *mãe dolorosa*.²⁵² As Escrituras mostram na narração pascal que Maria acreditou na palavra do Senhor (Cf. *Lc 1,45*), e é

²⁵¹ Cf. CUÑADO, J. C. Memoria de los defuntos en el cementerio. In: ORTEGA, J. *Sobre la muerte y el morir*. Burgos: Monte Carmelo, 2009, p. 309-310.

²⁵² Cf. FORTE, B. *Maria, la donna ícona del mistero: saggio di mariologia simbolico-narrativa*, p. 210.

acreditando que a mãe entra na comunidade dos discípulos do Filho, sendo fiel, ao contrário de quase todos eles, na hora obscura e dolorosa da cruz. Depois da morte de Jesus, Maria permaneceu sendo um testemunho de esperança.²⁵³

Para as mães enlutadas, é na esperança que as orações aos filhos são transformadas na certeza da comunhão em Cristo. Mesmo as mães de confissões cristãs, cuja crença está na dormição, relataram acreditar na comunhão em Cristo, aguardando o juízo final. Diferentemente das mães católicas, cuja comunhão consiste também em rezar pelos filhos para que estejam bem e em paz. O relato das mães mostra o entendimento de que poderão ter uma comunhão com os filhos através da oração. Assim, rezar, participar da missa e acender velas são práticas que fazem frequentemente para se manterem em comunhão, amenizando a tristeza e a saudade do(s) falecido(s), bem como buscando *fazer um bem a ele*.

Reitera-se que o Magistério da Igreja recorda que a comunhão mais plena e perfeita com os entes queridos e com a Igreja Celeste se opera na celebração da Eucaristia (Cf. *LG*, n. 50). O teólogo espanhol Bahamonde afirma que a fé na comunhão dos santos é uma grande auxiliadora perante o sofrimento com a ruptura dos afetos, contemplando o enlutado com maior paz, serenidade e esperança. Isso porque, mesmo em purificação, se pode crer que aquele que se ama está na presença de Deus.²⁵⁴ O relato de um casal que reza junto diante das fotos dos dois filhos falecidos e as beijam antes de dormir é um exemplo disso. As mães entrevistadas, contudo, não mencionaram que pedem a intercessão dos filhos.

Notou-se que as mães valorizaram as práticas religiosas, independente da confissão que professam. A grande maioria referiu que mandar rezar missas ou ir ao culto são atitudes importantes para *conseguirem continuar vivendo*. Se, por um lado, a morte do filho é uma ameaça real na continuidade da existência humana, por outro, torna possível encontrar um significado maior que aponte para a transcendência. Nesse sentido, a prática de religião permite o encontro com a essência e, pelo exercício da espiritualidade, é a crença em Deus que possibilita o sentido de permanência. As mães enlutadas relataram: “*Me apeguei ainda mais em Deus com este sofrimento. Vamos sempre à missa.* (mãe n. 2). *Sou da Igreja Deus é amor. Estou indo mais na igreja para ter mais força.* (mãe n. 12). *Sou da igreja Batista, participo bastante, me ajuda muito.*” (mãe n. 16).

²⁵³ Cf. FORTE, B. *Maria, la donna ícona del mistero: saggio di mariologia simbolico-narrativa*, p. 199.

²⁵⁴ Cf. BAHAMONDE, L. P. *El más allá en imágenes y palabras del más acá: palabras de fé para vivir en amor la esperanza de la resurrección*, p. 257-263.

As mães cujos filhos se suicidaram choraram muito ao relatar que rezam pelos filhos. Manifestaram não saber se o filho suicida encontrará misericórdia diante de Deus, causando ainda mais angústia para as mães. Os estudos em Aconselhamento Pastoral de Clinebell revelam que a família de uma pessoa suicida precisa de uma assistência poimênica,²⁵⁵ de apoio, e, em muitos casos, de uma terapia familiar para lidar com todas as feridas que essa atitude suicida causou, como: culpa, vergonha e medo de não ter o perdão de Deus.

Enfim, sobre o auxílio e consolo no processo de luto, o DSC apresentou como fortes tutores de resiliência o aconselhamento e a presença dos amigos e membros da Igreja que levam conforto e compreensão em momento difícil. Como rito de memória não religiosa destacaram-se as fotos dos falecidos e a visita ao cemitério como alívio ao sofrimento. Por fim, nas práticas religiosas, a oração pelos filhos foi o que mais se salientou, porque a maioria das entrevistadas são mães católicas, embora outras confissões tenham mencionado a participação em ritos da Igreja como auxílio e enfrentamento, mas não como intercessão aos filhos. Percebe-se que, mesmo com bastante dificuldade de sobrevivência devido à pobreza, as mães encontram meios de resiliência, principalmente na fé.

3.2.5 Crença na vida eterna

DSC: *“Acredito no céu, na vida eterna. (mãe n. 6). Mas temos que esperar adormecer em Deus para acordar no grande dia. (mãe n. 14). Existe sim e acredito que ele esteja bem. Acho que Deus preparou o melhor para nós (mãe n. 15). Acredito, mas não sei como fica no caso dele que se suicidou, mas sei que Deus é perdão e deve saber porque ele fez isso, né?”* (mãe n. 20).

No DSC sobre a crença na vida eterna, foi possível constatar que, embora o conceito de Ressurreição não esteja ainda bem claro (como será evidenciado nas próximas categorias) a fé na vida eterna faz parte da esperança da maioria (18, das 20) mães entrevistadas. Não houve necessidade de dividir a categoria em temas porque o padrão de respostas das mães sobre esse assunto foi muito semelhante.

²⁵⁵ Cf. CLINEBELL, H. J. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*, p. 230. O termo *poimênica* vem do grego *poimen* que significa *pastor*. A poimênica, em si, quer nos revelar um ministério de ajuda congregacional, que a instituição religiosa presta para às pessoas com obras solidárias, auxiliando na busca do crescimento. Como disciplina, a poimênica inclui uma gama de fatores ou matérias, como, por exemplo, o Aconselhamento Pastoral, e esse tem como estudo fundamental a resiliência.

“Imagino a vida eterna um lugar de felicidade, de paz com Deus. Seria muito triste pensar: morreu, morreu.” (mãe n. 11).

Constatou-se, como bem escreveu Moltmann, que a vida eterna é um amplo espaço de vida, no qual a vida interrompida, prejudicada e destruída poderá desenvolver-se livremente. Se já nesta vida experimentam-se momentos de liberdade, quanto mais haverá de ser assim na vida eterna.²⁵⁶ Essa esperança traz alívio e resiliência às mães que sempre querem que seus filhos estejam bem: *“Acredito na Vida Eterna. Vejo tanta maldade no mundo. (mãe 17). Sei que meu filho está muito melhor que eu. Para ele, dependente das drogas, ele agora está longe do sofrimento e da prisão.”*(mãe n. 3). Nessa fala é possível constatar que, mesmo com a dor da saudade, a vida eterna traz consolo.

Moltmann defende que a fé na vida eterna dará àqueles cujo espaço vital aqui na Terra lhes foi destruído uma força para viverem a vida que lhes estava destinada e para a qual nasceram. Essa ideia é consoladora para quem está na iminência da própria morte e para quem perde alguém querido. A fala auxilia na compreensão: *“Acredito que depois desse mundo difícil virá outro melhor. Diz a Bíblia: bem-aventurados os que choram porque serão consolados e verão a Deus.”* (mãe n. 16). A vida eterna não pode ser pensada senão como um dom, mas um dom que deve ser acolhido pela liberdade humana, pois a vida eterna é o milagre do amor, que é mistério e que é Deus que se doa ao ser humano. Por isso, é a vida consolidando-se, definitivamente válida, participando da própria vida de Deus e, por isso, é vida eterna.²⁵⁷

Na mãe de Confissão Cristã Batista, aparece a Teologia da dormição destinada aos mortos, que aguardam a vinda gloriosa de Cristo: *“A morte traz dor, sofrimento, termina essa vida pra começar outra em Deus sem sofrimento. Mas temos que esperar adormecer em Deus para acordar no grande dia.”* (mãe n. 14). É importante citar que, quanto maior for a clareza sobre a transformação do mundo em Cristo, maior será o consolo. Quando se fala em consolo, não significa diminuir o sofrimento, mas ter mais resiliência diante desse sofrer. Nas concepções de Moltmann, *“somente em Deus existe aquela vivacidade original, somente em Deus existe aquela beleza que promete não apenas felicidade, mas também a bem-aventurança eterna. Somente em Deus há movimento e repouso”*.²⁵⁸

²⁵⁶ Cf. MOLTSMANN, J. *A vinda de Deus: escatologia cristã*, p. 137.

²⁵⁷ Cf. MARTINEZ-GAYOL, N. Vida eterna. In: ORTEGA, J. L. C. *Tipologia de la muerte II*. ORTEGA, J. L. C. *Sobre la muerte y el morir*. Burgos: Monte Carmelo, 2009, p. 268-271.

²⁵⁸ MOLTSMANN, J. *No fim, o início: breve tratado sobre a esperança*, p. 191.

Constatou-se, nesse tema, novamente, a preocupação das mães com os filhos que se suicidaram, conforme já analisado na categoria anterior. Nesse caso, pode-se pensar não somente no medo do não perdão de Deus, como também, na projeção materna sobre esse perdão. Para a mãe cujo filho suicidou-se sempre haverá uma pergunta sem resposta, conforme declarou uma mãe: “*Quando encontrar meu filho no céu, a primeira coisa é perguntá-lo: por que fez isso? Por que não contou o que sentia?*” (mãe n. 15). Tornou-se evidente a dificuldade de aceitação e até mesmo de perdão à decisão suicida do filho. Psicologicamente, pode-se levantar a hipótese de que as mães estejam transferindo essa não aceitação e dificuldade de perdão para a figura de Deus. Por outro lado, sabe-se que, por muito tempo, a Igreja condenou à não salvação quem praticasse suicídio, embora atualmente a Igreja Católica demonstre misericórdia nessa situação, esclarecendo que ela ora pelas pessoas que atentaram contra a própria vida (Cf. CEC, n.2.283). Sem dúvida, a antiga postura da Igreja, embora tivesse um fundo pedagógico preventivo, aumentava ainda mais o sofrimento e o sentimento de impotência da família, tornando certamente, o processo de luto mais complicado.

Moltmann entende que “nossa vida termina na morte, é verdade, mas a verdade maior é que nossa morte termina na ressurreição para a vida eterna. Por esta razão, a morte é o fim, mas não o derradeiro. Ainda haverá algo.”²⁵⁹ Essa é a fé declarada nas entrevistas e que, mesmo parecendo algo abstrato no momento, apresenta certa resiliência, pelo fato de as mães acreditarem que os filhos vivem em Deus e que não morrerão para sempre.

3.2.6 A fé na ressurreição

O DSC nessa categoria da fé na ressurreição apresenta unanimidade nos relatos ao tratar da ressurreição de Jesus, em que se percebeu a compreensão de que Jesus venceu a morte, tornou a viver de maneira a não mais morrer. Não apareceram dúvidas sobre o evento *ressurreição* de Jesus. Dois aspectos foram levantados: vencer a morte e a esperança para nossa salvação. Segundo Cardedal, a morte e a ressurreição de Cristo são sinais eficazes de seu amor para com o homem pecador, uma vez que sua vitória sobre a morte é a raiz da esperança

²⁵⁹ MOLTSMANN, J. *No fim, o início: breve tratado sobre a esperança*, p. 124.

cristã.²⁶⁰ Nos depoimentos, percebeu-se a esperança de que, por Cristo, um dia não haverá mais sofrimento. Quando as mães falavam sobre *não haver mais morte e sofrimento*, o choro brotava de maneira intensa na maioria das vezes, demonstrando a tristeza e o desejo de mudar dita realidade.

DSC: “*Ele venceu a morte. Ressuscitou.* (mãe n. 4). *É a vitória sobre a morte que Jesus nos deu com sua própria morte.* (mãe n. 5). *Jesus já venceu a morte com a ressurreição dele. Ele é Deus e Filho de Deus* (mãe n. 15). *É que Jesus Cristo venceu a morte. Diz a Bíblia que a ressurreição de Jesus salvou a todos nós.*” (mãe n. 12).

Se houve unanimidade em tratar da ressurreição de Jesus, bem diferente foi o discurso sobre a ressurreição dos mortos. O DSC demonstra um emaranhado de conceitos que não torna claro o real sentido da ressurreição dos mortos na fé cristã. Observou-se a existência de esperança, porém é evidente a falta de entendimento acerca do que a fé cristã crê e ensina.

a) Só a alma ressuscitará

DSC: “*Nossa alma vai para Deus. Nosso corpo é que fica aqui, porque aqui é somente uma passagem.* (mãe n. 2). *Nossa alma ressuscitará. Acho que o corpo é importante só para esse mundo. Nosso corpo não ressuscitará.* (mãe n. 3). *É a nossa alma que vive junto de Deus. No céu não precisaremos de um novo corpo.* (mãe n. 11). *A Igreja diz hoje que se ressuscita de corpo e alma, mas acho que só nosso espírito ressuscita. Vamos ter um corpo glorioso, diz a Igreja, mas é difícil entender.*” (mãe n. 10).

Verificou-se no DSC a fé na ressurreição como vida nova em Deus. Essa resposta, evidentemente, está de acordo com a fé cristã, pois o símbolo da ressurreição dos mortos pretende exprimir uma vida qualitativamente nova, que não conhece mais a morte e não pode ser nem mesmo o prosseguimento desta vida mortal.²⁶¹ A corporeidade, nesse sentido, não é apenas uma condição provisória, mas meio e fim em que se atualiza toda a salvação em sua plenitude.²⁶² No entanto, aparece a questão de que apenas a alma ressuscitará, dando ênfase à concepção da tradição filosófica platônica de separação do corpo e da alma, pois que, através da morte, a alma é libertada de sua prisão, no caso, o corpo. Por isso, no conceito de ressurreição,

²⁶⁰ Cf. CARDEDAL, O. D. *Raiz de la esperanza*, p. 501.

²⁶¹ Cf. BRUSTOLIN, L. A. *Quando Cristo vem: A Parusia na Escatologia cristã*, p. 93.

²⁶² Cf. ALMEIDA, E. F. *Do viver apático ao viver simpático: sofrimento e morte*, p. 9.

entende-se normalmente a ressurreição da alma, como no relato: “*Nossa alma ressuscitará. Acho que o corpo é importante para esse mundo. Nosso corpo não ressuscitará.*” (mãe n. 3).

Apenas duas das mães entrevistadas, de confissão não católica, demonstraram maior clareza acerca do ensinamento cristão sobre a ressurreição: “*Como diz a Bíblia nosso corpo vai ressuscitar também, teremos um corpo celeste. Esse grande dia é o dia da vinda de Jesus Cristo. Só que ninguém sabe quando ele vai vir. Para isso temos que esperar o Reino novo que Jesus vem fazer no fim do mundo. A gente fica com Deus aguardando o dia da ressurreição, que é o fim deste mundo.*” (mãe n. 3).

Enfim, se constatou que a fé na ressurreição dos mortos é algo que suscita pouca esperança nas mães, pela falta de esclarecimento, porque vários aspectos como a corporeidade e a totalidade do ser ainda não fazem parte do entendimento da maioria das mães cristãs desta pesquisa, assim como a questão da Parusia, ou do fim dos tempos.²⁶³ No que se refere à *ressurreição na morte*, nenhuma entrevistada demonstrou ter fé nessa possibilidade.

b) O reencontro

DSC: “*Isso me ajuda muito. Não imagino como vai ser mas sei que vou reencontrar eles.*” (mãe n. 2). *A Igreja é que foi me ensinando.* (mãe n. 12). *Isso me ajuda a continuar, a ter esperanças.* (mãe n. 11). *Sei que a minha menina vai correr para os meus braços (choro).*” (mãe n. 8).

Na *esperança do reencontro com o filho morto*, foi possível observar uma grande esperança e auxílio na resiliência no discurso das mães entrevistadas. As falas reiteram esse desejo manifestado de forma totalmente antropocêntrica, ou seja, manifestações relacionadas ao vínculo, ao apego materno como o desejo do abraço, do falar, do realizar certas tarefas inacabadas, conforme termo usado por Kübler-Ross. Esse reencontro com o filho perdido ameniza, mesmo que de modo leve, o sofrimento diante da hipótese de *nunca mais* encontrá-lo.

²⁶³ Segundo Brustolin, que estudou o teólogo alemão Moltmann, apesar das diversas vozes sobre o estudo da Parusia de Cristo, a reflexão realizada por Moltmann é a mais aceita. O teólogo alemão ressalta que, para resgatar a esperança cristã na Parusia, é necessário retomar o seu horizonte na dimensão cristológica, ou seja, no futuro de Cristo, da história e do mundo. Isso porque se deu muita ênfase à Escatologia presênica, ou seja, o culto e o sacramento foram consolidando a ideia de uma presença epifânica do Jesus que sempre está em cada celebração, amenizando-se então, o sentido da súplica do *Maranathá* (Cf. BRUSTOLIN, L. A. *Quando Cristo vem: A Parusia na Escatologia cristã*, p. 79-80. Também Cf. BRAKEMEIER, G. *Reino de Deus e esperança apocalíptica*, p. 8).

Como se lê em Moltmann, se Cristo recapitulará todas as coisas, nada se lhe perderá do quanto aqui não se pôde reter. Isso quer dizer que o que se tiver amado e dele sentido falta, retornará em seu futuro através de Cristo. O teólogo considera bastante consoladora essa esperança, pois ela dispõe o enlutado ao desapego daquilo que se quer reter, proporcionando-lhe a força necessária para conviver com a dor da separação. A separação dos entes queridos e a solidão de amor experimentada não são o fim, pois essas não são as últimas coisas.²⁶⁴

Como foi observado na categoria sobre as lembranças do funeral do filho, a questão do reencontro é a parte do Ritual de exéquias que mais consolam as mães. Na oração da despedida, reza-se: “Abri para ele(a) as portas do paraíso; e nós, que aqui ficamos, consolai-nos com a certeza de que um dia nos encontraremos todos em vossa casa.”²⁶⁵ Devido ao sofrimento que vivenciam no momento, percebe-se que o desejo de reencontrar o filho perdido se torna quase o objetivo primeiro para chegar a Deus. É possível perceber a continuidade do vínculo materno e o instinto de cuidar do filho através dessa esperança no reencontro. Para Franco, a mãe tem para com o filho uma constante necessidade de cuidado que permanece por muito tempo mesmo após a morte dele.²⁶⁶ Nessa questão, entra a grande angústia de saber (não saber) se o filho está feliz, mesmo mediante a fé de que ele esteja com Deus. “*Eu acredito que vou reencontrar meu filho. Quando eu partir daqui, vou direto me abraçar com ele no Céu.* (mãe n. 6). *Sei que a minha menina vai correr para os meus braços (choro).*” (mãe n. 8).

Observou-se uma esperança mais antropocêntrica do que cristocêntrica, mesmo nas mães em que o processo de luto está chegando à elaboração, porém se constata que auxiliar no consolo, é um, meio de resiliência.

c) Dúvidas

DSC: “*Acho que não. Nosso corpo tenho dúvidas, não entendo quando se diz creio na ressurreição da carne.* (mãe n. 15). *Não acredito, ou melhor não sei. Acho que Jesus já ressuscitou por nós.* (mãe n. 17). *Acredito em Deus, mas não sei se tem outro lugar para a gente ir.*” (mãe n. 9).

A questão de ter *dúvidas ou não crer na ressurreição dos mortos* poderia causar estranhamento aos cristãos. Como duvidar da própria ressurreição, sendo essa fundamental para

²⁶⁴ Cf. MOLTSMANN, J. *No fim, o início*: breve tratado sobre a esperança, p. 124-127.

²⁶⁵ CNBB. SACRAMENTÁRIO. Edição típica em tradução portuguesa para o Brasil, p. 145.

²⁶⁶ Cf. FRANCO, M. H. *Estudos avançados sobre o luto*, p. 84.

quem acredita em Cristo? No entanto, constatou-se, nos casos cujas respostas negativas emergiram, que não se trata exatamente de uma falta de fé, mas de um mal-entendimento.

O DSC nesse tema apresenta mais dúvidas do que uma concreta falta de fé. A ressurreição de Cristo para algumas pessoas é algo isolado, divino. Outras pessoas querem crer na vida eterna, mas têm dúvidas sobre a ressurreição. Como resolver essa confusão? Esse é o questionamento que a Teologia deve fazer para auxiliar a dar razões à fé e à esperança, necessitando resgatar, dentro do próprio cristianismo, a clareza e o alicerce da fé. Um relato clarifica a questão abordada: “*Não sei o que quer dizer ressurreição dos mortos.*” (mãe n. 7).

3.2.7 Fé em Deus como esperança

O DSC revela que o grande agente de resiliência das mães enlutadas é a fé em Deus. Fé voltada para uma experiência de transcendência, de confiar em alguém, que pode aliviar o sofrimento quase impossível de aguentar: “*Rezo sempre, se estou bem ou mal.* (mãe n.1). *Coloco tudo nas mãos de Deus ele me dá força.*(mãe n. 3). *Sempre me apeguei em Deus.* (mãe n. 6). *Eu não tenho nada. Só a fé em Deus.* (mãe n. 7). *Minha esperança sempre está em Deus.* (mãe n. 16). *Sei que Deus me carrega no colo em todos os momentos difíceis.* (mãe n. 11). *Diria para todas as mães que rezar conforma o coração da gente.* (mãe n. 13). *Sem Deus, sem Jesus acho que não suportaria.*” (mãe n. 17).

A vida concreta é transcendida por meio de significados que lhe são atribuídos, tais como: vida como presente de Deus, por exemplo, ou como lugar em que a pessoa é posta à prova ou mesmo abençoada e protegida. Essa proximidade entre o vigor da fé e a espiritualidade remete para a *dynamis* presente na respiração humana, força essa que remonta diretamente à atuação criadora e preservadora da vida por parte de Deus.²⁶⁷

O psiquiatra Frankl²⁶⁸ afirma que o homem religioso é capaz de assumir a sua vida como uma missão cumprida. Esse seria o homem *religiosus*, o homem que foi capaz, segundo Frankl, de completar a dinâmica ontológica. Nesse sentido, a experiência religiosa se torna

²⁶⁷ Cf. ROSER, T. Aconselhamento diante da morte e suas implicações para a competência pastoral. In: HOCH, L. C.; WONDRACEK, K. H. K. (Orgs.). *Bioética: avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar: do início ao crepúsculo da vida: esperanças e temores.* São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 61-76.

²⁶⁸ Frankl passou por quatro campos de concentração entre 1942 e 1945, inclusive os de Theresin e Auschwitz, onde perdeu seus pais, sua esposa grávida e seu irmão. (Cf. FRANKL, V. *Um sentido para a vida*).

importante na busca de uma vida plena de sentido, mesmo no sofrimento.²⁶⁹ O relato do DSC auxilia na compreensão: “*Num primeiro momento se fica sem rumo, mas se precisa reencontrar o sentido da vida principalmente com a fé.*” (mãe n. 5).

Para Fowler,²⁷⁰ a fé é uma postura existencial dinâmica que molda as ações e reações do indivíduo em face do mundo.²⁷¹ Então, é a fé que vai ajudar a formar as iniciativas e respostas, nortear e orientar as interpretações, ou seja, a fé torna-se integrante do caráter da pessoa, revelando sua influência diante da perda de alguém amado.

Nesse sentido, as práticas religiosas e a confiança em Deus são fortes propiciadoras de resiliência, entretanto, elas se tornam mais significativas se forem vividas na fraternidade da Igreja que deve buscar ser comunidade terapêutica,²⁷² como este relato apresenta: “*Sem dúvida a fé é o meu suporte. Passamos a ir mais na igreja e nos faz muito bem, nos alivia, sentimos a força de Deus.*” (mãe n. 13).

Ao ser questionada como as religiões e fé influenciam no processo de resiliência, Rocca Larrosa se posiciona: As religiões sempre tentaram dar uma resposta, uma interpretação aos limites, um sentido para poder lidar *com* e superar *as* situações adversas: escassez, catástrofes, carências ou sofrimentos diante do sentimento de desvalimento, de desproteção e de necessidade de ajuda que o ser humano tem diante do sofrimento. A crença em um ser superior, ou em vários, constitui uma força de sustentação, recuperação e de proteção e atinge a solidão interior de quem padece a dor, motivando um vínculo com um *outro* transcendente com quem se pode contar e se sentir seguro. Esse *poder contar* com o ser superior e sua presença é um pilar fundamental para o consolo, especialmente diante de situações difíceis: pobreza, violência, morte e luto.²⁷³

²⁶⁹ Cf. FRANKL, V. *A presença ignorada de Deus*, p. 87-94.

²⁷⁰ Dr. James W. Fowler é professor de Teologia e Desenvolvimento Humano na *Emory University*, é diretor do Centro de Pesquisa na Fé e Desenvolvimento da Moral e do Centro para a Ética do qual se retirou em 2005. Ele é bastante conhecido pelo seu livro *Estágios da fé* publicado em 1981, no qual ele trabalha a ideia do processo de desenvolvimento da fé. Os estágios da fé estão na linha de pensamento de Jean Piaget na teoria do desenvolvimento cognitivo e Lawrence Kohlberg, nos estágios do desenvolvimento moral.

²⁷¹ Cf. FOWLER, J. *Estágios da fé*, p. 82-85.

²⁷² Cf. OLIVEIRA, R. K. O longo processo do luto. *Psicoteologia*, ano XXI, n. 48, p. 5-12, 2011.

²⁷³ Cf. ROCCA LARROSA, S. M. Resiliência. Elo e sentido. *IHU online. Revista do Instituto Humanitas*, São Leopoldo: Editora da UNISINOS, ed. 241, p. 17-21, 29 out. 2007.

3.3 A INTERFACE DA PSICOLOGIA COM A TEOLOGIA PRÁTICA

A despersonalização e a desrealização comentadas pelas mães enlutadas remetem à cena do *Getsêmani*, em que, diante da agonia e do desespero de perder o mestre, os discípulos dormem. Moltmann relembra que a inconsciência e o sono sem esperança são a reação dos discípulos. Isso é o que acontece quando as pessoas sentem-se completamente em perigo, sem saída, ou seja, sentem-se anestesiadas. Não é um sono reparador, mas um entorpecimento mórbido dos sentidos: de olhos abertos, nada se vê; de ouvidos atentos, nada se ouve, passa-se ao estado de rigidez, apesar de corpo estar ativo.²⁷⁴ Essas reações igualmente foram relatadas pelas mães entrevistadas como aparece no DSC das depoentes.

A citação do *Livro de Jó* lembra a importância silenciosa dos amigos diante do sofrimento: “Ninguém lhe disse uma palavra, pois viam como era grande o seu sofrimento” (*Jó* 2,13). Os depoimentos mostraram a importância da presença e do abraço dos amigos. Poucas palavras boas e significativas foram lembradas, porque não é preciso ter sempre uma palavra final nem todas as explicações, porque se correria o risco de se dar respostas medíocres e reducionistas. O relato ilustra tal situação: “*Se ouve muita coisa que não significa nada naquela hora, que, desculpe, mas é até bobagem. Então não marca, não ajuda.*” (mãe n. 19). Por isso, diante do mistério, consola o calar. Não que o falar não seja importante, porém, como vem sendo analisado, esse pode ficar para outro momento.

O abraço como consolo foi mencionado unanimemente pelas mães enlutadas. O contato físico tem poder de comunicar muitas coisas. Implica comunhão, permite fazer a experiência de romper a couraça dentro da qual a pessoa pode se esconder e se isolar. Ao abraçar, se acolhe a fragilidade do *outro*, permite que ele descarregue fortes emoções.²⁷⁵ É, sem dúvida, a grande satisfação da proximidade e a reconfortante comunhão do não estar só em sua dor. Quando São Paulo convida a “chorar com os que choram” (Cf. *Rm* 12,15), o faz também exortando-os a serem humildes, como se estivessem definindo com palavras da época, o significado da empatia e da afinidade. As lágrimas são como palavras, mesmo que não sejam pronunciadas; amparar quem chora é acolher. Partilhar a dor liberta e alivia o peso do sofrimento, como no desabafo a seguir:

²⁷⁴ Cf. MOLTSMANN, J. *No fim, o início*: breve tratado sobre a esperança, p. 103.

²⁷⁵ Cf. BERMEJO, J. C. *Estou de luto*: reconhecer a dor para recuperar a esperança, p. 55.

Nunca mais vou me esquecer, que o bispo olhou meus três filhos no caixão, me abraçou, disse que não tinha o que explicar e chorou. Isso me consolou muito. Vi que não tinha resposta mesmo para tudo aquilo. Ainda vou agradecer-lo por aquele gesto, porque na hora tudo é muito confuso. (mãe n. 2).²⁷⁶

Cardedal entende que, a esperança culmina na confiança que se faz oração, na oferta de si mesmo e na paz de quem acredita em Deus e na sua misericórdia, mesmo com o coração angustiado e ferido. Quem crê e espera em Deus encontra consolo. O cristão invoca, pela fé: “Em tuas mãos, Senhor está meu destino.” (Cf. *Sl* 30, 16).²⁷⁷ Os relatos desse tema mostram que as orações acalmavam as mães, porque toda mãe quer ver seu filho bem e, segundo as entrevistas, as orações falavam que os filhos iriam ficar bem porque estariam perto de Deus.

A Teologia ressalta que ressignificar a morte de quem é amado é assumir sua despedida, é entregá-lo a quem é mais forte do que a morte: Deus.²⁷⁸ Embora isso aconteça em meio a muito sofrimento e confusão emocional, constatou-se, no discurso coletivo, que essas mães sentiam maior amparo, enquanto as mães revoltadas contra Deus ou sem fé centralizavam sua atenção na perda do filho e na revolta em si, encontrando menos consolo: “*Lembro muito dos colegas chorando e o que diziam sobre ele. Nenhuma oração me consolava porque estava com raiva de Deus.*” (mãe n. 9). Observou-se nesses relatos que o processo de luto tornou-se complicado, principalmente pela rigidez de comportamento e no temperamento dessas mães, originando grande fechamento em relação a qualquer contato social, não encontrando possibilidade de esperança.

Para Moltmann, no momento da perda, a gratidão mantém a comunhão com as pessoas queridas, deixando livre a pessoa morta; isso significa uma *flexibilidade* mesmo no terrível sofrimento da morte, porque, na linguagem da fé, as pessoas amadas podem ser confiadas ao dom do amor, que é Deus, quando a morte chega. Percebeu-se que as mães, conforme o entendimento de Moltmann, sentiram o consolo dessa entrega a Deus. Refere uma mãe que perdeu seus dois filhos: “*Entreguei eles a Deus. Me apeguei ainda mais em Deus com este sofrimento.*” (mãe n. 2). Cabe salientar que essa entrega a Deus não significa um conformismo com *Deus quis assim*. Conforme Moltmann, a consolação no luto deve-se à certeza de que o falecido está amparado por Deus, mas para isso é preciso entender Deus como amor eterno,

²⁷⁶ Relato da mãe entrevistada, n. 2.

²⁷⁷ Cf. CARDEDAL, O. D. *Raiz de la esperanza*, p. 244-245.

²⁷⁸ Cf. ORTEGA, J. L. C. *Sobre la muerte y el morir*, p. 159.

não como um poder celeste insensível e indiferente.²⁷⁹ Somente, então, se torna possível ter a certeza de que a própria aflição também é a aflição de Deus e de que, na dor, também está presente uma dor divina. Esse entendimento tornou-se difícil para algumas das mães, num primeiro momento, perante o sofrimento e a morte injusta.

Kübler-Ross assim escreveu: a morte e a perda fazem as pessoas, paradoxalmente, mais completas. “Ela [a morte] ajuda a maneira de entendermos os outros. Ela nos liga uns aos outros de um jeito que nenhuma lição de vida é capaz de fazer. Quando somos unidos pela experiência da perda, nós nos tornamos mais solidários, generosos e sensíveis.”²⁸⁰

3.4 O CUIDADO DEDICADO AOS ENLUTADOS

Certamente não é fácil *aproximar-se* de alguém que sofre a dor do luto. Tem-se medo de não dar conta da missão de consolar. Muitas pessoas dizem que se sentem inseguras para se aproximar de alguém que sofre tamanha dor. As causas desse medo, possivelmente, sejam as próprias perguntas que fazemos sobre a morte. O confronto pessoal com a finitude da vida e o sentimento de impotência diante da morte e até mesmo as próprias experiências de perdas vêm à tona com o sofrimento do *outro*. Por isso, se devido à própria angústia de quem escuta, esse não se sentir capaz de responder ou somente ouvir, é fundamental não dizer à mãe enlutada coisas, como: *Deixe de pensar nisso agora, esqueça seu filho um pouco, pense em você*, pois isso significa negar sua preocupação e invalidar o sentimento dessa mãe. Por isso, *aproximar-se* (como Jesus se tornou próximo dos discípulos de Emaús) é o grande passo necessário ao verdadeiro aconselhamento pastoral: “*O pastor e as pessoas da Igreja me confortaram, iam lá em casa, às vezes, rezar comigo. Esses dias eram sempre melhores que os outros.*” (mãe n. 14).

O *Aconselhamento Pastoral* não implica dar conselhos, mas, sim, acompanhar, ser parceiro, companheiro de caminhada. Significa acompanhar a pessoa que sofre o quanto for necessário.²⁸¹ Sentimentos de pesar e luto fazem parte de todas as importantes mudanças,

²⁷⁹ Cf. MOLTSMANN, J. *No fim, o início*: breve tratado sobre a esperança, p. 156-159.

²⁸⁰ KÜBLER-ROSS, E.; KESSLER, D. *Os segredos da vida*, p. 78.

²⁸¹ Cf. OLIVEIRA, R. M. Transformação na dor: lidando com perdas e lutos em família. In: KOHL, M. W.; BARRO, A. C. *Aconselhamento cristão transformador*. Londrina: Descoberta, 2006, p. 146.

transições e crises da vida. O papel do Aconselhamento Pastoral, segundo Clinebell, é dar suporte e recursos para o enfrentamento, para que a pessoa receba ajuda no sentido de examinar a realidade e de planejar novas formas eficazes de viver determinada situação. Em muitos casos, faz-se necessário encaminhar as pessoas cuja vida tenha sido tão despedaçada a psicoterapeutas, que têm o tempo e o treinamento necessários para fazer a psicoterapia reconstrutiva que esses casos exigem.²⁸²

Moltmann destaca que, sempre é necessário um acompanhamento, e o melhor é poder contar com uma comunidade estável, até que o enlutado chegue a aceitar a realidade da morte do ente querido, sem que seja reprimido em sua dor, de modo que, em seu desconsolo, possa ser consolado e, com o ânimo recobrado, possa manter presente a pessoa que perdeu. Moltmann escreve que não há nada que possa substituir a ausência de uma pessoa querida e que não se deve tentar isso; simplesmente é preciso suportar e aguentar. Isso parece duro, mas é, porém, um grande consolo, pois permanecendo aberta a lacuna, por meio dela, permaneceremos unidos a quem amamos.²⁸³

Faz parte do Aconselhamento Pastoral o respeito aos sentimentos desencadeados no sofredor, o que foi mencionado na seção em que o luto foi abordado. A pessoa doente ou enlutada, na maioria dos casos, não espera respostas, porque sabe que não irá encontrá-las, mas, apenas, pretende fazer um desabafo em forma de perguntas: *Por que eu? Por que na minha família?*²⁸⁴ Schipani lembra que as contribuições da Psicologia são essenciais para o aconselhador pastoral, seja quanto ao conteúdo, seja quanto ao processo. É, portanto, fundamental integrar as contribuições psicológicas e teológicas: respeitar a integridade da Psicologia como ciência humana que fornece uma leitura distinta de cada situação; manter leituras diversas e complementares para um conhecimento mais completo; e garantir a prioridade conceitual da Teologia. Assim, o Aconselhamento Pastoral, diferentemente de uma psicoterapia, buscará, além das contribuições indispensáveis das ciências, estar adequado aos padrões e valores da vida abundante que Deus revela graciosamente às pessoas, fazendo desse aconselhamento um eficaz auxílio a quem sofreu a perda.²⁸⁵ O cristão pode, então, se tornar resiliente através do

²⁸² Cf. CLINEBELL, H. J. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*, p. 178-183.

²⁸³ Cf. MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança*, p. 332-338.

²⁸⁴ Cf. PESSINI, L. *Espiritualidade e arte de cuidar: o sentido da fé para a saúde*, p. 133.

²⁸⁵ Cf. SCHIPANI, D. S. *O caminho da sabedoria no Aconselhamento Pastoral*, p. 116.

amor incondicional de Deus que se revelou em seu Filho Jesus Cristo. “É também através desse amor que Deus se torna o maior e mais legítimo tutor de resiliência dos seres humanos.”²⁸⁶

Diz Moltmann que, as pessoas que fazem o acompanhamento ajudam os enlutados apoiando-os e, acima de tudo, ouvindo-os. Por isso, a questão maior não é *como posso ajudar e o que devo dizer?* A questão fundamental é *o que ele ou ela quer partilhar comigo?* Na escuta recíproca, surge, então, um diálogo diante da morte e com a dor do luto.²⁸⁷ Os enlutados necessitam compreender que a comunhão com as pessoas queridas não precisa ser rompida, mas transformada, sem ter que esquecer-las. Hoch salienta a fundamental importância da Igreja em estabelecer contato com os enlutados após o sepultamento, pois a dor da perda normalmente irá se manifestar de modo intenso dias após a morte do ente querido, trazendo, como já visto nesta pesquisa, sentimentos de vazio e desamparo.²⁸⁸ Principalmente nesse momento, faz-se necessário o Aconselhamento Pastoral.²⁸⁹ A escuta sensível dos aconselhadores constitui um importante elemento para a resiliência, principalmente no respeito e no cuidado para com quem está enlutado.²⁹⁰

O serviço da Igreja, no processo de luto, não deve ser compreendido apenas em termos clericais, mas consiste em que, simplesmente, a comunidade de Cristo perceba-se como cuidadora dos enlutados, empenhando-se em ouvi-los e acolhê-los.²⁹¹

A pessoa enlutada, normalmente, se sente um incômodo para as outras pessoas, pois acha que sua tristeza atrapalha. Algumas sugestões podem auxiliar o trabalho do conselheiro pastoral:

²⁸⁶ HEIMANN, T. Fortalecendo imunidades: resiliência em hospitais. In: HOCH, L.C.; ROCCA LARROSA, S. M. *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 129.

²⁸⁷ Cf. MOLTSMANN, J. *No fim, o início: breve tratado sobre a esperança*, p. 153-154.

²⁸⁸ Recordam-se aqui as reações ao luto vistas na seção anterior. Essas reações podem ser de raiva, culpa, grande tristeza e solidão, entre outras.

²⁸⁹ Cf. HOCH, L. C. “As minhas lágrimas têm sido o meu alimento:” desafios pastorais no trabalho com enlutados. In: HOCH, L. C.; HEIMANN, T. *Aconselhamento pastoral e espiritualidade. Anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p. 66.

²⁹⁰ Cf. OLIVEIRA, R. K. de. *Implicações para as relações de cuidado*. In: HOCH, L. C.; ROCCA LARROSA, S. M. *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 28.

²⁹¹ Cf. MOLTSMANN, J. *A vinda de Deus: Escatologia cristã*, p. 145-146.

- *Manifestar acolhimento e disponibilidade:* colocar-se à disposição para escutar, prestando atenção no que a pessoa tem a dizer.
- *Observar o estágio do luto:* em vários casos, a pessoa não quer falar, quer ficar quieta. É importante colocar-se à disposição sem invadir o sofrimento do outro. Nesses casos, visitas curtas ou um telefonema rápido auxiliam e manifestam respeito.
- *Ter respeito incondicional:* permitir que a pessoa chore e desabafe da maneira que desejar sem sentir-se julgada ou criticada.
- *Evitar fazer comparações:* em muitos casos, para consolar, compara-se um caso a outro. A pessoa enlutada precisa ser tratada com individualidade.
- *Evitar certas falas que nada significam:* *tudo é vontade de Deus; você tem que mostrar que é forte, coragem; tinha que ser assim; você tem que se ajudar.*
- *Preparar-se para suportar o sofrimento da pessoa enlutada:* as expressões citadas acima são ditas justamente porque se quer amenizar o próprio desconforto perante o sofrimento do *outro*. É preciso dar suporte. Pode-se dizer: *estou aqui com você, respeito o modo como se sente; estou aqui, vim lhe fazer uma visita; também não sei a razão de tudo isso.*
- *Disponibilizar-se para propiciar ajudas práticas:* após o funeral, muitos procedimentos devem ser tomados, e a pessoa enlutada, às vezes, ainda em choque ou transtornada, necessita de auxílio, como providenciar alguns papéis ou auxiliar em algumas tarefas rotineiras.
- *Possibilitar no tempo oportuno, a autonomia:* a pessoa enlutada, no decorrer do processo, deverá ir tornando-se independente do conselheiro, retomando seus afazeres e atividades.

Enfim, a comunidade cristã contradiz a cultura do narcisismo, reconhecendo e respeitando o sofrimento dos enlutados e, ao mesmo tempo, contrapondo a esperança da ressurreição à experiência do renascimento para a vida.

3.5 BREVE CONCLUSÃO

Ao término desta pesquisa de campo, pode-se concluir que o sofrimento que acomete uma mãe pela perda do filho é uma experiência complexa e profunda, sendo impossível ouvir tais relatos sem se sensibilizar mediante tal dor. Constataram-se muitas reações e sentimentos estudados na revisão bibliográfica, o que ratifica a importância do conhecimento e da compreensão dos mesmos para um efetivo auxílio a quem está em processo de luto, como visto nas categorias discutidas.

Foi possível perceber que, apesar das fases que a morte e o luto provocam, vários são os fatores que auxiliam na resiliência, como as práticas religiosas, o aconselhamento, a presença dos amigos, a esperança no reencontro com o filho *no céu* e a fé em Deus.

Apenas três mães entrevistadas tiveram acesso a tratamento psicológico, por se tratar de um grupo com características sociais desprivilegiadas, sendo que uma mãe é moradora de rua. Apesar do sofrimento pela morte do filho, as demais perdas e a escassez de recursos na vida cotidiana tornaram essas mães capazes de buscar de um sentido para continuar vivendo e acreditando em Deus.

No grupo pesquisado, por exemplo, nenhuma mãe mencionou tentativa de suicídio. Pode-se afirmar que um grande pilar de resiliência são a experiência e a história de vida, apesar das necessidades básicas serem insuficientemente atendidas.

Apesar da vulnerabilidade em que se apresenta, o grupo de mães mostrou-se resiliente, mesmo não contando com o esclarecimento teológico da fé cristã na complexidade da ressurreição. A fé mostra-se, nesse grupo, na esperança em Deus. Nesse caso, o auxílio de pessoas das diversas confissões religiosas, seja para aconselhamento seja para, orações e escuta, representou significativo apoio às mães enlutadas auxiliando-as na resiliência.

As mães com uma prática religiosa efetiva demonstraram maior firmeza e segurança nas respostas relacionadas à vida eterna em comparação com as não praticantes. Foi notável a angústia das mães devido ao suicídio de seus filhos.

Mesmo diante de tantas perdas e vulnerabilidades, é evidente a capacidade de resiliência nesse grupo, embora o sofrimento pela perda do filho seja descrito como a maior dor já vivida pelas mães.

Embora ainda parem várias dúvidas sobre a ressurreição, as entrevistadas não acreditam na reencarnação, que é uma crença vista como contraditória pelo cristianismo. Não obstante, percebeu-se que as mães do grupo em condição social mais elevada mostraram-se mais questionadoras da fé e com uma revolta maior com Deus, com as pessoas e consigo mesmas, como abordado na discussão das categorias.

Cardedal, entretanto, alerta que, na contemporaneidade, existem pessoas que creem em Deus sem esperar dele a vida eterna.²⁹² Por isso, essa fé em Deus necessita voltar-se de maneira mais eficaz aos ensinamentos cristãos sobre a ressurreição para tornar-se agente ainda maior de resiliência diante do sofrimento causado pela morte.

²⁹² Cf. CARDEDAL, O. *Raiz de la esperanza*, p. 506.

CONCLUSÃO

A morte e o que vem após ela sempre serão um assunto inesgotável, instigante e, para muitos, assustador. A fé cristã está voltada à ressurreição e à vitória de Cristo. Através desta investigação foi possível conhecer as concepções de morte, o processo do luto e o que a fé cristã ensina sobre a morte e a ressurreição. Os referenciais teológico e psicológico trouxeram fundamentação e entendimento para a pesquisa de campo realizada com mães enlutadas. O sobrevivente da morte, a mãe nesse caso, tem tarefas difíceis a realizar: reconhecer a perda fatal e irreversível do filho e suportar a dor que isso lhe causa. Pela *aceitação* dessa dor poderá resilir, ganhar forças para reestruturar a vida.

A Psicologia está atenta e observa que algumas mães conseguem elaborar a perda em um período de tempo relativamente curto, pois retomam as suas atividades e voltam ao convívio social, mesmo com grande sofrimento. Outras, ao contrário, encontram muitas dificuldades para resgatar o contato com a realidade, tendendo ao isolamento e à revolta. Isso acontece de acordo com a estrutura psicológica da mãe, com sua capacidade de lidar com perdas, com aspectos específicos e traços da personalidade e, sobretudo, com a questão cultural, que influencia as famílias enlutadas. São inúmeras as diferenças culturais, e essas não podem ser ignoradas, porque se baseiam em práticas e crenças relacionadas à morte e ao morrer e se expressam em ações nos âmbitos social, religioso e familiar.

O objetivo deste estudo teve como foco a pergunta fundamental sobre a fé cristã na ressurreição como resiliência para o luto, o que desafia o ser humano para algumas reflexões importantes.

Atualmente, evita-se falar da morte para ignorar o problema que ela constitui. O ser humano contemporâneo avançou em muitas áreas, mas, na questão do fim da vida, é incapaz de afrontar o problema como em outras épocas o fazia. O seu silêncio, as suas superstições e os seus medos expressam ansiedade diante da possibilidade de morrer. No próprio cristianis-

mo, esse é um tema que perdeu profundamente sua tensão escatológica florescente na Igreja Primitiva. Para os cristãos, esse exorcismo da morte provoca outro problema de fundo teológico, pois sobrevivem no imaginário de muitos cristãos as representações mitológicas sobre o além, caracterizadas pela confusão de épocas e doutrinas que confluíram distantes do ensinamento bíblico e da tradição cristã.

Os trechos bíblicos sobre a vida eterna e a própria compreensão da ressurreição dos mortos são repetidos nas catequeses e nas celebrações, mas sem muito efeito sobre o crer e o esperar de quem está enlutado. Há, então, um desnível significativo entre as verdades cristãs oficiais sobre a esperança após a morte e as convicções e posturas de cada crente. Nesse caso, não se trata apenas de um problema de conteúdo, mas, também, de *práxis*, pois os cristãos deveriam se distinguir pela esperança, o que, em muitos casos, não acontece.

A esperança que se encontra em face da morte e da perda de alguém não pode ter somente fundamento nas possibilidades do próprio ser humano e de suas habilidades. Entre as 20 mães entrevistadas, 16 vivem em situação de vulnerabilidade e pobreza, necessitando de assistência para a própria sobrevivência. Ante uma grande limitação, só se pode esperar contando com *outro*: Deus. Essa confiança foi algo marcante em 18 das mães depoentes. Elas relataram sentir a força e o auxílio de Deus para conseguirem suportar o sofrimento. Caso contrário, paralisam nas perguntas que não terão respostas: *Por que aconteceu comigo? O que fiz para merecer isto?*

A Teologia alerta para o secularismo, ou seja, as pessoas não perguntam mais à Igreja sobre suas dúvidas, mas buscam respostas em práticas não cristãs ou esotéricas na tentativa de encontrar respostas que, em muitos casos, não existem e nem da maneira desejada. É possível a constatação desse fenômeno religioso na contemporaneidade, visto que as pessoas escolhem, conforme sua conveniência e necessidades pessoais, seus valores religiosos e espirituais para enfrentar situações difíceis no cotidiano. Porém, a questão fundamental não é saber se existe Deus, mas, sim, saber quem ele é. E só se sabe de Deus pela sua ação misericordiosa em favor do homem através de Jesus.

A fé na ressurreição de Jesus tira os discípulos do luto da morte do mestre, fazendo-os testemunhas considerando os relatos acerca das aparições, e não meros espectadores, mas participantes de um evento desencadeador da missão. Deus exerce seu poder, mostrando sua fidelidade divina ao Filho e a todos os seres humanos. Por isso, a fé na ressurreição oferece esperança para quem sofre a dor da morte. A certeza de que Deus mantém sua palavra, que é fiel, aparece na ressurreição de Cristo, e, assim, se Deus tem o poder de dar vida aos mortos,

aumentam as possibilidades de que sua promessa realmente se cumprirá, ou seja, pelo fato de ter ressuscitado Jesus dos mortos, existe a certeza do cumprimento da promessa de Deus.

Nas falas, aparece intensamente a fé em Deus, mas há falta de esclarecimento sobre Jesus, a ressurreição dos mortos e a vida eterna. Em linhas gerais, fala-se na esperança do filho *estar com Deus* e *se encontrar no céu*. Evidentemente, essa esperança é um agente de resiliência, porém, a fé na ressurreição dos mortos aparece incompleta, é pouco mencionada, perdendo seu potencial de resiliência que poderia dar maior suporte ao enlutado. O cristianismo vive a comunhão com Cristo, que não é um retorno a outros corpos, outras vidas e, quando essa vida chega ao fim, o ser humano é chamado a viver a plenitude dessa comunhão: a ressurreição dos mortos.

A ressurreição dos mortos não é anônima ou impessoal, mas se refere à identidade dos mortos que ressuscitam. Deus continua mantendo o diálogo com o ser humano, permanecendo na relação amorosa com a pessoa na sua individualidade. Nesse sentido, a ressurreição da carne dá identidade a quem ressuscita. A ressurreição é esperança e pode formar uma alternativa antropológica para tempos de tantas mudanças. Vive-se uma época de crise de esperança, de apatia e de supervalorização *do aqui e agora*. Muitos cristãos não se sentem evangelizados e, com isso, comprometidos com a fé, o que se observou no relato de mães que dizem crer em Deus, mas que não praticam a religião.

Conclui-se que dois desafios circulam em torno da resiliência diante do luto partindo da fé cristã: o primeiro consiste em que a catequese seja capaz de apresentar e aprofundar a fé na ressurreição como eixo de vida; e o segundo é a necessidade de aprimorar a prática do Aconselhamento Pastoral no tocante ao caráter interdisciplinar.

O primeiro desafio consiste em aceitar que, com a morte, não acaba a vida, mas que, através da ressurreição, se viverá corporalmente de outro modo em Deus. Essa verdade o cristão precisa aprofundar para saber que a morte não é o fim da identidade pessoal do ser amado, mas que ele poderá alcançar um *corpo de glória*. Quando se falava sobre isso com as mães, elas manifestavam que sentiram paz e ainda mais consolo no luto, mencionando o desejo de saber e compreender melhor a fé cristã.

Pensar somente na importância da alma para a liberdade verdadeira, vendo o corpo como aquele que aprisiona a alma, é esquecer que o corpo é o registro histórico da existência que marca, define e determina a vida. Ele também, no entanto, deverá ser glorificado na Parusia. Assim, ressuscitar para a vida eterna significa que para Deus nada se perde. Observou-se

no DSC da maioria das integrantes do grupo entrevistado que a fé na vida eterna é referida somente à alma e não ao corpo. Constatação semelhante apareceu na categoria sobre a *Ressurreição dos mortos*, mostrando a evidência da influência platônica na separação corpo/ alma, como neste relato: “*Acredito que existe vida junto de Deus, mas nosso corpo, nossa matéria fica aqui. Ela não vai mudar.*” (mãe n.4). É importante salientar, portanto, a necessidade de esclarecimento que os cristãos têm em relação ao corpo e à alma. É preciso compreender a *alma* não como parte do homem ao lado do corpo, mas como princípio vital do homem considerado em sua unidade e totalidade; em outras palavras, seu *eu*: o *todo da pessoa*. Pode-se dizer que é uma ação divina que inclui a nossa corporeidade e todas as dimensões da vida. A vida eterna está relacionada diretamente com todas as nossas experiências, nossa personalidade, nossas obras, enfim, com tudo o que nos formou como pessoa.

O ser humano vive a totalidade do ser, de sua história, e Deus ressuscitará integralmente o ser humano como *todo*. O relato que segue mostra que o cristão busca entender sua fé, mas permanece com muitas dúvidas sobre o assunto: “*A Igreja diz hoje que se ressuscita de corpo e alma, mas acho que só nosso espírito ressuscita. Não imagino como poderia o corpo ressuscitar. Já li sobre isso. Seria um outro corpo diferente desse. Não se fala claramente sobre isso. Para uma mãe tranquilizaria entender melhor.*” (mãe n. 10). Esse discurso menciona que o esclarecimento sobre a ressurreição serve de consolo e resiliência à perda do filho. Ratifica-se, então, a necessidade de uma ação catequética que oriente, esclareça e aprofunde a fé cristã na ressurreição. Certamente, esse desafio é para todas as confissões cristãs, porém, percebeu-se que algumas mães de confissões protestantes tinham maior clareza sobre a ressurreição dos mortos e o dia da vinda gloriosa de Cristo.

Evidencia-se, ademais, a importância do ritual das exéquias e, de modo especial, seus ministros, que podem não estar cumprindo a missão tanto de consolo quanto de efetivo ensinamento cristão diante do sofrimento. Observam-se funerais sendo realizados, muitas vezes, de forma mecânica, não proporcionando um momento de espiritualidade, esperança e catequese. Conforme foi verificado nas categorias analisadas, o gesto da mãe de entregar o filho morto nas mãos de Deus é consolador.

Parte-se, então, ao segundo desafio. Como visto nas entrevistas, devido ao choque pela perda repentina e violenta, normalmente as mães lembram poucas coisas do funeral do filho, por isso, faz-se necessária a continuidade do acompanhamento do luto mediante a criação de oportunidades para o desabafo, o acolhimento e o aumento da esperança na fé cristã através do Aconselhamento Pastoral. Esse deve-se aprofundar cada vez mais na interdisciplinaridade

com outras ciências como a Psicologia, para que o ser humano seja ainda mais entendido em sua totalidade física, psíquica e espiritual. Essa perspectiva interdisciplinar pode proporcionar o treinamento e a formação de novos aconselhadores, formando uma rede de apoio e cuidado ao enlutado.

Provavelmente, o erro mais comum cometido por amigos e parentes seja dizer ao enlutado palavras que não ajudam no consolo. Certamente a intenção é consolar, porém, muitos falam da dificuldade de encontrar o que dizer. Isso ocorre porque nos projetamos no sofrimento do *outro* e, assim, não o suportamos, buscando explicações e dizeres que vêm aliviar nossa própria angústia diante de desespero de quem sofre. O relato a seguir clareia a reflexão: “*Se ouve muita coisa que não significa nada, que, desculpe, mas é até bobagem. Então não marca, não ajuda.*” (mãe n. 3). O aconselhamento ensina que, em várias situações, é mais significativo estar presente, colocar-se à disposição, dar um abraço e silenciar. Esse deve ser progressivo para acompanhar a recuperação do enlutado, dando-lhe suporte e o orientando com base nos ensinamentos cristãos. Nesse sentido, o aconselhador deve ser preparado para ter paciência e acolhimento, respeitando as fases e reações que surgem com o luto. A interdisciplinaridade é importante também nas situações em que se fazem urgentes encaminhamentos ou intervenções conforme os sintomas manifestos. Salienta-se, ainda, que o papel do conselheiro pastoral torna-se fundamental para o esclarecimento da fé e da esperança cristãs que levam à resiliência.

Quanto mais souber sobre o que a fé cristã ensina sobre a ressurreição e a vida eterna, o enlutado poderá encontrar maior esperança e resiliência para enfrentar o sofrimento do luto. É a fé que nos ensina: “Cristo ressuscitou dos mortos como o primeiro dos que morreram. Em Cristo todos reviverão.” (*1 Cor 15, 20-21*). Que a ressurreição esclarece o sentido da existência humana, interpreta a obscuridade da morte e associa os cristãos à vida de Jesus pelo batismo. Essa é a razão da esperança cristã.

Não se trata de uma fé aleatória ou ingênua. Ao contrário, a resiliência mostra que existe na vida uma dinâmica em busca da plenitude, mesmo através de situações conflitantes e de sofrimentos. Por isso, a fé cristã e a resiliência se entrelaçam na experiência da morte, porque nos inspira a transcender os limites do materialismo e a esperar para além da morte. Mesmo a pessoa que passa pelas etapas que caracterizam o processo de luto, como a culpa, a raiva, a negação e a desorganização, a fé cristã na vida eterna dá suporte para o surgimento de uma resiliência em que a dinâmica do viver não cesse com a morte, e que o enlutado chegue à reorganização de sua vida.

Assim, a semântica da morte permanece viva e é transformada ao longo do ciclo da existência, integrando-se com outras experiências. Isso foi observado na maior parte do grupo pesquisado, cujas mães, mesmo em condições de vida precárias, sem tratamento psicológico ou psiquiátrico, estão conseguindo resilir, cada uma à sua maneira, porém, esperando em Deus. “A verdadeira e grande esperança do homem, que resiste apesar de todas as decepções, só pode ser Deus.” (*Spe Salvi*, n. 34).²⁹³ Mesmo com dúvidas sobre a doutrina da fé as mães encontram consolo na esperança de chegar ao *céu* onde reencontrarão seus filhos que *partiram cedo*.

Na fé, o enlutado encontra luz em meio às trevas, paz em meio ao sofrimento e consolo no amor do Deus que se fez carne para viver a nossa vida e ser solidário conosco em nossos sofrimentos.

²⁹³ *Carta Encíclica Spe Salvi*: sobre a esperança cristã, n. 27, 34.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Edson Fernando de. *Do viver apático ao viver simpático: sofrimento e morte*. São Paulo: Loyola, 2006.
- ARIÈS, Philipe. *História da morte no Ocidente*. ed. revisada. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- _____. *O homem perante a morte*. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1977.
- _____. *O homem perante a morte II*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1977.
- ASSIS, Simone Gonçalves de; PESCE, Renata Pires; AVANCI, Joviana Quintes. *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BAHAMONDE, Luis Pérez. *El más allá en imágenes y palabras del más acá palabras de fé para vivir en amor la esperanza de la resurrección*. Buenos Aires: Guadalupe, 2005.
- BECKER, Ernest. *A negação da morte: uma abordagem psicológica sobre a finitude humana*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- BERMEJO, José Carlos. *Estou de luto: reconhecer a dor para recuperar a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edi. rev. São Paulo: Paulus, 1985.
- BLANK, Renold; VILHENA, M. Ângela. *Esperança além da esperança: Antropologia e Escatologia*. Valencia: Siquem, 2001.
- BOFF, Leonardo. *A Ressurreição de Cristo: a nossa ressurreição na morte*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. *Vida para além da morte*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BOLWBY, John. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *Apego e perda: a natureza do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *Perda, tristeza e depressão: apego e perda*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. v. 3.
- BOROS, Ladislau. *Nós somos futuro*. São Paulo: Loyola, 1971.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Reino de Deus e esperança apocalíptica*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

BRÊTAS, José Roberto da Silva; OLIVEIRA, José Rodrigo de; YAMAGUTI, Lie. Reflexões de estudantes de Enfermagem sobre a morte e o morrer. *Revista Escola de Enfermagem*, São Paulo: USP, v. 40, n. 4, p. 477-483, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reecusp/v40n4/v40n4a04.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *Quando Cristo vem: a Parusia na Escatologia cristã*. São Paulo: Paulus, 2001.

CARDEDAL, Olegario de. *Raiz de la esperanza*. 2. ed. Salamanca: Sígueme, 1996.

_____. *Sobre la muerte*. 2. ed. Salamanca: Sígueme, 2003.

CARTA ENCÍCLICA do Santo Padre Bento XVI. *Spe Salvi*: sobre a esperança cristã. Documentos do Magistério. São Paulo: Loyola; Paulus, 2007.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1999.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. São Paulo: ArtMed, 1995.

CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

CNBB. SACRAMENTÁRIO. Edição típica em tradução portuguesa para o Brasil. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

COMISIÓN TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Algunas cuestiones actuales de Escatología*. 1992. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_index-doc-publ_po.html#Documenti>. Acesso em: 16 out. 2012.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Gaudium et Spes*. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 141-256.

_____. Cidade do Vaticano. *Dei Verbum*. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 119-139.

_____. Cidade do Vaticano. *Lumen Gentium*. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 39-113.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Ritual Romano do Batismo de Crianças*. São Paulo: Paulus, 1999. n. 6.

CUNÁDO, Jesús Camarero. *Memoria de los defuntos en el cementerio*. In: ORTEGA, José Luis Cabria. *Sobre la muerte y el morir*. Burgos: Monte Carmelo, 2009.

_____. Una celebración de la muerte de la persona que muere. In: ORTEGA, José Luis Cabria. *Sobre la muerte y el morir*. Burgos: Monte Carmelo, 2009.

- D'ASSUMPCÃO, Evaldo (Org.). *Biotanatologia e bioética*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- D'ASSUMPCÃO, Evaldo. *Sobre o viver e o morrer: manual de Tanatologia e Biotanatologia para os que partem e os que ficam*. São Paulo: Vozes, 2010.
- DENZINGER, Hünermann. *Compêndio dos símbolos, definições e declaração de fé e moral*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2007.
- DENZINGER, Schönmetzer. *Compêndio dos Símbolos, definições e declaração de fé e moral*. São Paulo: Loyola, 2004.
- DUQUOC, Christian. *Cristologia. Ensaio Dogmático II: o Messias*. São Paulo: Loyola, 1980.
- _____. Ressurreição de Cristo. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 1.523-1.530.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FAITANIN, Paulo. *Santo Tomás de Aquino: sobre o mal*. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005.
- FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. *Mysterium Salutis*. Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica: o Evento Cristo. *Mysterium Paschale*. III/6. Petrópolis: Vozes, 1974.
- FIDELIS, Susana Luca. Experiências no lidar com a morte do outro. In: HOCH, Lothar Carlos; WONDRACEK, K. (Orgs.). *Bioética: avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar: do início ao crepúsculo da vida: esperanças e temores*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- FORTE, Bruno. *Maria, la donna icona del mistero: saggio di mariologia simbolico-narrativa*. Milano: Paoline, 1989.
- FOWLER, James. *Estágios da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1992, p. 82-85.
- FRAIJÓ, Manuel. Ressurreição. In: SAMANES, Cassiano Floristán; TAMAYO-ACOSTA, Juan-José. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 719-730.
- FRANCO, Maria Helena. A importância do luto. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, n. 279, ano VIII, p. 21-22, 27 out. 2008.
- _____. *Estudos avançados sobre o luto*. Campinas: Livro Pleno, 2002.
- _____. *Nada sobre mim sem mim: estudos sobre a vida e a morte*. São Paulo: Livro Pleno, 2005.
- FRANKL, Viktor. *A presença ignorada de Deus*. Porto Alegre: Sulina, 1986.
- _____. *Um sentido para a vida*. 13. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2005.
- FREITAS, Neli Klix. *Luto materno e psicoterapia breve*. São Paulo: Summus, 2000.
- FREUD, S. *Consideraciones de actualidad sobre la guerra y la muerte*. In: _____. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1915/1948. p. 2117. v.2.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: _____. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1920/1996. p. 118-134. v.18.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1917/1974. p. 269-291.v. 14.

_____. Totem y tabu. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1913/1914. p. 876-901.v.13.

GAEDE NETO, Rodolfo. Os enlutados de Emaús. In: HOCH, Lothar Carlos; WONDRACEK, Karin H. K. (Orgs.). *Bioética: avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar: do início ao crepúsculo da vida: esperanças e temores*. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 100-105.

GARCÍA, Marquèz;Yunes, Maria Ângela. Resiliência familiar: baixa renda e monoparentalidade. In: DELL'AGLIO, Débora Dall'Bosco; KOLLER, Silvia Helena; YUNES, Maria Ângela (Eds.). *Resiliência e Psicologia Positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2006, p.117-140.

GAUDIN, Philippe (Ed.). *La muerte: lo que dicen las religiones*. Bilbao: Mensajero, 2004.

GEFRRE, Claude. Morte. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 1.195-1.201.

GEISELMANN, J. R. Jesus Cristo. *Dicionário de Teologia: conceitos fundamentais da Teologia atual*. 2. ed. São Paulo: Loyola, v. 3, 1987, p. 40-75.

GILBERT, Maurice. Ressurreição dos mortos. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas;Loyola, 2004, p. 1.530-1532.

GOMES, Cirilo Folch, OSB. *Antologia dos Santos Padres: páginas seletas dos antigos escritores eclesiásticos*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1973.

GOMES, Paulo Roberto. *O Deus im-Potente: o sofrimento e o mal em confronto com a Cruz*. São Paulo: Loyola, 2007.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

HEIMANN, T. Face a face com Deus: a espiritualidade diante da morte e do morrer. In: HOCH, Lothar Carlos; HEIMANN, T. Aconselhamento Pastoral e espiritualidade. *Anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p. 46-51.

HEIMANN, Thomas. Fortalecendo imunidades: resiliência em hospitais. In: HOCH, Lothar Carlos; ROCCA LARROSA, Susana M. *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 120-131.

HENNEZEL, Marie de. *A morte íntima: aqueles que vão morrer nos ensinam a viver*. São Paulo: Ideias e Letras, 2004.

HOCH, Lothar Carlos. Sofrimento, resiliência e fé na Bíblia. In: HOCH, Lothar Carlos; ROCCA LARROSA, Susana. *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 72-80.

_____. “As minhas lágrimas têm sido o meu alimento” : desafios pastorais no trabalho com enlutados. In: HOCH, Lothar Carlos; HEIMANN, Thomas. *Aconselhamento pastoral e espiritualidade. Anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

HOCH, Lothar Carlos; WONDRAČEK, Karin H. K. (Orgs.). *Bioética: avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar: do início ao crepúsculo da vida: esperanças e temores*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

HOCH, Lothar Carlos; ROCCA LARROSA, Susana. *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

HOCH, Lothar Carlos; HEIMANN, Thomas. *Aconselhamento pastoral e espiritualidade. Anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

HOFFMANN, P. Morte. *Dicionário de Teologia: conceitos fundamentais da Teologia atual*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1987, p. 363-374, v. 3.

HOFMEISTER, Antônio Augusto Brum. *Benedictus Deus: aproximação ao conteúdo escatológico dogmaticamente definido pelo Papa Bento XII na Constituição de 1336*. 123 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. [Orientador: Dr. Pe. Eduardo da Silva Santos].

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Índice de mortes violentas em Caxias do Sul*. Disponível em: <<http://www.eserra.com.br/colunas/novidades-da-serra/535/Indice-de-mortes-violentas-entre-jovens-sobe-27-em-5-anos-em-Caxias-aponta-o-IBGE->>. Acesso em: 16 abr. 2012.

IRENEU DE LION. Demostración de la predicación apostólica, 31: FuP 2,118-121. In: PONS, G. *Textos patrísticos: el más allá: en los padres de la Iglesia*. Madrid: Ciudad Nueva, 2001, p. 35.

JARAMILLO, Isa Fonnegra de. *Morrer bem*. São Paulo: Planeta, 2006.

JÜNGEL, Eberhard. *Morte*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

KESSLER, Hans. Ressurreição. In: EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 783-792.

KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

_____. A morte em vida. In: BROMBERG, M. H. P. F. et al. *Vida e morte: laços da existência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, p. 11-33.

KOVÁCS, Maria Júlia. *Educação para a morte: temas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo; Fapesp, 2003.

_____. *Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

_____. *Morte e existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. *Morte: estágio final da evolução*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. *A roda da vida: memórias do viver e do morrer*. Rio de Janeiro: GMT, 1998.

_____. *O túnel e a luz: reflexões essenciais sobre a vida e a morte*. Campinas: Verus, 2003.

_____. *Viver até dizer adeus*. São Paulo: Pensamento, 2005.

_____. *Sobre a morte e o morrer*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *A morte: um amanhecer*. 7. ed. São Paulo: Pensamento, 2009.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth; KESSLER, David. *Os segredos da vida*. São Paulo: Sextante, 2004.

LACOSTE, Jean-Yves. Morte de Jesus. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 1523-1537.

LAMANNO-ADAMO, Vera. A família sob impacto. In: BOTEGA Neury José. (Org.). *Prática psiquiátrica no hospital geral: inter-consulta e emergência*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 58-76.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria. *O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica na pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: EDUCs, 2000.

LIBANIO, João Batista; BINGEMER, Maria Clara. *Escatologia cristã: o novo céu e a nova terra*. Petrópolis: Vozes, 1985.

LIBANIO, J. B. A ressurreição dos mortos. In: SCHÜLER, Arnaldo. *Dicionário enciclopédico de Teologia*. Canoas: Ed. da Ulbra, 2002, p. 217-224.

_____. O juízo de Deus. In: SCHÜLER, Arnaldo. *Dicionário enciclopédico de Teologia*. Canoas: Ed. da Ulbra, 2002, p. 225-232.

MARTINEZ-GAYOL, Nuria. Vida Eterna. In: ORTEGA, José Luis Cabria. *Tipologia de la Muerte II*. In: ORTEGA, José Luis Cabria. *Sobre la Muerte y El Morir*. Burgos: Monte Carmelo, 2009, p. 268- 271.

MCKENZIE, John L. Morte. *Dicionário Bíblico*, São Paulo: Paulus, 1983, p. 632-634.

_____. Cruz. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983, p. 203-204.

MCKENZIE, John L. Apocalipse. *Dicionário Bíblico*, São Paulo: Paulus, 1983, p. 56.

MELEIRO, A.; BOTEGA, N.; PRATES, J. G. Manejo das situações ligadas ao suicídio. In: MELEIRO, A. (Org.). *Suicídio: estudos fundamentais*. São Paulo: Segmento Farma, 2004, p. 175-192.

MELILLO, Aldo; et al. (Org.). *Resiliência: descobrindo as próprias forças*. São Paulo: Artmed, 2005.

MINAYO, Maria Cecília Souza et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOLTMANN, Jürgen. *No fim, o início; breve tratado sobre a esperança*. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *A vinda de Deus: Escatologia cristã*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2001. v. 3.

_____. *Teologia da esperança*. 3. ed. São Paulo: Loyola; Teológica, 2005.

_____. *Dios en la creación*. Salamanca: Sigueme, 1987.

NERI, Umberto. *Escatologia bíblica: catechesi di Monteveglio*. Bologna: Grafiche Dehoniane, 1994. v. 4.

OLIVEIRA, Marcos Fleury de; CALLIA, Marcos H. P. (Orgs.). *Reflexões sobre a morte no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2005.

OLIVEIRA, Roseli Kühnrich de. Implicações para as relações de cuidado. In: HOCH, Lothar Carlos; ROCCA LARROSA, Susana. *Sufrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 28-32.

OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich. Transformação na dor: lidando com perdas e lutos em família. In: KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antônio Carlos. *Aconselhamento cristão transformador*. Londrina: Descoberta, 2006, p. 144-147.

_____. O longo processo do luto. *Psicoteologia*, ano XXI, n. 48, p. 5-12, 2011.

OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Quando se caracteriza a morte e suas causas*. Disponível em:

<http://search.who.int/search?q=medicina+paliativa&ie=utf8&site=default_collection&client=_es&proxystylesheet=_es&output=xml_no_dtd&oe=utf8>. Acesso em: 12 mar. 2012.

ORTEGA, José Luis Cabria. *Sobre la muerte y el morir*. Burgos: Monte Carmelo, 2009.

_____. *Tipologia de la muerte II*. In: ORTEGA, José Luis Cabria. *Sobre la muerte y el morir*. Burgos: Monte Carmelo, 2009.

PAPA PAULO VI. *Credo do povo de Deus*. Disponível em:

<http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19680630_credito_po.html>. Acesso em: 2 ago. 2012.

PARKES, Colin Murray. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1998.

_____. *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*. São Paulo: Summus, 2009.

PESSINI, Leo. *Espiritualidade e arte de cuidar: o sentido da fé para a saúde*. São Paulo: Paulinas; Centro Universitário São Camilo, 2010.

PINHEIRO, D. P. N. A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo*, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 67-75, jan./abr. 2004.

POLIT, Denise F.; BECK, Chery Tatano; HUNGLER, Bernardete. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004.

PONS, Guillermo. *Textos patrísticos: el más allá: en los padres de la Iglesia*. Madrid: Ciudad Nueva, 2001.

POZO, Cândido. *Teología del más allá*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1968. Disponível em: <<http://asambleatijuana.org/PDF%20ARCHIVOS/pozo,%20candido%20-%20teologia%20del%20mas%20alla.pdf>>. Acesso em 14 out. 2012.

RAHNER, Karl. *La resurrección de la carne: escritos teológicos II*. Madrid: Guadarrama, 1963.

_____. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1999.

_____. *Il Morire cristiano*. Brescia: Queriniana, 2009.

RATZINGER, Joseph. *Escatologia: morte e vita eterna*. 4. ed. Assisi: Cittadella, 2005.

_____. Escatologia. Salamanca, 1992. 17, p. 0-172 apud BRUSTOLIN, L. A. *Quando Cristo vem... A Parusia na Escatologia cristã*, p. 124. Também Cf. SCHENEIDER, T. (Org.). *Manual de Dogmática*, p. 409.

_____. *Introdução ao cristianismo: prelações sobre o símbolo apostólico com um ensaio introdutório*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

REY, Bernard. *Nova criação em Cristo no pensamento de Paulo*. São Paulo: EA Cristã, 2005.

RITUAL DE INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS. Tradução portuguesa para o Brasil da edição típica. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

ROCCA LARROSA, Susana M. Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. In: HOCH, Lothar Carlos; ROCCA LARROSA, Susana M. *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 9-27.

ROCCA LARROSA, Susana M. Resiliência: elo e sentido. IHU *on-line*. *Revista do Instituto Humanitas*, São Leopoldo: Ed. da Unisinos, p. 17-21, 29, out. 2007.

_____. *As contribuições da espiritualidade e da pastoral católica no desenvolvimento da Resiliência em jovens de 18 a 29 anos*. 171 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2011. [Orientadora: Valburga Schmi-edt Streck].

RODRIGUES, C. F. Adolescentes: vidas interrompidas; por que é tão importante falar de morte com eles? In: KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e Existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008, p. 21-24.

ROSER, TRAUGOTT. Aconselhamento diante da morte e suas implicações para a competência pastoral. In: HOCH, Lothar Carlos; WONDRACEK, Karin H. K. (Orgs.). *Bioética : avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar: do início ao crepúsculo da vida: esperanças e temores*. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 61-76.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropologia teológica fundamental*. 2. ed. Santander: Sal Terra, 1988.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta sobre algumas questões respeitantes à Escatologia*. Francisco Cardeal Seper (*Prefeito*), 17 maio 1979. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19790517_escatologia_po.html>. Acesso em: 15 out. 2012.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 1984.

_____. *A verdadeira religião: o cuidado devido aos mortos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de Ontologia Fenomenológica*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SCHENEIDER, Theodor (Org.). *Manual de dogmática VI. III*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SCHIPANI, Daniel S. *O caminho da sabedoria no Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

SCHÖNBORN, Cardenal Christoph. *De la muerte a la vida*. Valencia: Edicep, 2000.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*. Terceira parte (V. III). Questões 1-59. 2. ed. Porto Alegre: EST/Sulina; Caxias do Sul: EDUCs, 1980.

VERDADE, Marisa Moura. Ecologia mental da morte: um novo olhar, uma nova escuta para a psicologia da morte. In: KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008, p. 173-180.

VIÇOSO, Helder. *Dicionário enciclopédico de Psicologia*. Lisboa: Trato e Grafia, 2008.

VANISTENDAEL, Stefan. *Cómo crecer superando los percances: resiliência: capitalizar las fuerzas del individuo*. Ginebra: BICE, 1995.

VANISTENDAEL, Stefan. Resiliência e a dinâmica da vida em busca da plenitude. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, n. 279, ano VIII, p. 13-14, 27 out. 2008.

XAVIER, Leon-Dufour S. J. Ressurreição. *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 885-891.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. *Mapa da violência no Brasil 2012: os novos padrões da violência homicida no Brasil*. São Paulo: Instituto Sangari, 2011.

WALSH, F. *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo: Roca, 2005.

WORDEN, William. *El tratamiento del duelo: asesoramiento psicológico y terapia*. Barcelona: Paidós, 1997.

_____. *Terapia do luto: um manual para o profissional da saúde mental*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Faculdade de Teologia - Curso: Pós-Graduação - Mestrado

Título da Pesquisa: Morte, Luto e Resiliência Diante da Fé Cristã na Ressurreição

O(a) Sr.(Sr^a) está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa. Após esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assinhe ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é destinada ao entrevistado e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa o(a) Sr.(Sr^a) não será penalizado de forma alguma.

Este estudo constitui-se como requisito apresentado à Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, área de concentração em Teologia Sistemática.

Você poderá fazer perguntas a qualquer momento. Você não receberá nenhum pagamento, ou outro benefício direto por participar deste estudo. Todo material resultante da entrevista será utilizado com a única finalidade de fornecer dados para a realização desta pesquisa de Mestrado. Estará assegurada, acima de qualquer hipótese, a confidencialidade dos dados e das informações que possibilitem a identificação dos participantes da pesquisa.

Este estudo está sendo supervisionado e orientado pelo Professor Doutor Érico Hammes (Fateo/PUCRS). No caso de dúvidas, você pode entrar em contato com a Faculdade de Teologia, Pós-Graduação.

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar como sujeito de um estudo já referido anteriormente. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora/estudante Fabiane Pasa, (fone (54) 9973 6248) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos.

Caxias do Sul, (data)

Nome (letra legível) da participante da pesquisa: _____

Assinatura _____

TERMO DE ESCLARECIMENTO

Atesto que foi explicada, cuidadosamente, a natureza e o objetivo deste estudo. Acredito que a participante recebeu todas as informações necessárias, que foram fornecidas em linguagem adequada e compreensível.

Fabiane Pasa

____/____/____

Data

APÊNDICE B – TÓPICO-GUIA

Dados de Identificação

Idade da mãe: Nº. de filhos

Sexo do(a) filho(a) falecido(a):.....

Idade do(a) filho(a):.....

Tempo de falecimento:.....

- 1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?
- 2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?
- 3- Quais palavras, gestos ou práticas religiosas ou não, foram importantes para auxiliar no processo de luto?
- 4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não () Sim () Qual?
- 5- Como você define morte?
- 6- Você acredita que existe vida após a morte? () Sim () Não
- 7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? () Sim () Não
Por que? _____
- 8- Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?
- 9- O que é Ressurreição?
- 10- Você acredita que iremos ressuscitar? () Sim () Não. Comente
- 11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu (sua) filho(a)? Por quê?
- 12- Atualmente, em que você tem esperança?

APÊNDICE C – ENTREVISTAS

Entrevista com a Mãe 1:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 41 anos - Nº. de filhos: 3 (1 falecido) - Sexo do(a) filho(a) falecido(a): masculino - Idade do(a) filho(a): 8 anos e meio - Tempo de falecimento: 3 anos

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Ele foi atropelado. Veio um ônibus em velocidade acima do permitido por ser perto de escola e atropelou o M. [...]</i>	A criança foi atropelada enfrente à escola.

2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sou católica. Nos tornamos praticantes um pouco antes do M. nascer. Antes não éramos de nada.</i>	A mãe é católica. Tornou-se praticante depois do nascimento do menino.

3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] É de conversar. Vim aqui saber se o que a gente sente está certo, se não se está ficando louca.. Se me sinto aflita, triste eu rezo até hoje. Rezo sempre, se estou bem ou mal. É muito difícil faltar a missa do domingo, onde rezo por ele. [...]</i>	A mãe disse se sentir confortada ao entender que a dor da perda não é loucura, mas um sentimento outras pessoas enlutados sentem também. Quando aflita a mãe reza e não falta a missa dominical.

4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...]Eu me sentia parecia que anestesiada. Só queria ficar quieta. Me perguntavam se eu tinha tomado calmante, mas não tomei nada. Acho que Deus me carregou no colo. As orações da missa, me</i>	A mãe relata que se sentia como anestesiada e queria ficar quieta. Ela acha que Deus a carregou no colo. As orações diziam que o filho iria ficar bem.

<i>consolavam porque me diziam que ele estava bem Por isso lembro de pouca coisa específica.[...]</i>	
---	--

5- Como você define morte?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Morte? É a coisa mais triste que pode acontecer, e a gente pensa que não vai acontecer. É incrível, se vê na TV, se vê acidentes, mas quando chega à porta da gente parece mentira. [...]</i>	A mãe disse que a morte é a coisa mais triste que pode acontecer. Que quando acontece com a gente parece mentira e demora para entender que é verdade.

6- Você acredita que existe vida após a morte? (x) Sim () Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Acredito no céu, na vida eterna. Imagino um lugar de felicidade, de paz com Deus. [...]</i>	A mãe acredita na vida eterna, como um lugar de felicidade, de paz com Deus.

7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? () Sim (x) Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Não acredito porque como ficaria em paz sem saber onde meu filho está.. Não acredito e acho que quem acredita deve sofrer mais no luto. [...].</i>	A mãe não acredita. Não imagina seu filho em outra família e acha que quem acredita deve sofrer mais no luto.

8- Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Eu espero encontrar. Às vezes fico pensando. Como será que ele estará? Tenho vontade de abraçar ele. [...]</i>	A mãe espera reencontrar seu filho e pensa sobre como seria isso..

9- O que é Ressurreição?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...]É o que aconteceu com Jesus na Páscoa. Ele venceu a morte. [...]</i>	A mãe disse que é o que aconteceu com Jesus. Ele venceu a morte.

10- Você acredita que iremos ressuscitar? (x) Sim () Não. Comente.

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Vamos ter uma vida em Deus, sem morte nem separação, nem tristeza. [...]</i>	A mãe disse que vamos ter uma vida em Deus, sem morte nem separação, nem tristeza.

11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu (sua) filho(a)? Por quê?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sim. Na esperança, no consolo de que não terminou tudo. Um dia vamos estar juntos de novo. Mas mesmo assim, a dor é grande. [...]</i>	A mãe disse que sim porque é esperança. É consolo de que não terminou tudo. Um dia vamos estar juntos de novo.

12- Atualmente, em que você tem esperança?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Nunca fiquei sem esperança, nem pensei em morrer. Hoje sei que ele pode rezar por nós, ver as manas, e claro, um dia toda família ficará junto pra sempre. [...]</i>	A mãe disse que nunca ficou sem esperança nem pensou em morrer. Acredita que um dia toda família ficará junto pra sempre.

Entrevista com a Mãe 2:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 47 anos - Nº. de filhos: 3 (3 falecidos)

- Sexo do(a) filho(a) falecido(a): masculino - Idade do(a) filho(a): 14anos- 16 anos- 18 anos - - Tempo de falecimento: 3 anos

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Eles estavam indo para um show. Iriam se encontrar com os amigos logo ali no posto. Eles eram muito unidos. Se amavam muito. [...]</i>	Os três filhos morreram de atropelamento bem perto da casa.

2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sou católica. Me apeguei ainda mais</i>	A mãe é católica, e se apegou mais em

<i>em Deus com este sofrimento. Vamos sempre a missa. [...]</i>	Deus depois do sofrimento da perda.
---	-------------------------------------

3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sem dúvida foi a oração, a visita de pessoas que diziam palavras de conforto, faziam companhia, porque ficou só nós dois, né. Receber visitas, conversar também me ajudou, senão acho que iria enlouquecer. Também me ajudou e ajuda muito é ir no cemitério, converso com eles,. Mas sem dúvida, se não tivesse a fé em Deus, me agarrasse nele, acho que não iria suportar. A vida escapa das mãos da gente. (choro). Sinto o cheiro deles nos travesseiros.</i>	A mãe salientou que a fé em Deus foi seu grande suporte. Também disse que ajudou muito a companhia e visita dos padres e amigos que confortavam bastante. A mãe contou que vai no cemitério e conversa com os filhos, manda rezar missas todos os meses. Gosta de sentir o cheiro deles.

4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Eu lembro que tinha muita gente, porque nós temos muitos amigos e os guris também. A gente fica anestesiada pela dor. Nunca mais vou me esquecer, que o bispo olhou meus três filhos no caixão, me abraçou, disse que não tinha o que explicar e chorou. Isso me consolou muito. Vi que não tinha resposta mesmo para tudo aquilo. Ainda vou agradecê-lo por aquele gesto, porque na hora tudo é muito confuso. [...]</i>	A mãe disse tinha muita gente, mas que não lembra de muitas coisas. Ela diz que se fica anestesiado pela dor. A mãe conta não esquecer o gesto de compaixão do bispo.

5- Como você define morte?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Nunca acreditei em destino, mas nisto que aconteceu eu acho que todos nós temos o dia de nossa morte marcado e não dá para</i>	A mãe disse que nunca acreditou em destino, mas com o que aconteceu acha que todos tem o dia da morte marcado e não

- | | |
|---------------------|----------------|
| <i>mudar. [...]</i> | dá para mudar. |
|---------------------|----------------|
- 6- Você acredita que existe vida após a morte? () Sim () Não
- | Expressão-chave | Ideia central |
|---|--|
| <i>[...] Acredito que sim. Minha fé me dá esta esperança de uma vida eterna. [...].</i> | A mãe acredita e tem esperança na vida eterna. |
- 7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? () Sim () Não
- | Expressão-chave | Ideia central |
|---|--|
| <i>[...] Às vezes fico na dúvida, mas depois penso que não tem nada haver com a nossa fé. [...]</i> | A mãe às vezes tem dúvidas, mas no fundo não acredita. |
- 8- Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?
- | Expressão-chave | Ideia central |
|---|---|
| <i>[...] Eu acredito. Isso me ajuda muito. Não imagino como vai ser mas sei que vou reencontrar eles. [...]</i> | A mãe acha que vai reencontrar os filhos no céu e isso a ajuda muito. |
- 9- O que é Ressurreição?
- | Expressão-chave | Ideia central |
|---|---|
| <i>[...] Acredito que é quando nós vamos para Deus, se a gente for bom. É a Vida Eterna como a gente ouve na missa. [...]</i> | A mãe disse que quando vamos para deus se formos bons. É a vida Eterna como se ouve na missa. |
- 10- Você acredita que iremos ressuscitar? () Sim () Não. Comente.
- | Expressão-chave | Ideia central |
|---|--|
| <i>[...] Acho que nós vamos ressuscitar para vivermos a vida eterna. Nossa alma vai para Deus. Nosso corpo é que fica aqui, porque aqui é somente uma passagem. [...]</i> | A mãe acha que nós vamos ressuscitar para vivermos a vida eterna. Nossa alma vai para Deus. Nosso corpo é que fica aqui, porque aqui é somente uma passagem. |
- 11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu (sua) filho(a)? Por quê?
- | Expressão-chave | Ideia central |
|--|---|
| <i>[...] Sim quando penso que a gente pode se encontrar de novo. Tenho saudade. E que Deus está com nós. [...]</i> | A mãe disse que sente conforto quando pensa que podem se encontrar de novo. Tem saudade. Deus está com eles.. |

12- Atualmente, em que você tem esperança?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Tenho muita dor, mas já está ficando menor esta dor. Choro bem menos atualmente. Estamos começando a conseguir dar uma saída. [...]</i>	<i>A mãe sente que a dor está ficando menor. Chora menos. O casal está começando a conseguir dar uma saída.</i>

Entrevista com a Mãe 3:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 66 anos - Nº. de filhos: 2 filhos (um falecido) - Sexo do(a) filho(a) falecido(a): masculino - Idade do(a) filho(a): 33 anos- - Tempo de falecimento: 3 anos

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Suicídio pelas drogas. Mas principalmente quando descobriu o Crack. Usou drogas muitos anos. [...]</i>	<i>A mãe contou que o filho cometeu suicídio devido o uso de drogas, principalmente o crack.</i>

2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...]Sou católica praticante. Por isso sempre entreguei a situação do R. na mão de Deus. [...]</i>	<i>A mãe é católica praticante. Disse que sempre entregou o filho nas mãos de Deus porque não podia mais continuar como estava.</i>

3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Eu me culpava por ele não ter me contado o que estava acontecendo. Muitos gestos de carinho, de presença dos amigos, o pessoal da pastoral não me deixava quieta, me ajudava a falar do assunto, a não guardar só para mim. [...]</i>	<i>A mãe relata que se culpava pelo filho não contar o que estava acontecendo, porém, a presença dos amigos e da pastoral fizeram muitos gestos de carinho, a ajudavam a falar no assunto, a não guardar só para si. Isso a confortou muito.</i>

4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] A música: “Segura na mão de Deus e vai” me marcou muito porque estava entregando ele a Deus.. Também a frase que diz que vamos nos encontrar. Se ouvi muita coisa que não significa nada, que, desculpe, mas é até bobagem. Então não marca, não ajuda. [...]</i>	Recordou da música: “Segura na mão de Deus e vai” que a marcou muito, porque entregava o filho a Deus. Também a frase que dizia que vamos nos encontrar. Se houve muitas palavras que não ajudam em nada.

5- Como você define morte?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Já perdi o marido, mas a dor do filho é algo que rasga no peito. É o que, no meu caso e do R. nos livrou do sofrimento deste mundo... Embora se saiba que não é o fim de tudo, mas o sofrimento da despedida é grande. [...]</i>	A mãe disse que já perdeu o marido, mas a dor do filho é algo que rasga no peito. No caso dela a morte foi para o filho e para ela a libertação do sofrimento desse mundo. Mesmo com fé a dor despedida é grande.

6- Você acredita que existe vida após a morte? (x) Sim () Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Tenho certeza absoluta, senão não estava aqui fazendo meu trabalho.. Acredito na Vida Eterna. Vejo tanta maldade no mundo. Sei que meu filho está muito melhor que eu... Para ele, dependente das drogas, ele agora está longe do sofrimento e da prisão. [...]</i>	A mãe disse que tem certeza absoluta, senão não estava aqui fazendo meu trabalho. A mãe acredita que o filho está bem, e, livre da prisão das drogas.

7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? () Sim (x) Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Não acredito e nunca acreditarei. [...]</i>	A mãe não acredita na reencarnação e nega essa possibilidade.

8- Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Acredito que no céu eu vou ver meu filho, meu marido. Mas imagino reencon-</i>	<i>A mãe acredita que no céu vai ver seu filho, seu marido.</i>

<i>trar meu filho assim. [...]</i>	
------------------------------------	--

9- O que é Ressurreição?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] É que um dia estaremos junto de Deus na Vida eterna, no céu. Uma vida Nova. [...]</i>	A mãe disse que um dia estaremos junto de Deus na Vida eterna, no céu. Uma vida Nova.

10- Você acredita que iremos ressuscitar? (x)Sim ()Não. Comente.

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Nossa alma ressuscitará. Acho que o corpo é importante só para esse mundo. Nosso corpo não ressuscitará. [...]</i>	A mãe acredita que nossa alma ressuscitará. Nosso corpo não ressuscitará.

11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu filho(a)? Por quê?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sim, com certeza. Tudo o que espero é ver meu filho. [...]</i>	A mãe disse que a fé na ressurreição lhe ajudou no luto do filho.

12- Atualmente, em que você tem esperança?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] É um dia chegar perto de Deus e do meu filho. Eu acredito que vou vê-los, principalmente meu filho. Coloco tudo nas mãos de Deus ele me dá força. [...]</i>	A mãe relatou que sua esperança é um dia chegar perto de Deus e do filho. Ela que vai vê-los, principalmente o filho. A mãe coloca tudo nas mãos de Deus.

Entrevista com a Mãe 4:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 49 anos - Nº. de filhos: 4 filhos (3 filhos falecidos- uma morte por acidente)- 1 filho vivo com 14 anos- Sexo do(a) filho(a) falecido(a): 3- masculino

- Idade do(a) filho(a): 1º filho tinha 2 anos de idade- 2º filho tinha 7 anos – 3º filho tinha 4 dias de vida- - Tempo de falecimento: 3 anos

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...]. O D. de 7 anos morreu de acidente de trânsito. Tinha um bêbado no meio da estrada, meu marido foi desviar, se perdeu na curva e capotou a caminhonete,</i>	A mãe relatou que perdeu três filhos: um foi por acidente de trânsito e os outros dois por doença. Os três eram crianças.

<i>sei lá se era pra acontecer ou não, mas aconteceu. Os outros dois foi por doença. [...]</i>	
--	--

- 2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sou católica, sou praticante, ministra da Palavra, sou do apostolado da Oração. [...]</i>	A mãe é católica praticante e atuante em várias pastorais.

- 3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Foram três filhos que se foram em pouco tempo. Às vezes me paro pra pensar como é que foi acontecer tudo isso comigo? No primeiro filho que morreu quase me joguei na janela do quarto, mas me lembrei de nossa Senhora de Caravaggio que como mãe me ajudasse porque ia me matar. Daquilo não me revoltei, procurei ter mais fé em Deus. Mando rezar missa todos os meses para ele. [...]</i>	A mãe contou que a fé em Nossa Senhora de Caravaggio lhe deu força para não se matar na morte do primeiro filho. A mãe às vezes se questiona porque foi acontecer tudo isso com ela. Disse que <i>não se revoltou contra Deus, procurei ter mais fé em Deus. A mãe manda rezar missas para os filhos falecidos.</i>

- 4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] O do meu filho do acidente me lembro pouco, porque estava parece, sei lá, que não era verdade. Mas me lembro que veio os coleguinha do colégio, (choro) O padre disse que iremos nos reencontrar. [...].</i>	A mãe relatou que o filho que morreu de acidente é o que ela menos lembra. O padre disse que ela vai reencontrar o filho.

- 5- Como você define morte?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] É o fim dessa vida na terra. Ela não avisa ninguém. Mas faz parte da vida, não</i>	Morte para a mãe é o fim dessa vida na terra. Ela não avisa ninguém. Mas faz

<i>tem jeito, mas agente acha que ela não bate na família da gente. [...]</i>	parte da vida, não tem jeito, mas a gente acha que ela não bate na família da gente.
---	--

- 6- Você acredita que existe vida após a morte? () Sim () Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sim. O céu que Deus prepara para todos que querem seu amor. [...]</i>	A mãe acredita que existe vida após a morte.

- 7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? () Sim () Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Às vezes a gente ouve tanta história que fica confuso, mas os meus filhos nunca apareceram pra mim nem pra ninguém. [...]</i>	A mãe não acredita na reencarnação e não concorda com o espiritismo.

- 8- Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Acredito que sim, lá no céu. Imagino um lugar de muito silêncio, paz, sem tristeza. [...]</i>	A mãe acredita que sim, no céu reencontrará seus filhos. Disse que se pensar em nunca mais ver os filhos, não sabe se aguentaria a tristeza.

- 9- O que é Ressurreição?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] É o que aconteceu com Cristo. Ele venceu a morte. Ressuscitou [...]</i>	A mãe relata que Cristo venceu a morte. Ressuscitou.

- 10- Você acredita que iremos ressuscitar? () Sim () Não. Comente.

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sim, quem for bom e fizer o bem vai ressuscitar como Cristo. Acredito que existe vida junto de Deus, mas nosso corpo, nossa matéria fica aqui. Ela não vai mudar. [...]</i>	A mãe acredita que quem for bom e fizer o bem vai ressuscitar como Cristo, porém nosso corpo fica neste mundo.

- 11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu (sua) filho(a)? Por quê?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sempre ajuda, mas o que mais ajuda</i>	A mãe diz que a fé sempre ajuda no luto,

<i>ainda é saber que Deus está cuidando deles. Eles se foram muito pequenos. Eles partiram cedo. [...]</i>	mas o que mais ajuda ainda é saber que Deus está cuidando deles. Eles partiram cedo.
--	--

12- Atualmente, em que você tem esperança?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] De continuar vivendo minha vida, amando meu filho que está aqui comigo e, um dia encontrar os outros no céu. [...]</i>	A mãe tem esperança em continuar vivendo a vida, amando o filho que está aqui com ela e, um dia encontrar os outros no céu.

Entrevista com a Mãe 5:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 45 anos - Nº. de filhos: 3 filhos (1 falecido)- Sexo do(a) filho(a) falecido(a): masculino- - Idade do(a) filho(a): 17 anos- Tempo de falecimento: 2 anos

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Foi acidente de trânsito. [...]</i>	A mãe contou que o filho morreu de acidente de trânsito.

2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sempre fui católica. Me tornei mais assídua depois da morte. [...].</i>	A mãe disse que sempre foi católica. Se tornou mais assídua depois da morte.

3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Eu chorava bastante, olhava as coisas dele, mas todas as missas penso nele. Fiz um painel de fotos, que auxilia na saudade. Digo que se tivéssemos tido uma visita da Igreja, uma orientação, um apoio, nós nem teria tido a busca de respostas no Centro espírita onde nem encontramos resposta, porque não tem. Mas um dia uma pessoa da Igreja nos convi-</i>	. Ela chorava bastante, olhava as coisas dele. O chorar fazia sentir-se bem. Pensa no filho em todas as missas. Fez painel de fotos para aliviar a saudade. A mãe relata que sentiram falta da visita de alguém da Igreja para orientar e consolar, que a levou a buscar o centro espírita. A família começou a ir no grupo de oração e se sente bem.

<i>dou para o grupo de oração onde encontramos mesmo o amor de Deus.</i>	
--	--

- 4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] O frei Jaime disse: “Para nós rápido demais, mas para Deus, tempo suficiente”. As orações me acalmavam, mas não lembro de muita coisa.. [...]</i>	Uma frase do frei a confortou. Ele disse: “Para nós rápido demais, mas para Deus, tempo suficiente”. As orações acalmavam a mãe.

- 5- Como você define morte?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] É algo que pega todo mundo de surpresa. É a coisa mais triste que pode acontecer na vida de alguém, principalmente para quem fica e perde quem ama.. [...]</i>	A mãe disse que é a coisa mais triste que pode acontecer na vida de alguém.

- 6- Você acredita que existe vida após a morte? (x) Sim () Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Eu acredito que existe céu, que Deus está nos esperando. [...]</i>	A mãe disse acreditar que Deus esteja nos esperando no céu.

- 7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? () Sim (x) Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Acho que não se retorna a esse mundo. Prefiro pensar que ele está com Deus do que sendo sabe lá o que, ou sofrendo em outro lugar aqui neste mundo. [...]</i>	A mãe acha que não se retorna a esse mundo. Prefere pensar que o filho está em Deus.

- 8- Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Tenho às vezes a preocupação de mãe de saber como ele está. Mas aí imagino o que ele está com Deus, num lugar bonito, melhor que nós. Mas tenho dúvida se vou reencontrar ele, tenho dúvidas dis-</i>	A mãe relatou de ter preocupação em saber como ele está, mas imagina que ele está em Deus, num lugar melhor que aqui na terra. No entanto a mãe disse ter dúvidas do reencontro.

<i>so. [...]</i>	
------------------	--

9- O que é Ressurreição?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] É a vitória sobre a morte que Jesus nos deu com sua própria morte. É a vinda do nosso Salvador que vai ressuscitar todo o mundo. [...]</i>	A mãe disse que Jesus venceu a morte. É a vinda do nosso Salvador que vai ressuscitar todo o mundo.

10- Você acredita que iremos ressuscitar? (x)Sim ()Não. Comente

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sim, como falei, acredito que quando vier o Senhor na Vinda gloriosa nossa alma vai ressuscitar. [...]</i>	A mãe disse acreditar na Vinda gloriosa do Senhor, mas o corpo veio do pó e ao pó voltará.

11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu (sua) filho(a)? Por quê?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] A fé de que ele está com Deus ajuda totalmente. [...]</i>	A mãe disse que a fé de que o filho está com Deus consola totalmente.

12- Atualmente, em que você tem esperança?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...]. Num primeiro momento se fica sem rumo, mas se precisa reencontrar o sentido da vida principalmente com a fé. Não gosto quando os irmãos mexem nas coisas dele, fico irritada. [...]</i>	A mãe relatou num primeiro momento se fica sem rumo. Disse que é preciso reencontrar o sentido da vida principalmente com a fé. A mãe não gosta quando os irmãos mexem nas coisas do falecido.

Entrevista com a Mãe 6:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 51 anos - Nº. de filhos: 1 filho único (falecido) - Sexo do(a) filho(a) falecido(a): masculino-
Idade do(a) filho(a): 20 anos - Tempo de falecimento: 3 anos

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Ele trabalhava numa empresa. Trabalhava de moto. Morreu porque uma</i>	A mãe relatou que o filho morreu em um acidente de trânsito com sua moto. Uma

<i>pessoa entrou na contra mão[...]</i>	motorista entrou na contramão e o pegou.
---	--

- 2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sou católica bem praticante. Sempre trabalhei na comunidade, na Imaculada. [...]</i>	A mãe é católica bem praticante e atuante na comunidade.

- 3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] A gente sente culpa, raiva, sentimento de querer respostas. Senti muita raiva da pessoa que causou o acidente... Como consolo foi a fé que me deu consolo. Eu não me revoltou porque tive muito ajuda também no sentido espiritual. Vou no cemitério e vejo as fotos dele. [...]</i>	A mãe disse que a fé foi seu consolo. Não se revoltou porque teve muito ajuda também no sentido espiritual. Fez terapia. Aprendeu a conviver com a dor. Mas vai no cemitério e olha as fotos do filho.

- 4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Me lembro de várias coisas. Lembro de algumas coisas bonitas, Muita gente dizia muitas coisas, mas não lembro de detalhes O Frei disse: que ela recebeu esse presente de Deus (choro).. Os amigos colocaram uma música linda para ele. [...]</i>	A mãe lembra do carinho das pessoas pelo filho e do apoio dos amigos dele. A mãe não lembra de detalhes. O Frei disse: que ela recebeu esse presente de Deus. Os amigos colocaram uma música linda para o filho.

- 5- Como você define morte?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] A gente permanece distante fisicamente, mas ligado espiritualmente. [...]</i>	A mãe disse que se permanece distante fisicamente, mas ligado espiritualmente.

- 6- Você acredita que existe vida após a morte? (x) Sim () Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Acredito na Vida Eterna. Sei que meu filho está muito melhor que eu. Ele mudou o plano de vida, passou para o outro lado</i>	A mãe disse que acredita na Vida Eterna. Sabe que o filho tá muito melhor que ela.

	<i>da vida. [...]</i>	
7-	Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? () Sim (x) Não	
	Expressão-chave	Ideia central
	<i>[...] Nunca acreditei na reencarnação. Numa época eu pensava em ele voltar.</i>	A mãe disse que nunca acreditou na reencarnação.
8-	Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?	
	Expressão-chave	Ideia central
	<i>[...] Eu acredito que vou reencontrar. Quando eu partir daqui, vou direto me abraçar com ele no Céu. [...]</i>	A mãe acredita que vai reencontrar seu filho. Vai se abraçar com ele no céu.
9-	O que é Ressurreição?	
	Expressão-chave	Ideia central
	<i>[...] A ressurreição acho que vamos ressurgir com Deus. Não da mesma forma de Jesus, a morte será vencida para sempre, porque Jesus já venceu a morte com a ressurreição dele. [...]</i>	A mãe disse que vamos ressurgir com Deus. Não da mesma forma de Jesus, a morte será vencida para sempre, porque Jesus já venceu a morte com a ressurreição dele.
10-	Você acredita que iremos ressuscitar? (x) Sim () Não. Comente.	
	Expressão-chave	Ideia central
	<i>[...] Teremos uma nova vida junto de Deus. Isso é ressuscitar. [...].</i>	A mãe disse acreditar que teremos uma nova vida com Deus. Isso é ressuscitar.
11-	A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu filho(a)? Por quê?	
	Expressão-chave	Ideia central
	<i>[...] Eu pensava mais na perda dele. Me ajudou muito era saber que ele estava em Deus, (choro)[...].</i>	. Ela pensava mais na perda dele. Ajuda ela saber que ele está com Deus.
12-	Atualmente, em que você tem esperança?	
	Expressão-chave	Ideia central
	<i>[...] Vivo um dia de cada vez. Tive que aprender a fazer isso para conviver com a falta dele. Agora que perdi minha mãe, mas depois de perder um filho tu aguenta tudo, as outras dores são memores. Sempre me</i>	A mãe disse que vive um dia de cada vez. Depois de sofrer com a morte do filho, parece que as outras dores são bem menores. A mãe sempre se apegou em Deus.

<i>apeguei em Deus [...].</i>	
-------------------------------	--

Entrevista com Mãe 7:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 44 anos - Nº. de filhos: 1 filha única (falecida)- Sexo do(a) filho(a) falecido(a): feminino - Idade do(a) filho(a): 1 ano e meio- Tempo de falecimento: 2 anos

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Nós morava em Lagoa Vermelha. Meu cunhado estava dirigindo o carro e um caminhão veio por cima de nós. [...]</i>	A mãe relatou que sua filha morreu num acidente de trânsito onde perdeu também os pais.

2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sou da Assembleia de Deus. [...]</i>	A mãe pertence à Assembleia de Deus.

3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Eu precisava desabafar com as pessoas.. Mas sempre tive fé em Deus Eu comecei a ir todo o dia no cemitério. Fui morar na rua porque perdi tudo. Passava o dia inteirinho no cemitério perto da minha menina. Aí, o pastor e as pessoas da Igreja me confortaram. Hoje eles me deixam tomar banho lá na igreja. [...]</i>	A mãe contou que precisava desabafar com as pessoas. Eu ia todo o dia no cemitério. Passava o dia no cemitério. O pastor e as pessoas da Igreja confortavam. [...]

4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Não lembro quase nada. Tinha o caixão do pai, da mãe e o da nenê. Muita gente me falava muita coisa. Minha menina (choro) O pastor fez orações bonitas, que falava de Deus, da glória de Deus.</i>	A mãe disse que não lembro quase nada. Muita gente falava muita coisa. O pastor fez orações que falavam de Deus e da glória.

[...].	
--------	--

5- Como você define morte?

Expressão-chave	Ideia central
[...] <i>A morte faz todo mundo sofrer. A gente perde muita gente, né. Mas isso vai acontecer com todo mundo um dia.. [...]</i>	A mãe disse que a morte faz todo mundo sofrer mas vai acontecer com todo mundo um dia.

6- Você acredita que existe vida após a morte? (x)Sim () Não

Expressão-chave	Ideia central
[...] <i>Tem vida no céu sim. O pastor sempre fala. [...]</i>	A mãe acha que tem vida no céu mas só para quem fizer o bem. O pastor também disse isso.

7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? () Sim (x) Não

Expressão-chave	Ideia central
[...] <i>Não acredito. [...]</i>	A mãe não acredita.

8- Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?

Expressão-chave	Ideia central
[...] <i>Acho que sim, que vou ver minha menina. Sei que Nosso Senhor tá cuidando dela. [...]</i>	A mãe disse que tem fé que vai reencontrar sua menina. Sabe que Deus cuida dela.

9- O que é Ressurreição?

Expressão-chave	Ideia central
[...] <i>Jesus sofreu muito, né? Não sei se me lembro direito dessa parte, mas ele ressuscitou né? [...]</i>	A mãe disse não ter muita certeza mas acha que ressurreição é que Jesus morreu e viveu novamente. Depois foi para o céu. Disse que Deus nunca morre.

10- Você acredita que iremos ressuscitar? (x)Sim ()Não. Comente.

Expressão-chave	Ideia central
[...] <i>Não sei o que quer dizer ressurreição dos mortos. [...]</i>	A mãe disse que não sabe o que quer dizer a ressurreição dos mortos.

11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu (sua) filho(a)? Por quê?

Expressão-chave	Ideia central
[...] <i>Agora sim. Acho que vou pro céu um</i>	A mãe disse que agora ajuda. Acha que

<i>dia ver minha filhinha. Mas logo que ela morreu nem pensava nisso (choro). [...]</i>	vai para o céu um dia ver sua filhinha. Mas logo que ela morreu nem pensava nisso.
---	--

12- Atualmente, em que você tem esperança?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Eu não tenho nada. Só a fé em Deus. Mas sou feliz assim desse jeito. Esperança? É pensar em Deus, ajudar as pessoas se posso, sempre tem tá pior que a gente. [...]</i>	A mãe disse que só tem a fé em Deus e que ele vai lhe ajudar. Quer ajudar as pessoas.

Entrevista com a Mãe 8:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 33 anos - Nº. de filhos: 2 filhos (1 falecido)- Sexo do(a) filho(a) falecido(a): menina - Idade do(a) filho(a): 2 anos- Tempo de falecimento: 1 ano e 10 meses

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Deu tiroteio perto de casa, ela estava do meu lado na porta de casa e a bala pegou direto dela Chegou raspar no meu braço [...].</i>	A mãe relatou que sua filha foi baleada num tiroteio.

2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sou da Assembleia de Deus. Desde minha vó. [...]</i>	A mãe participa da Assembleia de Deus.

3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] As pessoas da igreja fizeram umas visitas, me convidavam pra ir lá no culto. Gosto de lembrar as coisas boas e ver as fotos dela. [...]</i>	A mãe disse as pessoas da igreja fizeram umas visitas, lhe convidavam pra ir lá no culto. A mãe lembra as coisas boas e olha as fotos da filha.

4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Lembro que ela estava com um vestido rosa, cumprido. Sabe, eu tirei ela do caixãozinho e peguei ela no colo (choro), fiquei com ela um pouco, depois coloquei ela de novo. [...]</i>	A mãe lembrou que a menina tinha um vestido rosa e que ela pegou ela no colo durante o velório.

5- Como você define morte?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] O que morre é a matéria da gente. Nosso espírito vai com Deus.</i>	A mãe acredita que o que morre é o corpo e que o espírito vai com Deus.

6- Você acredita que existe vida após a morte? (x) Sim () Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Acredito que existe vida junto de Deus, mas nosso corpo, nossa matéria fica aqui. Ele não vai mudar. [...]</i>	A mãe acredita na vida após a morte, mas o corpo fica aqui e não vai mudar.

7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? (x) Sim () Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...]Essa parte não sei explicar, mas mais acredito do que não. [...]</i>	A mãe disse que tem dúvidas, mas acredita.

8- Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...]. Sei que a minha menina vai correr para os meus braços (choro). [...]</i>	A mãe acredita muito. Pensa que a sua menina vai correr para os seus braços.

9- O que é Ressurreição?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Acredito em Jesus Cristo, ele foi exemplo de amor. Ele morreu e viveu de novo. [...]</i>	A mãe disse que acredita que Jesus Cristo morreu e viveu de novo.

10- Você acredita que iremos ressuscitar? (x)Sim ()Não. Comente.

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Mas minha menina está dormindo em Deus até chegar a nossa ressurreição. [...]</i>	A mãe disse que sua filha está dormindo em Deus até chegar a ressurreição.

11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu (sua) filho(a)? Por quê?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] É uma esperança que se tem. Se não acreditaria nisso acho que seria muito pior. [...]</i>	A mãe diz que é uma esperança que se tem. Se não acreditar nisso acha que seria muito pior.

12- Atualmente, em que você tem esperança?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Então tenho que fazer o bem para também ir junto da minha filha. Rezo todos os dias de manhã, entrego tudo a Deus. Parece que deixei de lembrar que o meu filho que está comigo precisa de mim. Ele reclama disso. [...]</i>	A mãe disse que reza, tem esperança na vida, que precisa fazer o bem. Ela entrega tudo a Deus. A mãe admite que parece ter deixado de ser mãe do filho que ficou, que sente essa situação.

Entrevista com a Mãe 9:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 61 anos - Nº. de filhos: 2 (1 falecido)- Sexo do(a) filho(a) falecido(a): masculino - Idade do(a) filho(a): 31 anos- Tempo de falecimento: 2 anos e 9 meses

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Acidente de carro. Estava com dois amigos, o amigo estava dirigindo. [...]</i>	A mãe contou que o filho sofreu um acidente de carro.

2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...]. Me considero católica, mas não sou muito praticante.. [...]</i>	A mãe disse ser católica não praticante. Tem muitas dúvidas em relação à fé.

3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Os amigos confortaram bastante. As pessoas prontas para ouvir. O abraço das pessoas amigas foi muito bom. Uma amiga me disse que meu filho não quis quan-</i>	A mãe contou que os amigos e os abraços dos amigos confortaram bastante, assim como as pessoas que eram prontas para a ouvir. Uma amiga disse que ele não quis

<i>tidade, mas qualidade. [...]</i>	quantidade, mas qualidade. Isso lhe confortou.
-------------------------------------	--

- 4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Foi a quantidade e carinho de pessoas que nem conhecia. Eu parecia anestesiada, é muita gente. Lembro muito dos colegas chorando e o que diziam sobre ele. Nenhuma oração me consolava porque estava com raiva de Deus. Até hoje não entendo e peço a Deus por que aconteceu comigo e com o meu filho. [...]</i>	A mãe relatou que se sentia anestesiada. O que a confortou foi a quantidade de pessoas. Disse que se sentia anestesiado, Ela disse que estava com raiva de Deus e nenhuma oração a consolou. Questiona Deus porque foi acontecer isso com ela e o filho.

- 5- Como você define morte?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] A morte não tem lógica. A medicina diante da morte é impotente.. Eu até hoje acho que vou ver meu filho qualquer momento. [...]</i>	Para a mãe a morte não tem lógica. Perder um filho não tem explicação. É uma dor insuportável. A morte não mata a gente.

- 6- Você acredita que existe vida após a morte? () Sim () Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Até quis acreditar. Eu acredito em Deus, mas tenho dúvida se existe mesmo algo tão bom que nos espera. [...]</i>	A mãe demonstrou ter dúvidas sobre a vida após a morte.

- 7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? () Sim (x) Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Nunca acreditei nisso. Acho que confundiria ainda mais o sofrimento. Morreu, morreu. [...].</i>	A mãe não acredita que os mortos podem voltar.

- 8- Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Eu tenho dúvida, mas gostaria e não</i>	A mãe disse que gostaria de reencontrar,

<i>tem mãe que não gostaria de reencontrar seu filho.</i>	mas tem dúvidas de que seja possível.
---	---------------------------------------

9- O que é Ressurreição?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] A gente sabe que Jesus ressuscitou, se houve nas missas, acredito. [...]</i>	A mãe acredita que Jesus ressuscitou. Mas acreditava mais antes de perder o filho.

10- Você acredita que iremos ressuscitar? () Sim (x) Não. Comente.

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Acho que não. Se um dia em chegar diante de Deus vou perguntar para ele o que fiz para merecer isso. Acredito em Deus, mas não sei se tem outro lugar para a gente ir. [...]</i>	A mãe acha que não. Sabe que todos sofrem, mas se sente injustiçada. Ela tem dúvida de que tenha outro lugar para ir após a morte.

11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu (sua) filho(a)? Por quê?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Não. E não encontrei respostas. É uma mistura de sentimentos: fé e revolta. [...]</i>	A mãe disse que não. Sente uma mistura de sentimentos: fé e revolta.

12- Atualmente, em que você tem esperança?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] É viver cada dia. Mas minha esperança é muito limitada desde o acontecimento que desmoronou.. Sempre tem aquela falta. [...]</i>	A mãe disse que a esperança é muito limitada desde o acontecimento que desmoronou. Sempre tem aquela falta.

Entrevista com a Mãe 10:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 49 anos - Nº. de filhos: 2 filhos (1 falecido)- Sexo do(a) filho(a) falecido(a): masculino - Idade do(a) filho(a): 15 anos- Tempo de falecimento: 3 anos

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
-----------------	---------------

<i>[...] Foi uma acidente de carro. Ele estava dirigindo. [...]</i>	A mãe contou que o filho sofreu um acidente de carro. Ele estava dirigindo.
---	---

- 2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sou católica. Gostaria de ser mais praticante. [...]</i>	A mãe disse que é católica.

- 3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Durante os dois primeiros anos, nada me consolava. Não lembro de datas comemoradas neste período. Nossa vida parou.. Fiz um painel grande com a foto dele, quando chego em casa parece que ele está lá. [...]</i>	A mãe disse que durante os dois primeiros anos, nada a consolava. Nem preces, nem amigos. Ela disse que a vida parou. Fez um painel com a foto dele pois parece que ele está em casa.

- 4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Lembro muito dos colegas de aula chorando muito. Recebi muitos abraços de amigos e família que ajudava bastante. [...]</i>	A mãe relata que confortou muito foi os colegas de aula chorando muito. Os abraços de amigos e família ajudava bastante.

- 5- Como você define morte?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Nós nascemos sabendo que um dia vamos morrer. A morte é como um livro que em certo dia chega na página com seu nome e você morre. [...]</i>	A mãe comparou que a morte é como um livro que em certo dia chega na página com seu nome e você morre.

- 6- Você acredita que existe vida após a morte? (x) Sim () Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...]Acredito muito porque é essa esperança. [...]</i>	A mãe acredita muito porque é essa esperança.

- 7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? () Sim (x) Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Mas no fundo eu sabia que ele estava com Deus. Li muita coisa espírita. [...]</i>	A mãe relatou que no fundo sabe que ele está com Deus.

8- Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Acredito muito. É A maior alegria que poderei ter na vida. [...]</i>	A mãe diz acreditar muito que irá reencontrar seu filho. É a maior alegria que poderá ter na vida.

9- O que é Ressurreição?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] A Igreja ensina que por causa de Jesus, nós também vamos ressuscitar. É uma vida nova em Deus. [...]</i>	A mãe disse que por causa de Jesus, nós também vamos ressuscitar. É uma vida nova em Deus.

10- Você acredita que iremos ressuscitar? (x)Sim ()Não. Comente

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] A Igreja diz hoje que se ressuscita de corpo e alma, mas acho que só nosso espírito ressuscita. Vamos ter um corpo glorioso, diz a Igreja, mas é difícil entender... Para uma mãe tranquiliza entender melhor. [...]</i>	A mãe relatou que a Igreja diz hoje que se ressuscita de corpo e alma, mas ela acha que só nosso espírito ressuscita. Para uma mãe tranquiliza entender melhor.

11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu (sua) filho(a)? Por quê?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Como disse nada me consolou nos primeiros tempos. Hoje o que mais me ajuda é ajudar os outros. [...]</i>	O que mais ajuda para a mãe é ajudar as pessoas.

12- Atualmente, em que você tem esperança?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Quero ver minha família bem. Durante muito tempo tive muita revolta com tudo, com Deus, comigo, até com o D. por ter desobedecido, fui muito amarga. Ele</i>	A mãe quer ver sua família bem. Durante muito tempo esteve muita revolta com tudo, com Deus, consigo, até com filho, por ter desobedecido, ficou muito amarga.

<i>sempre fez tudo o que quis, não entendo porque Deus deixou isto acontecer. Tenho que dar mais atenção para a minha filha que está viva. Porque ela me disse: perdi meu irmão e você também? [...]</i>	Disse que o filho sempre fez tudo o que quis e não entende porque Deus deixou isso acontecer. A filha cobra a presença e atenção da mãe.
--	--

Entrevista com Mãe a 11:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 49 anos - Nº. de filhos: 2 (1 falecido)- Sexo do(a) filho(a) falecido(a): masculino - Idade do(a) filho(a): 18 anos- Tempo de falecimento: 3 anos

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Ele foi assassinado no dia de Natal. Nunca tinha brigado com ninguém, era uma rapaz educado, querido. [...]</i>	A mãe contou que o filho foi assassinado no dia de Natal.

2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sou católica. Não vou muito à igreja, mas rezo bastante. [...]</i>	A mãe disse que é católica mas não muito praticante.

3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] As manifestações de carinho. Ele era uma pessoa muito boa, todo muito gostava. Ele escreveu uma carta um tempo antes, mas ninguém sabia.. Até hoje, a qualquer momento parece que ele vem pra casa. Sinto o cheiro dele no quarto, converso com ele em pensamento. Olho muito as fotos e sei que continua lindo. [...]</i>	A mãe disse que o que confortou muito foram as manifestações de carinho. Também encontrou uma carta escrita pelo filho e eles guardam até hoje. Parece que o filho voltará para casa a qualquer momento. Olha as fotos do filho.

4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...]. Eu me lembro só dele e do que fala-</i>	Ela disse que lembra só dele e do que

<i>vam dele. O que me conformava era quando alguém dizia que ele ia ficar com Deus. É difícil passar uma semana sem no cemitério, mesmo que chova. [...].</i>	falavam dele. Confortava quando diziam que o filho ficaria com Deus. Vai ao cemitério.
---	--

5- Como você define morte?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] A morte é o fim da vida. Morte é quando tudo cessa, e se vai para outra fase, outra etapa. [...]</i>	A mãe disse que a morte é o fim, não tem volta nesse mundo. É quando se vai para outra etapa.

6- Você acredita que existe vida após a morte? (x) Sim () Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Existe sim. Imagino a vida eterna um lugar de felicidade, de paz com Deus... Seria muito triste pensar: morreu, morreu. [...]</i>	A mãe acredita na vida após a morte e acredita num lugar de felicidade e paz.

7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? () Sim (x) Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Nem passa isso pela minha cabeça.. [...]</i>	A mãe não acredita.

8- Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Isso me ajuda a continuar, a ter esperanças. Ele tinha tantos sonhos (choro). [...]</i>	A mãe disse que essa esperança ajuda ela a continuar.

9- O que é Ressurreição?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] É que Jesus Cristo venceu a morte. [...]</i>	<i>Para a mãe, ressurreição é que Jesus Cristo venceu a morte.</i>

10- Você acredita que iremos ressuscitar? (x) Sim () Não. Comente.

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] É a nossa alma que vive junto de Deus. No céu não precisaremos de um novo corpo. [...]</i>	A alma vai para Deus. No céu não precisaremos de um novo corpo.

11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu (sua) filho(a)? Por quê?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] É uma coisa que se fala pouco. Não se tem certeza e quando se perde um filho a gente queria ter certeza das coisas.</i>	Se fala pouco, mas gostaria de saber mais, ter mais certezas das coisas.

12- Atualmente, em que você tem esperança?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Minha esperança sempre está em Deus. Sei que Deus me carrega no colo em todos os momentos difíceis. [...]</i>	A mãe disse ter sempre a esperança em Deus.

Entrevista com a Mãe 12:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 41 anos - Nº. de filhos: 2 (1 falecido)- Sexo do(a) filho(a) falecido(a): masculino - Idade do(a) filho(a): 15 anos- Tempo de falecimento: 2 anos

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Foi um acidente de moto. Estava na carona e o amigo dele desgovernou a moto e eles caíram dentro de um açude. [...]</i>	A mãe contou que o filho morreu de um acidente de moto.

2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sou da Deus é amor. Estou indo mais na igreja para ter mais força. [...]</i>	A mãe participa da Igreja Deus é Amor.

3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Quando vejo pessoas que também perderam seus filhos e que dizem que um dia vão se encontrar, e isso dá muita esperança. Rezo, vou no culto, rezo. [...]</i>	A mãe disse que a confortou Quando as pessoas dizem que um dia vão se encontrar. Isso dá muita esperança. Ela reza, vai no culto que a conforta bastante.

4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Todo o dia eu lembro do enterro, mas</i>	A mãe disse que parecia não ser ela mes-

<i>naquela hora nada conforta. Parecia que não era eu, ali. Entreguei ele a Deus. [...]</i>	ma,ali. Ela disse que com a ajuda do pastor entregou o filho a Deus.
---	--

5- Como você define morte?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] A morte é o fim nesse mundo. Se apagou naquela hora e tu não consegue trazer de volta. [...]</i>	A mãe disse que a morte é o fim nesse mundo. Sente que perdeu um pedaço de si e que não é mais ela mesma.

6- Você acredita que existe vida após a morte? (x) Sim () Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Tento acreditar, porque é a esperança que se tem. [...]</i>	A mãe disse que tenta acreditar, porque é a esperança que se tem.

7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? () Sim (x) Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Já fui em centro espírita, mas não acredito. [...]</i>	A mãe já foi em centro espírita mas não acredita.

8- Você acredita que poderá reencontrar seu(sua) filho(a)? Onde e Como?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sim. A Igreja foi ensinando. Está na Bíblia. Seremos julgados. Ele tá dormindo aguardando a vinda de Deus para fazer um mundo novo. [...]</i>	Disse ela que a Igreja foi ensinando, e, está na Bíblia. Seremos julgados. O filho está dormindo aguardando a vinda de Deus para fazer um mundo novo.

9- O que é Ressurreição?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Jesus Cristo morreu e ressuscitou e ele venceu a morte. Diz a Bíblia que a ressurreição de Jesus salvou a todos nós, né. [...]</i>	A mãe disse que Jesus Cristo morreu e ressuscitou e ele venceu a morte. Ela lembra que a Bíblia diz que a ressurreição de Jesus trouxe a salvação.

10- Você acredita que iremos ressuscitar? (x) Sim () Não. Comente.

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] É, se Jesus salvou nós com a sua morte, nós vamos ressuscitar. Vamos ressuscitar como é. Mas não sabemos como, acho que é a alma porque o corpo é só</i>	<i>A mãe acredita que vamos ressuscitar. Ela disse que não sabemos como ressuscitaremos. Mas acha que é a alma, porque o corpo é só matéria.</i>

<i>matéria. [...]</i>	
-----------------------	--

11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu (sua) filho(a)? Por quê?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] É o que dá a força. Parece que a gente fica mais forte. [...]</i>	A mãe disse que a fé na ressurreição lhe dá força.

12- Atualmente, em que você tem esperança?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Peço sempre para Deus que de força pra nós continuar vivendo. Tenho que pensar no meu outro filho. [...]</i>	A mãe disse que pede ajuda de Deus que dê forças para continuar. Ela disse que tem que pensar mais no outro filho.

Entrevista com a Mãe 13:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 54 anos - Nº. de filhos: 2 filhas (1 falecida)- Sexo do(a) filho(a) falecido(a): moça - Idade do(a) filho(a): 27 anos- Tempo de falecimento: 7 meses

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Ela era bailarina. Foi acidente de carro. [...]</i>	A mãe contou que a filha morreu em acidente de carro.

2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sou católica. Participo da Igreja. [...]</i>	A mãe é católica praticante.

3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] O abraço de uma pessoa amiga, uma palavra de carinho ajuda muito. Na hora me revoltei com Deus, com tudo. Sinto o cheiro dela no quarto. Fico lá um pouco todos os dias(no quarto), choro, falo um pouco com ela, depois me alivia. Acendo velas para ela. [...]</i>	A mãe disse que várias coisas a confortaram: O abraço de uma pessoa amiga, uma palavra de carinho ajuda muito. A mãe fica no quarto da filha sentindo seu cheiro. A mãe também acende velas para a filha.

- 4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Me lembro pouca coisa. Foi falado muita coisa bonita dela, eu sei que ela construiu uma vida muito bonita nesses 27 anos. [...]</i>	A mãe disse não lembrar de alguma palavra. Lembra que o que a confortou foram as manifestações de carinho pela filha.

- 5- Como você define morte?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Muito triste. Tu sabe que vai passar por isso. A morte é uma ruptura que arreventa o coração de uma mãe. Minha filha tinha tanta vida, tantos sonhos, o casamento marcado, e tudo acabou. [...]</i>	A mãe define a morte como algo muito triste. Ninguém está preparado. A morte é uma ruptura que arreventa o coração de uma mãe. Diz que a filha tinha muitos sonhos e planos.

- 6- Você acredita que existe vida após a morte? (x)Sim () Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...]. Eu acredito que exista. Acho que alguma coisa tem. ela está em Deus. [...]</i>	A mãe disse que acredita que exista. Acha que alguma coisa tem. E que a filha está com Deus.

- 7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? ()Sim (x) Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Vou às vezes no espiritismo e isso eu não aceito. [...]</i>	A mãe disse que embora frequente às vezes no espiritismo isso ela não aceita.

- 8- Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Eu imagino reencontrando ela como ela estava quando partiu. Mas às vezes tenho dúvida, fico imaginando como aconteceria. [...]</i>	A mãe disse que se imagina reencontrando a filha, mas tem dúvidas de não ser verdade. Disse que seria muito triste pensar: morreu, morreu.

- 9- O que é Ressurreição?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Jesus ressuscitou de corpo e alma. E nossa fé católica diz isso. [...]</i>	A mãe disse que Jesus ressuscitou de corpo e alma. E a fé católica diz isso.

10- Você acredita que iremos ressuscitar? (x)Sim ()Não. Comente.

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Embora tenha dúvidas, acho que também vamos ressuscitar. Agente tem que acreditar em algo. Como será se vai ser esse corpo ou outro não sei. [...]</i>	A mãe disse que mesmo com dúvidas, acha que também vamos ressuscitar. Mas como será, se vai ser esse corpo ou outro ela não sabe.

11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu (sua) filho(a)? Por quê?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Num primeiro momento nada tira o sofrimento.. Principalmente quando é filho. [...]</i>	A mãe disse que <i>pensar em</i> Ressuscitar ajuda por saber que se tem esperança e isso conforta, mas a dor não passa em nenhum momento.

12- Atualmente, em que você tem esperança?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Diria para todas as mães que rezar conforma o coração da gente. Sem dúvida a fé é o meu suporte. Passamos a ir mais na igreja e nos faz muito bem, nos alivia, sentimos a força de Deus.[...]</i>	A mãe tem fé <i>que vai conseguir se reerguer um pouco mais do que hoje. A mãe disse que rezar conforta o coração e frequenta mais a Igreja pois sente alívio e a força de Deus.</i>

Entrevista com a Mãe 14:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 60 anos - Nº. de filhos: 2 (1 falecido)- Sexo do(a) filho(a) falecido(a): masculino - Idade do(a) filho(a): 36 anos- Tempo de falecimento: 3 anos

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Foi acidente. Ele era caminhoneiro, Ele caiu pra fora do caminhão. [...]</i>	A mãe contou que a morte do filho foi um acidente com caminhão que transportava.

2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sou evangélica. Da Universal do</i>	A mãe é da Universal do reino de Deus.

- | | |
|-----------------------------|--|
| <i>Reino de Deus. [...]</i> | |
|-----------------------------|--|
- 3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?
- | Expressão-chave | Ideia central |
|--|---|
| <i>[...] A gente sente culpa, raiva, sentimento de querer respostas. O pastor e as pessoas da Igreja me confortaram, iam lá em casa rezar comigo, às vezes. Esses dias eram sempre melhor que os outros. [...]</i> | A mãe disse que sente culpa, raiva e busca respostas. O pastor e as pessoas da Igreja confortaram. Iam rezar com a mãe. |
- 4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?
- | Expressão-chave | Ideia central |
|---|--|
| <i>[...] O pastor falou da vida eterna, teve muitas orações que me confortava, mas não lembro de detalhes. Hoje quando vou a Igreja, a frase: “O Senhor é meu pastor, nada me faltará” me conforta muito. [...]</i> | A mãe lembrou que o pastor falou da vida eterna, teve muitas orações que confortavam, mas não lembra de detalhes. Hoje quando vai à Igreja, a frase: “O Senhor é meu pastor, nada me faltará”, a conforta. |
- 5- Como você define morte?
- | Expressão-chave | Ideia central |
|---|---|
| <i>[...] Um dia chega a nossa hora, e chegará para todo mundo mas porque não se sabe quando vai acontecer a morte. Mas é algo muito triste. [...]</i> | A mãe disse que todos tem sua hora, e não se sabe como vai acontecer. Mas é muito triste. |
- 6- Você acredita que existe vida após a morte? (x) Sim () Não
- | Expressão-chave | Ideia central |
|---|--|
| <i>[...] Claro. A morte traz dor, sofrimento, termina essa vida pra começar outra em Deus sem sofrimento. Mas temos que esperar adormecer em Deus para acordar no grande dia. [...]</i> | A mãe acredita em vida após a morte. Ela disse que a morte traz dor, sofrimento, termina essa vida pra começar outra em Deus sem sofrimento. Mas temos que esperar adormecer em Deus para acordar no grande dia. |
- 7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? () Sim (x) Não
- | Expressão-chave | Ideia central |
|----------------------------------|---------------------|
| <i>[...] Não acredito. [...]</i> | A mãe não acredita. |

8- Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Tenho certeza que vamos nos encontrar de novo, assim como meu pai, minha mãe. [...]</i>	A mãe disse ter a certeza de que irá reencontrar seu filho.

9- O que é Ressurreição?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Diz a Bíblia que no grande dia, Jesus virá ressuscitar os mortos e dar uma nova vida. [...]</i>	A mãe disse que a Bíblia diz que no grande dia, Jesus virá ressuscitar os mortos e dar uma nova vida.

10- Você acredita que iremos ressuscitar? (x)Sim ()Não. Comente.

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Como diz a Bíblia nosso corpo vai ressuscitar também, teremos um corpo celeste. Esse grande dia é o dia da vinda de Jesus Cristo. Só que ninguém sabe quando ele vai vir. [...]</i>	A mãe disse que conforme diz a Bíblia, nosso corpo vai ressuscitar também, teremos um corpo celeste.. Esse grande dia é o dia da vinda de Jesus Cristo.

11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu (sua) filho(a)? Por quê?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Imagina, claro que no encontro maravilhoso com Deus, com o Senhor Jesus que vem buscar o povo dele. [...]</i>	A mãe disse que ajudou e muito. Vai ser um encontro maravilhoso onde Jesus vem buscar seu povo.

12- Atualmente, em que você tem esperança?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] A esperança no grande dia e do encontro com meu filho e com o Senhor Jesus. [...]</i>	A mãe disse tem a esperança no grande dia e do encontro com o filho e com o Senhor Jesus.

Entrevista com Mãe a 15:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 57 anos - Nº. de filhos: 3 (1 falecido)- Sexo do(a) filho(a) falecido(a): masculino - Idade do(a) filho(a): 27 anos- Tempo de falecimento: 3 anos

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Foi suicídio. Ele se enforcou. Na verdade por causa das drogas (choro). [...]</i>	A mãe contou que seu filho cometeu suicídio através de enforcamento, devido o uso de drogas.

2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sou católica. Participo da Igreja em tudo o que precisar. [...]</i>	A mãe é católica praticante e atuante na pastoral.

3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sem a presença das amigas seria muito pior. A fé em Deus também é o que me dá força. Mando rezar missa todos os meses para ele.</i>	A presença das amigas foi muito importante. A fé em Deus também é o que me dá força. A mãe manda rezar missas para o filho.

4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] No momento que vi ele na capela (choro) foi quando caiu a ficha de que tinha perdido de vez. Minhas amigas da Igreja estavam todas lá comigo, agente se deu as mãos. [...]</i>	A mãe disse que percebeu que era uma verdade o que tinha acontecido no momento em que chegou na capela do velório. As amigas da Igreja estavam lá confortando-a. Se deram as mãos.

5- Como você define morte?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Todos nós vamos ter que passar por ela, mas não se imagina como será. Só mesmo quando bate na porta da gente. porque Jesus mesmo sofreu a maldade desse mundo.</i>	A mãe disse que todos nós temos que passar pela morte, não nunca se imagina como será. Mesmo Deus sofreu a maldade desse mundo.

- | | | |
|--|---------------------------|--|
| | <i>desse mundo. [...]</i> | |
|--|---------------------------|--|
- 6- Você acredita que existe vida após a morte? () Sim () Não
- | Expressão-chave | Ideia central |
|--|---|
| <i>[...] Sim, acredito e muito. Nem imagino não tendo nada lá. Acho que Deus preparou o melhor para nós. [...]</i> | A mãe respondeu que, acredita e muito. Nem imagina não tendo nada lá. |
- 7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? () Sim () Não
- | Expressão-chave | Ideia central |
|--|---|
| <i>[...] Às vezes agente ouve tantas conversas que fica na dúvida, mas acho que não. [...]</i> | A mãe disse que embora escute muitas coisas sobre isso, ela não acredita. |
- 8- Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?
- | Expressão-chave | Ideia central |
|---|---|
| <i>[...] Acredito e sonho com isso. Quando encontrar meu filho no céu, a primeira coisa é pergunta-lo por que fez isso? Por que não contou o que sentia?[...]</i> | A mãe disse que acredita e sonha com isso. Quer perguntar ao filho por que fez o que fez e não contou o que sentia. |
- 9- O que é Ressurreição?
- | Expressão-chave | Ideia central |
|---|--|
| <i>[...] Jesus já venceu a morte com a ressurreição dele. Ele é Deus e Filho de Deus. [...]</i> | A mãe acredita que Jesus passou pela morte e ressurreição. Ele é Deus e filho de Deus. |
- 10- Você acredita que iremos ressuscitar? () Sim () Não. Comente.
- | Expressão-chave | Ideia central |
|--|---|
| <i>[...] Acredito que nosso espírito sim vai ressuscitar, vai ter vida em Deus. Já nosso corpo tenho dúvidas, não entendo quando se diz creio na ressurreição da carne.. [...]</i> | A mãe acredita que nosso espírito vai ressuscitar, vai ter vida em Deus. A mãe não entende quando se fala na ressurreição da carne. |
- 11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu (sua) filho(a)? Por quê?
- | Expressão-chave | Ideia central |
|--|--|
| <i>[...] Me conforta só no céu ele iria des-</i> | A mãe disse que conforta a fé na ressurreição. |

<i>cansar[...]</i>	reição.
--------------------	---------

12- Atualmente, em que você tem esperança?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Tenho esperança em Deus. [...]</i>	Tem esperança que Deus lhe dará sempre força.

Entrevista com a Mãe 16:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 41 anos - Nº. de filhos: 1 falecida- Sexo do(a) filho(a) falecido(a): feminino - Idade do(a) filho(a): 19 anos- Tempo de falecimento: 2 anos e 4 meses

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Foi assassinada. Tinha deixado do namorado e ele estava importunando ela. [...]</i>	A mãe contou que a menina foi assassinada pelo ex-namorado.

2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sou da igreja Batista, participo bastante, me ajuda muito.</i>	A mãe é da Igreja Batista. A mãe participa porque lhe ajuda.

3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] O carinho e as manifestações de amizade. Olho as fotos porque era linda, beijo ela todas as manhãs. [...]</i>	A mãe disse que o que a confortou foi o carinho e as manifestações de amizade. A mãe beija a foto da filha todas as manhãs.

4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Pra mim, foi alguns dias pra ver que tinha acontecido mesmo. Naquele momento agente quer é aproveitar a ficar com a filha, não lembro das pessoas, o que elas diziam. O que me marcou que eu lembro foi duma música que ela cantava na igreja</i>	A mãe disse que foi uns dias para perceber que realmente era verdade. Naquele momento só queria ficar com a filha, não lembra das pessoas, o que elas diziam. O que me marcou que foi uma música que ela cantava na igreja e falava de ir para

<i>e falava de ir para Deus, para um lugar de amor. [...]</i>	Deus, para um lugar de amor.
---	------------------------------

5- Como você define morte?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] É algo horrível que acontece com todos que passam nesse mundo, até com Jesus Cristo. É um pedaço da gente que vai. É o fim da vida terrena. “Mesmo tendo muita fé, sabendo que todos teremos que passar, se sente diferente quando se trata do seu filho...” [...]</i>	A mãe definiu morte como algo horrível que acontece com todos que passam nesse mundo, até com Jesus Cristo.. É um pedaço da mãe que vai. É o fim da vida terrena. Mesmo sabendo que todos passam é diferente quando se trata do seu filho.

6- Você acredita que existe vida após a morte? (x) Sim () Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Muito. Sei que ela está dormindo junto de Deus, até a gente se encontrar de novo. Acredito que depois desse mundo difícil virá outro melhor. Diz a Bíblia: bem-aventurados os que choram porque serão consolados e verão a Deus. [...]</i>	A mãe acredita muito que a filha está em Deus e um dia vão se encontrar de novo. A mãe acredita que, depois deste mundo difícil virá um melhor. Ela cita as bem-aventuranças.

7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? () Sim (x) Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Não acredito.</i>	A mãe não acredita.

8- Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Isto sim. Hoje é tudo o que eu queria, embora não queira morrer, entende? Sei que tenho que esperar. E é essa espera que dói demais. [...]</i>	A mãe acredita que irá reencontrar sua filha. Ela sabe que terá que esperar, e essa espera dói muito.

9- O que é Ressurreição?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Através da morte e ressurreição de Cristo nós fomos salvos e podemos ir para o céu, para a vida eterna. [...]</i>	A mãe disse que pela morte e ressurreição de Cristo nós fomos salvos teremos a vida eterna.

10- Você acredita que iremos ressuscitar? (x)Sim ()Não. Comente.

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Iremos ressuscitar quando Cristo vier em sua glória, fará o julgamento de todas as coisas. Enquanto isso os mortos descansam adormecidos em Cristo. [...]</i>	A mãe acredita que iremos ressuscitar quando Cristo vier em sua glória, acontecerá o julgamento de todas as coisas. Enquanto isso os mortos descansam adormecidos em Cristo.

11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu (sua) filho(a)? Por quê?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] No consolo de que tem esperança pela frente sim. Sem dúvida a fé é o meu suporte. Rezo e vou no Culto. [...]</i>	<i>A mãe disse que tem esperança pela frente sim. Não perdeu a fé e a esperança em Deus. A mãe vai no culto.</i>

12- Atualmente, em que você tem esperança?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Vivo pensando em Deus, orando e todos os dias me lembro dela, penso nela. Minha esperança sempre está em Deus. [...]</i>	<i>A mãe disse viver pensando em Deus, orando e todos os dias lembra da filha. Precisa seguir em frente. Tem sempre esperança em Deus.</i>

Entrevista com a Mãe 17:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 68 anos - Nº. de filhos: 2 filhos (2 falecidos)- Sexo do(a) filho(a) falecido(a): feminino e masculino - Idade do(a) filho(a): 17 anos e 37 anos

- Tempo de falecimento: 3 anos e 1 ano

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Ela foi atropelada na rua da casa de uma tia nossa, perto da BR.. Em cinco dias ela morreu. O filho teve uma doença renal. [...]</i>	A mãe contou da perdas dos únicos dois filhos. A filha morreu atropelada e o filho, um tempo mais tarde por doença renal.

- 2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Nós somos católicos mas não praticantes. Mas não me revoltei contra Deus. Lembro do que Jesus passou na cruz. [...]</i>	A mãe disse que a família é católica não praticante. Lembra da cruz de Jesus e não se revoltou.

- 3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Não tem dor pior. Ainda mais os dois únicos filhos. Mas vejo tanta maldade no mundo. Sei que eles estão com Deus. Mando rezar missa todos os meses para ele. Confortava muito ir no cemitério. Nós íamos no cemitério todos os sábados. Foram até debaixo de neve. [...]</i>	A mãe disse que quando vê tanta maldade no mundo, pensa que os filhos estão com Deus. A mãe manda rezar missas e se sente consolada ao ir ao cemitério.

- 4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Do enterro dela eu me lembro pouca coisa. Lembro que tinha muita gente. Agente não consegue se situar. O frei disse que ela era uma pessoa especial..</i>	A mãe disse que do enterro da filha lembra pouca coisa. É difícil se situar. O frei falou que a filha era especial.

- 5- Como você define morte?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...]. As mães sofrem de modo inexplicável.</i>	A mãe disse que as mães sofrem de modo inexplicável.

- 6- Você acredita que existe vida após a morte? (x) Sim () Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Eu acredito que tenha algo bom nos esperando do outro lado. E a fé diz que Deus preparou um novo mundo pra nós onde não terá choro.. [...]</i>	A mãe acredita e disse que a fé afirma que Deus preparou um novo mundo pra nós onde não terá choro.

- 7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? () Sim (x) Não

Expressão-chave	Ideia central
[...] <i>Morreu, morreu. Não volta mais.</i> [...]	A mãe não acredita.

- 8- Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?

Expressão-chave	Ideia central
[...] <i>Olha, quanto a isso eu não sei. Sei que um dia eu também vou pra Deus, mas tenho dúvidas se vou reencontrar eles.</i> [...]	A mãe disse que saber que um dia ela também irá para Deus, mas tem dúvidas se vai reencontrar seus filhos.

- 9- O que é Ressurreição?

Expressão-chave	Ideia central
[...] <i>É o que aconteceu com Jesus, mas ele era Deus. Ele venceu a morte pra nos levar por céu, nos dá a vida eterna.</i> [...]	A mãe disse que ressurreição é o que aconteceu com Jesus, mas ele era Deus. Ele venceu a morte pra nos levar por céu, nos dá a vida eterna.

- 10- Você acredita que iremos ressuscitar? (x) Sim () Não. Comente.

Expressão-chave	Ideia central
[...] <i>Não acredito, ou melhor não sei. Acho que Jesus já ressuscitou por nós.</i> [...]	A mãe disse que não sabe Disse que Jesus já ressuscitou por nós.

- 11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu (sua) filho(a)? Por quê?

Expressão-chave	Ideia central
[...] <i>Não. O que ainda ajuda tranquiliza é a fé em Deus.</i> [...]	Não ajudou porque a mãe tem muitas dúvidas quanto a esse assunto, mas o que ainda ajuda é a fé em Deus.

- 12- Atualmente, em que você tem esperança?

Expressão-chave	Ideia central
[...] <i>Eles estão bem com Deus e ninguém está fazendo mal pra ele. Não digo que superamos, mas está dando pra viver. Sem Deus, sem Jesus acho que não suportaria.</i> [...]	A mãe disse que a esperança dela é ter a fé de que eles estão bem com Deus e ninguém tá fazendo mal pra ele. Está dando para viver. Sem Deus ela não suportaria.

Entrevista com a Mãe 18:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 53 anos - Nº. de filhos: 2 (1 falecido)- Sexo do(a) filho(a) falecido(a): masculino - Idade do(a) filho(a): 25 anos- Tempo de falecimento: 2 anos e 9 meses

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Ele se matou. Tomou quatro caixas de remédios, não lembro quais porque trabalhava no hospital. [...]</i>	A mãe contou que o filho cometeu suicídio com remédios.

2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sou de família luterana. Fui batizada na luterana, mas não frequento sempre. [...]</i>	A mãe é luterana.

3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Nada me confortava. Me revoltei no começo contra Deus. Tinha muita raiva de todo mundo. As pessoas da igreja iam me visitar e eu não queria, confesso que às vezes me escondia, não queria consolo, queria ficar sozinha. Isso aconteceu até o ano passado. [...]</i>	A mãe disse que nos primeiros tempos nada a confortava. Tinha raiva do mundo. A mãe disse que as pessoas da igreja iam fazer visitas mas ela não queria recebê-los, não queria consolo, queria ficar sozinha.

4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Minha revolta era com ele. Mas também sentia vergonha e culpa perante as pessoas, dele ter feito o que fez. [...]</i>	Contou que sentia revolta, vergonha e culpa perante as pessoas pelo suicídio do filho.

5- Como você define morte?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] É dolorosa porque é separação, mesmo que se tenha uma grande fé, a</i>	A morte é dolorosa porque é separação. A morte dói muito.

- | | |
|-------------------------------|--|
| <i>morte dói muito. [...]</i> | |
|-------------------------------|--|
- 6- Você acredita que existe vida após a morte? () Sim () Não
- | Expressão-chave | Ideia central |
|---|---|
| <i>[...] Acredito que depois desse mundo difícil virá outro melhor. Diz a bíblia: bem-aventurados os que choram porque serão consolados e verão a Deus. [...]</i> | A mãe disse que depois desse mundo difícil virá outro melhor. A mãe cita as bem-aventuranças. |
- 7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? () Sim () Não
- | Expressão-chave | Ideia central |
|----------------------------|---------------------|
| <i>[...] Não acredito.</i> | A mãe não acredita. |
- 8- Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?
- | Expressão-chave | Ideia central |
|--|---|
| <i>[...] Tenho muita esperança. Gostaria muito de saber o que aconteceu. [...]</i> | A mãe tem muita esperança. Gostaria muito de saber o que aconteceu. |
- 9- O que é Ressurreição?
- | Expressão-chave | Ideia central |
|---|---|
| <i>[...] Acredito que Jesus morreu e ressuscitou para nos mostrar o caminho do céu, para onde iremos. [...]</i> | A mãe disse que Jesus morreu e ressuscitou para nos mostrar o caminho do céu, para onde iremos. |
- 10- Você acredita que iremos ressuscitar? () Sim () Não. Comente.
- | Expressão-chave | Ideia central |
|--|---|
| <i>[...] Não. Só Jesus ressuscitou porque era o Filho de Deus. Com isso abriu as portas do céu para nós. [...]</i> | A mãe acha que somente Jesus ressuscitou porque era o Filho de Deus, mas abriu as portas do céu para nós. |
- 11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu (sua) filho(a)? Por quê?
- | Expressão-chave | Ideia central |
|--|---|
| <i>[...] Ele colocou fora o que Deus nos deu de mais precioso que é a vida. Por outro lado Deus é Pai, é perdão, é amor e sabe o que se passou de verdade. Quando penso assim me sinto melhor. Aí penso em reencontrá-lo e me consola. [...]</i> | A mãe tem dúvidas de que seu filho será salvo porque cometeu suicídio. Também comenta que pensa muito no Deus que é pai, é perdão e sabe o que aconteceu com o filho. Pensando assim se sente melhor e ajuda a superar. Se pensa em reencontrá- |

	lo, isso a consola.
--	---------------------

12- Atualmente, em que você tem esperança?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Ter a esperança de reencontrar meu filho e continuar vivendo a cada dia, porque hoje não faço muitos planos.. Sei que preciso voltar a ser mãe do filho que ficou. Ele sente essa falta [...]</i>	A mãe disse ter a esperança de reencontrar seu filho e continuar vivendo a cada dia, porque hoje não tem muitos planos. O filho vivo sente a falta da atenção da mãe.

Entrevista com a Mãe 19:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 62 anos - Nº. de filhos: 7 (1 falecido)- Sexo do(a) filho(a) falecido(a): masculino - Idade do(a) filho(a): 33 anos- Tempo de falecimento: 3 anos

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Foi assassinado. Os bandidos mataram ele. Ele tinha loja de materiais de construção. [...]</i>	A mãe contou que o filho foi assassinado na frente de sua casa.

2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Sou católica praticante. Participo da liturgia. [...]</i>	A mãe é católica praticante e participa da liturgia em sua comunidade.

3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Eu fui a primeira pessoa que pegou ele nos braços. Isso foi horrível no momento mas aquela cena me consola porque Nossa Senhora também pegou o filho morto injustamente nos braços. Então pensei, que sempre ela ia me dá força. Mas é uma dor muito grande. O padre e a zeladora da capelinha foram fazer umas visitas que ajudou muito. Tenho muita</i>	A mãe contou que foi a primeira pessoa que pegou ele nos braços. Isso foi horrível no momento, mas aquela cena a consola porque Nossa Senhora também pegou o filho morto injustamente nos braços. A mãe acredita que nossa Senhora sempre lhe dará forças. Ter ódio e vontade de vingança não acalma a dor da perda a não ser a fé.

<i>saudade. E eu Durante um ano coloquei um prato a mais na mesa, sem me dar conta. Quando via, estava sobrando um prato. Até que parei. Perdi meu filho, não adianta mais nada, nem ódio, nem vingança, porque nada acalmaria esta dor, a não ser a fé e Deus. [...]</i>	
---	--

- 4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Muita gente falava muita coisa que não lembro. Depois disso eu fiquei esquecida, tive depressão. Me confortou saber que eu estava entregando ele pra Deus. [...]</i>	A mãe disse que muita gente falava muita coisa que não lembra. Teve depressão. Confortava a mãe saber que entregava o filho a Deus.

- 5- Como você define morte?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Eu acredito que agente morre por causa do pecado que entrou no mundo porque as pessoas fazem muitas coisas erradas. Mas lá agente vai se achar de novo. [...]</i>	A mãe acredita que se morre por causa do pecado. Mas no céu vamos nos encontrar.

- 6- Você acredita que existe vida após a morte? (x) Sim () Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Acredito na Vida Eterna. [...]</i>	A mãe acredita na Vida Eterna.

- 7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? () Sim (x) Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Nunca acreditei, acho estranho, sou católica. [...]</i>	A mãe disse que nunca acreditou na reencarnação.

- 8- Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Acredito porque não pode ser que morre e termina tudo. Nós temos que es-</i>	A mãe acredita que poderá reencontrar seu filho. Segundo ela não pode ser que

<i>perar alguma coisa que é boa para nós. [...]</i>	quando se morre termina tudo.
---	-------------------------------

9- O que é Ressurreição?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Bem certo eu não sei. É como Jesus que morreu e ressuscitou. [...]</i>	A mãe disse que não sabe, mas é <i>como</i> Jesus que morreu e ressuscitou. A ressurreição é uma vida nova..

10- Você acredita que iremos ressuscitar? (x)Sim ()Não. Comente.

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Nós também vamos ressuscitar. Para isso temos que esperar junto de Deus mas ainda não no Reino novo que Jesus vem fazer no fim do mundo. Nosso espírito também vai ressuscitar para essa vida nova para sempre., no céu não vamos precisar de corpo nenhum. [...]</i>	A mãe disse que nós também vamos ressuscitar. Nosso espírito também vai ressuscitar para essa vida nova para sempre. A mãe acha que nosso corpo é só para esse mundo aqui na terra, no céu não vamos precisar de corpo nenhum.

11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu (sua) filho(a)? Por quê?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Me ajudou muito porque sei que perdi meu filho mas vou ver ele de novo. Mas me entrego nas mãos de Deus. [...]</i>	A mãe disse que a fé na ressurreição lhe ajudou muito porque sabe que vai ver o filho de novo.

12- Atualmente, em que você tem esperança?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Olha, eu acho que agente tem que fazer o bem e vamos receber o bem... Sem a fé em Jesus, não suportaria. [...]</i>	Para a mãe, a esperança está em fazer o bem, e receber o bem. A mãe diz que sem a fé em Jesus não suportaria.

Entrevista com a Mãe 20:

Dados de Identificação

- Idade da mãe: 52 anos - Nº. de filhos: 3 (1 falecido)- Sexo do(a) filho(a) falecido(a): masculino - Idade do(a) filho(a): 24 anos- Tempo de falecimento: 2 anos e 10 meses

1- O que causou a morte violenta de seu (sua) filho(a)?

Expressão-chave	Ideia central
[...] <i>Ele se matou com um tiro no coração (choro). [...]</i>	A mãe disse que o filho cometeu suicídio com um tiro no coração.

- 2- Você possui alguma confissão religiosa? Qual? Você a pratica com frequência?

Expressão-chave	Ideia central
[...] <i>Sou católica, mas não vou muito na missa. [...]</i>	A mãe disse que é católica não praticante.

- 3- Quais palavras ou gestos confortaram você perante o sofrimento?

Expressão-chave	Ideia central
[...] <i>Ele deixou uma carta para que nós cuidasse das crianças, dizendo que nos amava. , mas que nós não tinha culpa de nada. [...]</i>	A mãe disse que várias coisas a confortaram, entre elas que ele deixou uma carta dizendo que nos amava e que ninguém tinha culpa.

- 4- O que você mais lembra do funeral? Alguma frase ou momento da cerimônia confortou você? () Não (x) Sim () Qual?

Expressão-chave	Ideia central
[...] <i>Ver os amigos que vem, te abraçam sempre conforta, mas ao mesmo tempo parece que tu não tá ali, que não é verdade, que é mentira. Essa é a minha preocupação porque se matou.[...]</i>	A mãe relatou que confortava muito a presença dos amigos, embora somente dias depois é que se deu conta mesmo do que tinha acontecido .O que confortava ainda mais a mãe era quando alguém dizia que ele ia ficar com Deus. Essa era a sua preocupação.

- 5- Como você define morte?

Expressão-chave	Ideia central
[...] <i>Não consigo entender. Mas acho que é o fim da vida, da nossa missão, do nosso caminho aqui na terra. [...]</i>	A mãe disse que a morte é difícil de entender, mas que acha que é o fim da vida, da nossa missão, do nosso caminho aqui na terra.

- 6- Você acredita que existe vida após a morte? (x)Sim () Não

Expressão-chave	Ideia central
[...] <i>Acredito e rezo muito para que meu filho esteja com Deus. Acredito, mas não</i>	A mãe acredita e reza pelo seu filho. A mãe tem dúvidas se o filho está no céu

<i>sei como fica no caso dele que se suicidou, mas sei que Deus é perdão e deve saber porque ele fez isso,né? [...]</i>	porque se suicidou.
---	---------------------

- 7- Você acredita que os mortos podem voltar a este mundo? () Sim (x) Não

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Acho que se vem uma vez só para esse mundo .[...]</i>	A mãe não acredita na reencarnação.

- 8- Você acredita que poderá reencontrar seu (sua) filho(a)? Onde e Como?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] No céu sim. Espero muito. Ficaria mais tranquila. [...]</i>	A mãe acredita em reencontrar seu filho no céu. Disse que ficaria muito tranquila.

- 9- O que é Ressurreição?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Foi o que aconteceu com Jesus Cristo que passou da morte para a vida. [...]</i>	A mãe disse que foi o que aconteceu com Jesus Cristo que passou da morte para a vida.

- 10- Você acredita que iremos ressuscitar? (x) Sim () Não. Comente.

- 11- A fé na Ressurreição lhe ajudou em algum momento no luto de seu (sua) filho(a)? Por quê?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] Embora tivesse muitas dúvidas, me ajudou porque tinha medo dele sofrer. Mas certamente saber que Deus está com ele isso conforta no luto. [...]</i>	A mãe disse que apesar das dúvidas a fé lhe ajudou porque tinha medo do filho sofrer. Para a mãe, saber que Deus está com ele, isso conforta no luto.

- 12- Atualmente, em que você tem esperança?

Expressão-chave	Ideia central
<i>[...] De entregar ele a Deus. [...]</i>	A mãe entrega o filho a Deus